



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

RENATA ROCHA CARDOSO

**ENTRE LEITURAS E MAPAS: A TRANSCENDÊNCIA DA SUBJETIVIDADE NA
LITERATURA E NA FORMAÇÃO INDIVIDUAL/ SOCIAL DE ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Porto Nacional - TO

2023

RENATA ROCHA CARDOSO

**ENTRE LEITURAS E MAPAS: A TRANSCENDÊNCIA DA SUBJETIVIDADE NA
LITERATURA E NA FORMAÇÃO INDIVIDUAL/ SOCIAL DE ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

Porto Nacional – TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R394e Rocha Cardoso, Renata.
Entre Leituras e MapasS: A transcendência da Subjetividade na Literatura e na Formação Individual/Social de estudantes da Educação de Jovens e Aadultos (EJA). / Renata Rocha Cardoso. – Porto Nacional, TO, 2023.
175 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
(Mestrado) em Letras, 2023.
Orientador: Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
1. Literatura. 2. Subjetividade. 3. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 4. Leitura Literária. 5. Cartografia.

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RENATA ROCHA CARDOSO

ENTRE LEITURAS E MAPAS: A TRANSCENDÊNCIA DA SUBJETIVIDADE NA
LITERATURA E NA FORMAÇÃO INDIVIDUAL/SOCIAL DE ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Dissertação apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 02 / 06 / 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio, UFT

Prof. Dra. Dalve Oliveira Batista-Santos, UFT

Prof. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro, UNB

Dedico este trabalho a minha família, em especial aos meus pais de coração (In memoriam), Cícero e Raimunda, e minha mãe, Guilhermina, pois sempre estiveram ao meu lado, apoiando, incentivando, e acima de tudo, torcendo por minhas/nossas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a oportunidade de cursar o mestrado em Letras e também por ter me proporcionado saúde física e mental no decorrer desta jornada, posto que, os anos de 2020, 2021 e 2022 foram cheios de desafios como Pandemia – Covid 19, guerras, desempregos, crise política, inflação, mas gradualmente vamos vencendo na esperança de um mundo melhor, onde haja mais empatia e democracia.

Agracio minha família na pessoa da minha querida irmã Jandecir que sempre me incentivou/incentiva nas minhas decisões e no mestrado foi minha base, corretora, consultora. Obrigada Jandinha!

As amigas, amigos, colegas de trabalho um agradecimento mais que especial, pois mesmo com a distância imposta pela pandemia e/ou da licença para aperfeiçoamento profissional, não deixaram de me apoiar, ligar, interceder em suas orações, enviar mensagens e, principalmente, não se esqueceram de me convidar para as resenhas.

Agradeço aos(as) estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) que se disponibilizaram a participarem ativamente desta pesquisa, bem como, à Diretoria Regional de Educação de Pedro Afonso, Escola Estadual Ana Amorim e Secretaria Estadual de Educação do Tocantins – Seduc, pela parceria e esclarecimentos a mim ofertados.

Agradeço as professoras Dalve (UFT) e Ormezinda (UNB) por aceitarem participar da banca de defesa e pelas contribuições deliberadas para o aprimoramento desta dissertação.

Aos(as) colegas de turma, professores(as) do PPGL, campus de Porto Nacional, minha gratidão por tantos aprendizados nestes dois anos, em especial ao meu orientador Juliano Casimiro, que com toda sua sensatez e paciência me direcionou nesta pesquisa, mesmo quando acreditei que seria impossível concretizar nossas ideias. Obrigada!

E por último, porém não menos importante agradeço, ao meu esposo pelo apoio, sei que tiveram dias que eu estava insuportavelmente estressada e acabava descontando nele, contudo, sempre estive ao meu lado.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo geral investigar a relevância da subjetividade para o ensino de Literatura na formação individual/social dos(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, os pressupostos teóricos utilizados nesta pesquisa foram: González Rey, 2005; González Rey & Mitjans Martínez, 2017; Mitjans Martínez, Tacca & Puentes, 2020. À vista disso, é necessário compreender a Literatura como um exemplo de reflexão que recorre aos grandes clássicos para formar cidadãos(ãs) independentes e críticos(as). Dado que ela reproduz sentimentos, experiências e ações, possibilitando o(a) leitor(a) chegar a lugares inexplorados, na vida real, como adentrar nos pensamentos dos(as) personagens e instigá-los(as) a questionar seus hábitos e princípios. Destarte, a abordagem utilizada na pesquisa é a qualitativa de interpelação histórico-cultural e o mecanismo de produção e análise de dados é o construtivo-interpretativo, baseado nos procedimentos de investigação propostos na Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas, articuladas entre si, tendo por meta auxiliar estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) da EJA nas aulas de Literatura, assim distribuídas: 1ª etapa - Observação das aulas de Literatura na turma da 1ª Série do Ensino Médio – Curso Médio Básico da EJA e preenchimento do Caderno de Campo; 2ª etapa – Aplicação do Questionário Temático Estruturado; e 3ª etapa - Entrevista Semiestruturada Aberta. Para tal propósito, serão apresentadas duas naturezas de cartografias, sendo um mapa simbólico-emocional desde a análise de textos/livros literários e um mapa geográfico sobre a leitura na cidade de Pedro Afonso - TO. A partir desta pesquisa, conhecemos e valorizamos conhecimentos advindos de experiências prévias de estudantes, docentes e pesquisadores(as) no estudo e fruição de textos literários. Por conseguinte, concluímos que a Subjetividade pode se apresentar sincronicamente como categoria de análise de obras literárias e como parte significativa da intencionalidade pedagógica nas aulas de Literatura, ou seja, as dificuldades de que tratamos neste texto não são de natureza de decodificação, mas sim de diálogo no âmbito da Subjetividade que os leitores(as) conseguem estabelecer dos seus modos e contextos de vida com os das personagens e temas abordados nos textos/livros literários, para compor as possibilidades de letramento literário.

Palavras-chaves: Literatura. Subjetividade. Educação de Jovens e Adultos (EJA). Leitura Literária. Cartografia.

ABSTRACT

The present paper has as the general goal to study the relevance of the subjectivity for the teaching of literature in the social formation of students of the Young and Adults Education (EJA). That said, it is necessary to understand literature as an example of reflection that uses the great classics to form independents and critics of citizens. Through the written language, literature reproduces feelings, experiences and actions, taking the reader to unexplored places, in real life, such as entering the thoughts of the characters and instigating them to question their habits and principles. Methodologically, the research was developed in stages articulated between themselves, with the aim of helping teachers, researchers and students of EJA in Literature classes. The method used in the research is the qualitative one, with a historical-cultural approach, and the data production and analysis mechanism is the constructive-interpretative, based on the investigation procedures proposed in the Theory of Subjectivity (González Rey, 2005; González Rey & Mitjans Martínez, 2017; Mitjans Martínez, Tacca & Puentes, 2020). González Rey argues that the individual subjectivity and the social subjectivity developed from symbolic and emotional experiences acquired on a daily basis. In order to do so, two types of cartographic will be presented, being a symbolic-emotional map from the analysis of literary texts/books and a geographical map about the reading. From this research, we got to know and value knowledge from previous experiences of students in the study and the fruition of literary texts. We conclude that the subjectivity can be presented at the same time as a category of analysis of literary works and as a significant part of the pedagogical intentionality in literature classes.

Keywords: Literature. Subjectivity. Young and Adults Education (EJA). Literary Reading. Cartografy.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Quadro 1 – Perguntas do Questionário Temático Estruturado.....	65
Quadro 2 – Frases da Entrevista Semiestruturada Aberta.....	66

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista aérea de Pedro Afonso.....	20
Figura 2 – Etapa 01 da grafia visual sobre a empatia para a personagem Bentinho.....	53
Figura 3 - Etapa 02 da grafia visual sobre a empatia para uma pessoa leitora hipotética.....	54
Figura 4 - Etapa 03 da grafia visual sobre a empatia no caso analisado.....	55
Figura 5 - Grafia visual da tensão limítrofe dos quadrantes 1 e 3 sobre a empatia no caso analisado.....	56
Figura 6 - Grafia visual da tensão limítrofe dos quadrantes 2 e 4 sobre a empatia no caso analisado.....	57
Figura 7 - Sugestão para a etapa 02 - Grafia visual da empatia de uma pessoa leitora hipotética 1 comparada a pessoa leitora hipotética 2.....	58
Figura 8 - Escola Estadual Ana Amorim.....	69
Figura 9 - Praça Coronel Lysias Rodrigues.....	69
Figura 10 - Praça da Igreja Matriz São Pedro.....	70
Figura 11 - Praça Ecológica de Pedro Afonso.....	70
Figura 12 - Museu Histórico Frei Rafael de Taggia.....	71
Figura 13 - Biblioteca Municipal de Pedro Afonso.....	71
Figura 14 - Praça Antônio de Sousa Aguiar.....	72

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Pedro Afonso –TO.....	74
Mapa 2 - Bairros da cidade de Pedro Afonso –TO.....	86
Mapa 3 - Locais de Leitura em Pedro Afonso –TO.....	87
Mapa 4 - Locais de Leitura do(a) Estudante 8 em Pedro Afonso –TO.....	88
Mapa 5 - Área de Leitura do(a) Estudante 8 em Pedro Afonso –TO.....	89
Mapa 6 - Área de Leitura em Pedro Afonso –TO.....	90
Mapa 7 - Área dos locais apontados como ideais para o exercício da leitura sobreposta ao mapa de Pedro Afonso - TO.....	91
Mapa 8 - Área dos locais apontados como ideais para o exercício da leitura em Pedro Afonso - TO.....	92
Mapa 9 - Área de Leitura do(a) Estudante 1 em Pedro Afonso – TO.....	93
Mapa 10 - Área de Leitura do(a) Estudante 2 em Pedro Afonso – TO.....	94
Mapa 11 - Área de Leitura do(a) Estudante 3 em Pedro Afonso – TO.....	95
Mapa 12 - Área de Leitura do(a) Estudante 4 em Pedro Afonso – TO.....	96
Mapa 13 - Área de Leitura do(a) Estudante 5 em Pedro Afonso – TO.....	97
Mapa 14 - Área de Leitura do(a) Estudante 6 em Pedro Afonso – TO.....	98
Mapa 15 - Área de Leitura do(a) Estudante 7 em Pedro Afonso – TO.....	99
Mapa 16 - Área de Leitura do(a) Estudante 8 em Pedro Afonso – TO.....	100
Mapa 17 - Área de Leitura do(a) Estudante 9 em Pedro Afonso – TO.....	101
Mapa 18 - Área de Leitura do(a) Estudante 10 em Pedro Afonso – TO.....	102
Mapa 19 - Área de Leitura do(a) Docente 1 em Pedro Afonso – TO.....	103
Mapa 20 - Área de Leitura do(a) Docente 2 em Pedro Afonso – TO.....	104
Mapa 21 - Área de Leitura do(a) Docente 3 em Pedro Afonso – TO.....	105
Mapa 22 - Área de Leitura do(a) Pesquisador 1 em Pedro Afonso – TO.....	106
Mapa 23 - Área de Leitura do(a) Pesquisador 2 em Pedro Afonso – TO.....	107
Mapa 24 - Área de Leitura dos(as) Participantes em Pedro Afonso – TO.....	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CEE/TO	Conselho Estadual de Educação do Tocantins
CNE	Conselho Nacional de Educação
EDUCAR	Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA	Programa Internacional de Estudantes
SGE	Sistema de Gerenciamento Escolar
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	A pesquisadora e como emerge o problema da pesquisa	15
1.2	Contexto da pesquisa: a escola e a cidade.....	18
1.3	Apresentação da pesquisa: método, etapas, instrumentos e estruturação.....	20
2	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA), SUBJETIVIDADE E LITERATURA.....	25
2.1	Trajetos da EJA no Brasil e o proposto encontro com a subjetividade	25
2.2	A importância da leitura literária na EJA.....	32
2.3	Literatura não é uma ação racionalizante, é antes sensibilização para subjetivações.....	35
3	A LITERATURA ENTRE TEORIAS METODOLOGIAS, INSTRUMENTOS DE PESQUISA, DADOS E ESQUEMA DE ANÁLISE.....	40
3.1	A subjetividade individual de estudantes da EJA mediante a leitura literária	44
3.2	A subjetividade social nas aulas de literatura da EJA.....	45
3.3	A subjetividade como categoria de análise literária e como ancoragem para o ensino de literatura na EJA	47
4	ENTREVISTAS, DADOS E ANÁLISES	62
4.1	Instrumentos utilizados na pesquisa com estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) da EJA	62
4.2	Análise dos dados coletados durante a pesquisa.....	67
4.2.1	Geografia e fluxo de leitura em Pedro Afonso - TO.....	67
4.2.2	A cartografia simbólico-emocional da Leitura e Literatura na EJA	75
5	ARTE, LEITURA E LITERATURA: O MAPA DA LEITURA EM PEDRO AFONSO - TO	86

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
	REFERÊNCIAS.....	112
	APÊNDICES.....	116

1 INTRODUÇÃO

Na medida, porém, em que fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo (FREIRE, 1989, p. 15).

Na introdução apresentamos a pesquisadora e as razões que nos motivaram a desenvolver esta pesquisa, assim como a Escola Estadual Ana Amorim e a cidade de Pedro Afonso – TO, locais de contexto dos dados que serão discorridos nos capítulos seguintes. Por fim, exibiremos o método qualitativo, etapas, instrumentos e estruturação utilizados no decorrer das investigações.

1.1 A pesquisadora e como emerge o problema da pesquisa

Para que se compreenda a motivação para a pesquisa e seu recorte, permita a pessoa leitora que seja apresentada aqui esta pesquisadora. Impulsionada pelo desejo de compartilhar o conhecimento adquirido ao longo da minha vida acadêmica, ingressei na área da educação em 2007 como assessora de programas e projetos da Diretoria Regional de Educação de Pedro Afonso, após concluir o curso de Letras no ano de 2006. Entretanto, somente em 2008 tornei-me professora regente. Fui trabalhar na Escola Estadual Bom Tempo, zona rural de Pedro Afonso - TO, que oferta séries multisseriadas. Por ser uma escola pequena, docentes ministravam diversas disciplinas para completarem suas cargas horárias.

E foi ao conviver com os moradores do povoado Agrovila Bom Tempo que compreendi o quanto a educação é essencial para o futuro das pessoas. Visto que, os pais/responsáveis pelos(as) estudantes (crianças e adolescentes) dessa escola esforçavam-se ao máximo para que os(as) filhos(as) não faltassem às aulas e assim obtivessem a oportunidade de desfrutar de um futuro diferente dos seus, menos sofrido. Muitos responsáveis por estudantes naquele contexto não sabiam ao menos escrever seus nomes; eram lavradores(as), analfabetos(as) ou semianalfabetos(as), alguns/algumas ex-militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), oriundos(as) de diferentes partes do Brasil.

Embora não tenha nascido e crescido na zona rural, ao contrário, até então só havia morado na cidade, a história de vida daqueles(as) estudantes e responsáveis que conheci na

Escola Estadual Bom Tempo assemelhava-se muito à minha, visto que meus pais também eram semianalfabetos e apesar de todas as adversidades fizeram o possível, e às vezes o impossível, para que oito filhos(as) estudassem. Assim, conseguiram graduar cinco no Ensino Superior e três no Ensino Médio. Minha mãe era a responsável por manter o bom andamento do lar, meu pai por trazer dinheiro e alimento para casa e os(as) irmãos(ãs) mais velhos(as) ficavam encarregados(as) de ensinarem os(as) mais novos(as), tanto no que tange a educação escolar quanto à vida em sociedade.

Em 2009, fui transferida para a Escola Estadual Comendador Pádua Fleury, zona urbana de Pedro Afonso, dado que, cursava Pós-Graduação (Língua Portuguesa e Literatura de Expressão Portuguesa: Portugal, Brasil e África) em Guaraí- TO, cidade vizinha. A referida unidade escolar ofertava aulas no turno matutino do 6º ao 9º Ano – Ensino Fundamental e 1ª a 3ª Série do Ensino Médio – Curso Médio Básico, e noturno da 1ª a 3ª Série do Ensino Médio – Curso Médio Básico, no qual estudavam jovens trabalhadores(as) e mães adolescentes, que não tinham com quem deixar seus filhos durante o dia. As salas de aula eram ambientadas conforme as disciplinas da Estrutura Curricular vigente e consoante com o horário das aulas os(as) estudantes trocavam de sala, não o(a) docente como é o habitual na maioria das unidades escolares.

No ano seguinte (2010) a diretora da Escola Estadual Ana Amorim convidou-me para ministrar aulas de Língua Portuguesa à 1ª série do Ensino Médio – Curso Médio Básico da EJA, noturno. Confesso que as primeiras semanas foram desafiadoras, pois não estava habituada a lecionar para pessoas mais velhas que eu. Porém, logo me encantei por esta modalidade de ensino, haja visto, que os(as) estudantes demonstravam um respeito enorme para com os(as) docentes, e nos viam como se tivéssemos a fórmula mágica para sanar muitos dos seus problemas.

Neste contexto da EJA deparei com a seguinte problemática que me moveu a tentar encontrar uma solução e que foi o pontapé inicial para esta pesquisa de mestrado: apesar de lerem os textos/livros literários propostos pelos(as) docentes, percebi que os(as) estudantes não conseguiam compreender o contexto da obra, não costumavam fruí-la como um produto estético, não compreendiam os jogos de linguagens e de códigos propostos, e não conseguiam se posicionar em relação aos temas e seus tratamentos. Por esses motivos, me parece, alegavam não gostar daquele tipo de leitura, uma vez que, reclamavam do vocabulário utilizado pelo(a) autor(a), dos tamanhos dos textos etc. No entanto, quando eu lia para eles(as), o mesmo livro/texto, a opinião deles(as) mudava: passavam a elogiar a obra,

identificavam-se com algumas partes do texto, e até contavam experiências semelhantes às retratadas pelo(a) autor(a).

Tal como quando explanei aos(às) estudantes da EJA o conteúdo sobre Linguagem Formal e Linguagem Informal e as diversas maneiras que elas se apresentam em nosso cotidiano, seja na oralidade ou por meio da escrita. Para exemplificar, apresentei-lhes a letra da canção “Cuitelinho” de Renato Teixeira e Sérgio Reis. Primeiramente pedi para lerem o texto individualmente, mentalmente - sem emissão sonora -, depois em voz alta. Na sequência sugeri aos(às) discentes que compartilhassem com os(as) colegas o entendimento adquirido a partir da leitura da canção, sendo que, a maioria deles(as) afirmou não ter compreendido quase nada ou até mesmo nada. Então, li a letra da canção com eles(as), pausadamente, analisando cada verso, posteriormente as estrofes e por fim a canção por completo. Durante a leitura coletiva, instigava-os(as) a compartilharem com os(as) colegas suas vivências semelhantes às retratadas no texto, visto que, grande parte dos(as) estudantes da EJA são oriundos de outros estados da federação. Assim, a partir da leitura, bem como da partilha de conhecimentos, os(as) estudantes conseguiam interpretar o texto e muitas vezes se identificavam com o que estava sendo narrado. O trecho mais comentado pela turma foi o que frisa sobre a saudade, apresentado na seguinte estrofe da canção: “A tua saudade corta/ Como aço de naváia/ O coração fica aflito/ bate uma, e a outra faia/ E os zóio se enche d’água/ Que até a vista se atrapáia, ai ai”. Pois, fazia-os(as) recordarem momentos, sensações, sentimentos, pessoas e até mesmo lugares que tiveram de abandonar/afastar para buscarem melhores condições de vida.

Acompanhei os(as) estudantes da EJA da Escola Estadual Ana Amorim, por dez anos, de 2010 a março de 2020, sendo sete na sala de aula como professora de Língua Portuguesa e três como secretária da referida unidade escolar. Por isso, mesmo em meio a tantos contratempos, como os impostos pela pandemia do Coronavírus (Covid-19), é fascinante acompanhar o desenvolvimento estudantil das pessoas em formação pela EJA, principalmente quando eles(as) nos relatam suas conquistas individuais e sociais, após terem retornado para a escola, concluído o ensino médio ou, ao contrário do que imaginavam, o ensino superior.

Ou seja, a pesquisa ora apresentada originou-se a partir da observância aos(as) estudantes da EJA – Ensino Médio, especificamente da 1ª Série – Curso Médio Básico, da Escola Estadual Ana Amorim em Pedro Afonso – TO, os(as) quais demonstram inúmeras dificuldades ao lerem e interpretarem textos/livros literários. As dificuldades de que tratamos neste texto não são de natureza de decodificação, ainda que esta poderia ser uma ênfase da pesquisa, mas sim de diálogo no âmbito da subjetividade que estudantes conseguem

estabelecer dos seus modos e contextos de vida com os das personagens e temas abordados, para compor as possibilidades de letramento literário. Nossa ênfase segue as proposições de Rocha e Lucena (2019, p. 6), que afirmam “[...] a leitura não é apenas decodificar o texto, ou seja, atribuir sons para cada palavra, mas a interpretação do que é lido [...]”. Partindo desta assertiva, indagamos: Como construir com estudantes da EJA a ideia de relevância da subjetividade individual e social na relação que estabelecem com textos/livros literários?

Assim, o que apresentamos no decorrer desta pesquisa são análises de dados construídos sobre essa relação de estudantes com a leitura literária no contexto escolar da EJA e desde a perspectiva da subjetividade, bem como uma proposta metodológica para o ensino de literatura dentro deste mesmo contexto. Adicionalmente, apresentaremos a cartografia em forma de produto artístico sobre as rotas de leitura das pessoas participantes desta pesquisa. Esse último é um exercício poético que se desdobra e alimenta a pesquisa acadêmica.

1.2 Contextos da pesquisa: a escola e a cidade

Considerando o percurso pessoal da pesquisadora apresentado anteriormente, o tema e recorte de investigação, a Escola Estadual Ana Amorim, localizada no município de Pedro Afonso – Tocantins, foi a instituição escolhida para a realização desta pesquisa. A referida unidade escolar é de administração pública estadual, funciona nos três turnos, sendo Ensino Fundamental Anos Finais (6º, 7º, 8º e 9º ano), Treinamento Esportivo - Esporte na Escola e Sala de Recursos – Atendimento Educacional Especializado nos períodos matutino e vespertino, e no noturno atende a Educação de Jovens e Adultos - EJA (Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio – Curso Médio Básico).

A Escola Estadual Ana Amorim, antes denominada Escola Associação Rural, foi fundada em 1961, por um grupo de sócios da Associação Rural de Pedro Afonso que tinha por presidente o senhor João Damasceno de Sá. A referida instituição de ensino entrou em exercício com trinta e cinco (35) alunos, teve como primeira professora a senhora Irenildes Rosa Xavier, que ministrava as aulas no prédio da Associação Rural e, devido ao crescente número de estudantes, foi transferida no ano de 1968 para uma edificação própria na Rua Constâncio Gomes, nº. 1101, Centro (atual endereço), construída com recurso municipal.

A referida unidade escolar, em homenagem à mãe do então prefeito Ademar Amorim, recebeu o nome de Escola Estadual Ana Amorim e foi regulamentada pela Lei de Criação Nº. 9.977, de 14 de janeiro de 1986, publicada no Diário Oficial Nº. 14.905, de 21 de janeiro de

1986, que a autorizava a ofertar o Ensino Fundamental - Anos Iniciais às crianças e jovens de Pedro Afonso.

De acordo o Sistema de Gerenciamento Escolar da Seduc Tocantins (SGE), a escola atualmente atende cerca de 618 estudantes regularmente matriculados, sendo 101 na EJA, dispõe de 55 servidores, destes 26 são docentes que em sua maioria atuam em sua área de formação. Considerando que o ano letivo da EJA, noturno, Ensino Médio, tem 500h/a, e cada série corresponde a um semestre, o público-alvo da pesquisa são estudantes do 1º Período do 3º Segmento (1ª série do Ensino Médio – Curso Médio Básico) com 38 alunos no 1º semestre de 2022, professores(as) de Literatura da EJA e pesquisadores(as) que possuem ou possuíram vínculos com a EJA.

Os(As) estudantes da turma selecionada são, em sua maioria, trabalhadores(as) da empresa BP Bunge Bioenergia, oriundos de diversas regiões do país que retornaram à escola dispostos a concluir o Ensino Médio e conseqüentemente obterem mais oportunidades profissionais dentro da empresa que trabalham, assim como adquirir habilidades e conhecimentos que contribuirão para a ascensão individual/social deles(as).

A cidade de Pedro Afonso está localizada entre os rios Sono e Tocantins a 206 km da capital tocantinense e sua fundação ocorreu em 1847 por frei Rafael de Taggia, italiano e missionário da ordem de São Francisco cuja missão foi instituir o aldeamento São João, designado às tribos Krahô e Xavante que atacavam as embarcações e, na perspectiva dos colonizadores, atrapalhavam o comércio fluvial no rio Tocantins. Isto posto, a nova aldeia foi instalada a 24 quilômetros da “Travessia dos Gentios”, primeiro nome dado à cidade de Pedro Afonso, nela frei Rafael instaurou uma escola destinada à alfabetização segundo os moldes coloniais aos filhos dos indígenas. O povoado cresceu rapidamente e no ano de 1903 passou a categoria de vila, a qual Frei Rafael nomeou de vila de Pedro Afonso em homenagem ao príncipe de Portugal, Dom Pedro Afonso de Orleans e Bragança.

Nas primeiras décadas do século XX Pedro Afonso atingia o seu ápice comercial e os negócios locais multiplicavam, todavia, a partir de 1911 a rivalidade entre chefes políticos e comerciantes fizeram com que a vila sofresse vários ataques, sendo que em um desses a cidade foi tomada por cangaceiros e jagunços oriundos do Piauí, Maranhão e Bahia, liderados por Abílio Araújo, e após três dias de matanças a vila ficou totalmente destruída. Apesar disso, segundo o Censo IBGE de 1920, Pedro Afonso possuía a segunda maior população da região Norte, aproximadamente 18.971 habitantes, abaixo apenas de Boa Vista - RR, que tinha cerca de 25.786 habitantes, isto é, mesmo após sofrer fortes ataques, a vila de Pedro Afonso continuava crescendo e em 1937 o governador do Estado de Goiás, Pedro Ludovico

Teixeira, pelo Decreto nº 118, de 15 de julho do referido ano, promoveu-a à categoria de cidade.

Figura 1 – Vista Aérea de Pedro Afonso – TO



Fonte: Gazetadocerrado, 2020.

Na luta pela criação do estado do Tocantins nos anos 40, Ibanez Tavares dos Reis fundou o Comitê pela Criação do Território Federal do Tocantins, o qual contava com o apoio do Coronel Lysias Rodrigues e caso a divisão do Estado tivesse ocorrido naquele período Pedro Afonso seria a capital em razão de sua localização geográfica. Atualmente a cidade é conhecida por possuir belíssimas praias de água doce que se formam no meio e às margens dos rios Sono e Tocantins durante o verão, o que a torna um dos principais pontos turísticos do centro-norte tocantinense e conforme dados do IBGE 2022, tem cerca 14.055 habitantes. Por conseguinte, a maior usina sucroalcooleira da região Norte do Brasil - líder em exportação no Tocantins – está fixada em Pedro Afonso, e o agronegócio é a base da economia local.

1.3 Apresentação da pesquisa: método, etapas, instrumentos e estruturação

A presente dissertação alusiva à área de concentração em Estudos Literários, linha de pesquisa Literatura, História e Imaginário do Programa de Pós-Graduação em Letras da

Universidade Federal do Tocantins, tem por objetivo geral investigar a relevância da Subjetividade para o ensino de Literatura na formação individual/social dos(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). E para melhor compreendermos o conceito de Subjetividade explicitamos que etimologicamente ela é classificada como uma palavra de origem latina “subjectivus” e surgiu da junção de *subicere* (colocar sob) e *jacere* (atirar, jogar, lançar), diante disso Mitjás Martínez e González Rey a definem como:

[...] a capacidade humana de as emoções adquirirem um caráter simbólico, levando à formação de novas unidades qualitativas que constituem uma definição ontológica diferente dos fenômenos humanos, sejam eles sociais ou individuais; [...] a subjetividade representa um sistema em que a subjetividade social e individual configuram-se reciprocamente, superando assim a tendência reducionista de pensar a subjetividade só como um fenômeno individual, o que tem caracterizado tanto a ciência, quanto o senso comum (2020, p. 68-69).

A abordagem utilizada nesta pesquisa é a qualitativa de interpelação histórico-cultural e o mecanismo de produção e análise de dados é o construtivo-interpretativo, baseado nos procedimentos de investigação propostos na Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey, à vista disso, “consideramos a pesquisa qualitativa uma via essencial para a produção de teoria, isto é, [...] a teoria como a construção de um sistema de representações capaz de articular diferentes categorias entre si e de gerar inteligibilidade sobre o que se pretende conhecer na pesquisa científica” (González Rey, 2005, p. 29). Para desenvolvermos esta pesquisa observei aulas de Literatura na 1ª Série do Ensino Médio – Curso Médio Básico da EJA, período noturno, durante trinta dias para conhecer estudantes e professores(as). Após análise das minhas anotações, apliquei questionários temáticos estruturados a estudantes, professores(as) de Literatura e pesquisadores(as) para que explanassem seus anseios em relação às aulas de Literatura, locais de leitura e frequência de leitura literária. No mês seguinte entrevistei dez estudantes da EJA, três professores(as) de Literatura da referida modalidade de ensino e dois pesquisadores(as).

A pesquisa qualitativa é um método constante de execução de experiências, em que os resultados são gerados a partir da junção de pequenas partes que se integram a novas perguntas, abrindo novas rotas para a produção de novas experiências. Nela o problema se torna cada vez mais enigmático e direciona a áreas do conhecimento imprevisíveis no início da pesquisa. Conseqüentemente, “as etapas de coleta e análise de informação aparecem na pesquisa qualitativa como um *continuum* em que interpenetram, o que por sua vez gera a necessidade de buscar mais informação e de usar novos instrumentos” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 77, grifo do autor). De modo igual, a construção teórica do(a) pesquisador(a) é

responsável por unir a coleta de dados feita pelos instrumentos de pesquisa com a informação elaborada na análise destes.

Tendo em vista que o método qualitativo não trabalha com números exatos, objetivos, ao contrário, busca expor as subjetividades detectadas nas respostas, ações e emoções dos(as) participantes e pesquisadores(as) no decorrer da pesquisa, os resultados obtidos durante a investigação serão apresentados por meio da cartografia na direção do que é proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), a qual tem por propósito conduzi-la e não ser o objeto desta, pois: “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2020, p. 53). Isto é, a pesquisa cartográfica está posicionada entre as ciências que se preocupam com o que investigam, compensatoriamente, concordam com o interesse do participante sobre os resultados obtidos ao final.

Tedesco (2015, p. 22) ressalta que “a cartografia visa acompanhar as realidades subjetivas em seus momentos de transformação para intervir, fomentando o dinamismo que é próprio às redes de relações que as compõem”. Desta forma, como organização dos achados da pesquisa, antecipamos que estamos trabalhando com duas naturezas de cartografias, sendo um (01) mapa simbólico-emocional desde a análise de textos/livros literários e um (01) mapa geográfico sobre os locais de leitura em Pedro Afonso - TO, aspectos que serão desenvolvidos ao longo desta escrita.

Para González Rey o instrumento de pesquisa é “toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto da relação que caracteriza a pesquisa” (2017, p. 42), diante disso, os instrumentos utilizados para gerar os dados da pesquisa foram: Caderno de Campo com registro direcionado, Questionário Temático Estruturado e Entrevista Semiestruturada Aberta. Logo, durante os acompanhamentos das aulas de Literatura preenchi o Caderno de Campo, sobre comportamentos, anseios dos(as) estudantes, observados(as), assim como as participações deles(as) durante a exposição dos conteúdos e aprendizados adquiridos dentro e fora da unidade escolar.

Após explorarmos os dados registrados no Caderno de Campo, elaboramos um Questionário Temático Estruturado, o qual teve por intuito analisar hábitos, frequência e locais de leitura de textos/livros literários apontados pelos(as) participantes. O referido questionário teve por finalidade consentir “a expressão do sujeito em trechos de informação que são objetos do trabalho interpretativo do pesquisador” (GONZÁLEZ REY, 2017, p. 52) e foi aplicado a dez (10) estudantes do 1º Período do 3º Segmento (1ª série do Ensino Médio – Curso Médio Básico), três professores(as) de Língua Portuguesa da EJA e dois

pesquisadores(as) graduados(as) em Letras - mestrandos(as)-, que manifestaram interesse em respondê-lo. Durante a aplicação do questionário foram obedecidas todas as normas de prevenção contra a Covid-19, os quais foram respondidos individualmente e em horários distintos.

A Entrevista Semiestruturada Aberta foi realizada em sala reservada pela equipe escolar, onde entrevistei um (01) participante por vez com o intuito de coletar opiniões, entender situações da vida do(a) aluno(a)/professor(a)/pesquisador(a), verificar atitudes, conhecimentos, bem como enunciar suas perspectivas para com as aulas de literatura na EJA. Para esse propósito, Vergara (2009, p. 3) define entrevista como “[...] uma interação verbal, uma conversa, um diálogo, uma troca de significados, um recurso para se produzir conhecimento sobre algo”. Assim, ao final da pesquisa os dados construídos e suas análises serão apresentados aos(às) estudantes, professores(as) e pesquisadores(as), tendo por meta verificar se ela contribuiu com o aprendizado dos(as) alunos(as) do Ensino Médio – Curso Médio Básico da EJA, da mesma forma que, se atendeu ao perfil e demandas dos(as) intervenientes.

Obedecendo ao Decreto Nº. 6.403, publicado no Diário Oficial do Tocantins Nº. 6028, Portaria Conjunta Nº. 1/2022/SES/GASEC/SEDUC/UNITINS, de 09 de fevereiro de 2022, as aulas das escolas do estado do Tocantins retornaram à modalidade presencial no ano letivo de 2022, em vista disso, a pesquisa transcorreu com a presença física dos(as) participantes. Posto isto, o Projeto de Pesquisa “Literatura e Subjetividade na Formação Social dos Estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA” foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins, CAAE nº. 50695321.8.0000.5519, em 10 de maio de 2022. Por conseguinte, os(as) partícipes ao concordarem com a pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Gravação de Voz.

Quanto à estruturação o texto está organizado em cinco capítulos principiaados por epígrafes do livro “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam” (FREIRE, 1989) e distribuídos da seguinte forma: na introdução, à minha autoapresentação, a origem do problema abordado, o contexto e o método utilizado nesta pesquisa; o segundo capítulo apresenta a EJA e a maneira como pensamos a relação entre pessoa, cultura e mundo no ensino de Literatura; o terceiro centra-se na exposição da Subjetividade como categoria de análise, na proposição de um instrumento de investigação da obra literária no ensino de Literatura e uma ilustração deste esquema; o quarto capítulo volta-se para a explanação dos resultados e análises dos dados, provenientes de questionários, entrevistas com estudantes da

EJA, professores(as) de Literatura e pesquisadores(as) sobre leitura literária e locais de leitura; e o quinto expõe os mapas simbólico-emocionais sobre Literatura e mapas geográficos dos locais de leitura em Pedro Afonso – TO, criados a partir da análise dos dados percorridos no capítulo anterior. Para tanto os pressupostos teóricos utilizados nesta pesquisa foram González Rey, 2005; González Rey & Mitjans Martínez, 2017; Mitjans Martínez, Tacca & Puentes, 2020.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA), SUBJETIVIDADE E LITERATURA

[...] estimular a capacidade crítica dos alfabetizando enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante. A relação sujeito que procura conhecer com o objeto a ser reconhecido (FREIRE, 1989, p. 44).

No segundo capítulo abordaremos a relevância da Subjetividade e da Literatura na EJA, para esse fim, faremos uma retrospectiva sobre essa modalidade de ensino desde o ano de 1947 até a estrutura ofertada hoje nas unidades escolares, como também, o encontro que propomos entre a EJA e a Subjetividade, a importância da leitura literária e a ação racionalizante da Literatura, porém, sem deixar de analisar sua sensibilização para as subjetivações do(a) leitor(a) da obra.

2.1 Trajetos da EJA no Brasil e o proposto encontro com a subjetividade

A Educação de Jovens e Adultos foi instituída no Brasil em 1947, subsequente ao percurso histórico que iniciou tendo por propósito extinguir o analfabetismo existente no país, principalmente, nas classes sociais menos favorecidas. Rosa Cristina Porcaro, em *A História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil* (2007), afirma que a Educação de Adultos no Brasil foi criada de modo tecnicista, visto que a economia do país precisava de mão de obra qualificada e alfabetizada. Não obstante, ela era escassa, tendo em vista que a maioria dos trabalhadores não sabia, ao menos, escrever seus nomes. Em síntese, aspirando qualificar a classe trabalhadora para que pudessem atender às demandas comerciais e industriais emergentes, o governo federal brasileiro criou programas educacionais voltados para que jovens e adultos antes considerados desqualificados para funções do mercado de trabalho pudessem ocupá-las com, pelo menos, o mínimo de qualificação em relação à comunicação escrita e as quatro operações matemáticas.

Ainda que este movimento de alfabetização para o mercado de trabalho remonte aos períodos pós Primeira Guerra Mundial, o marco para o movimento foi quando o presidente da república João Goulart, por meio do Decreto nº. 53.465, de 21 de janeiro de 1964, designou Paulo Freire como responsável pelo Programa Nacional de Alfabetização de Adultos e em

março de 1964 o ministro interino da educação, Júlio Sambaqui, o intitulou criador do método de alfabetização aplicado e coordenador do programa. O objetivo do programa era sincronizar os diversos movimentos em prol da educação de base e alfabetização de adultos que cresciam por todo o país desde 1961 e consistia em despertar no(na) estudante, independente da sua classe social, por meio da emancipação libertadora, sentimento de pertencimento ao lugar onde vive, bem como conscientizá-los(as) sobre direitos e deveres garantidos na Constituição Federal, dos quais poucos estudantes têm conhecimento. Isto é, a educação libertadora proporcionaria ao(à) estudante a oportunidade de ser agente da sua história, atuar ativamente e de maneira democrática nas tomadas de decisões políticas e sociais da sua casa, bairro, cidade, estado, país.

Paulo Freire era contrário aos métodos antes utilizados na alfabetização de jovens e adultos, e por esse motivo sustentou que “[...] o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 31), ou seja, “é preciso, na verdade, que a alfabetização de adultos e a pós-alfabetização, a serviço da reconstrução nacional, contribuam para que o povo, tomando mais e mais a sua História nas mãos, se refaça na feitura da História” (FREIRE, 1989, p. 40). Assim sendo, a leitura não deveria consistir, simplesmente, em procurar informações na obra, ou decodificar dados fornecidos pelo(a) autor(a), mas principalmente em contribuir com a formação individual e social do(a) estudante/cidadão(ã). Contudo, o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos não perdurou, pois após a instituição do Golpe Militar (Golpe de Estado) no Brasil em 1964, Paulo Freire foi exilado e conseqüentemente o programa cancelado.

Ainda em 1964, no governo de Castelo Branco, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) foi criado - nesse período os militares passaram a controlar os programas de alfabetização - e no ano de 1967, por meio da Lei nº. 5.379 o governo federal o estruturou como Fundação. Entretanto, somente em 1970, quando Emílio Médici assumiu a presidência e Jarbas Passarinho o Ministério da Educação e Cultura, o Mobral - cuja meta era cessar o analfabetismo em dez anos - foi iniciado visando ofertar uma alfabetização funcional/tecnicista. O Mobral esteve presente nas esferas municipal, estadual e federal do país, por intermédio de comissões que eram responsáveis por encontrar os cidadãos que deveriam ser alfabetizados, assim como docentes e recursos necessários/parcerias com outras instituições. Conforme Vanilda Paiva, os governantes da época:

[...] acreditavam não somente que o programa livraria o país da “chaga do analfabetismo”, mas que simultaneamente realizaria uma ação ideológica capaz de assegurar a estabilidade do *status quo* e permitiria às empresas contar com amplos contingentes de força de trabalho alfabetizada (1981, p. 100).

Em vista disso, o principal escopo do Mobral era alfabetizar pessoas com idade entre 15 e 35 anos que deveriam aprender a ler, a escrever e a executar os cálculos matemáticos, para que assim pudessem obter melhores condições de vida. “A educação enquanto sinônimo para a emancipação sempre foi a intenção do educador Paulo Freire [...]” (ALMEIDA; FONTENELE; FREITAS, 2021, p. 2) e ele “[...] reconhecia que viabilizar uma educação crítica, reflexiva e emancipatória significava proporcionar um caminho capaz de tornar a humanidade agente da sua própria história, ciente das suas escolhas éticas e cidadãs” (ALMEIDA; FONTENELE; FREITAS, 2021, p. 2). No entanto, infelizmente na prática o Mobral não funcionou como previsto, mas mesmo enfrentando várias barreiras o programa conseguiu reduzir consideravelmente o número de analfabetos no Brasil e em 1985 por meio do Decreto nº. 91.980, de 25 de novembro, o presidente da república José Sarney o extinguiu.

Todavia, durante a permanência do Mobral, e em paralelo a ele, no ano de 1971 foi implantado o Ensino Supletivo que consistia em ofertar a conclusão dos estudos aos jovens e adultos que não puderam finalizá-lo no tempo regular e na idade considerada apropriada. Por conseguinte, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº. 5692/71, no Capítulo IV, aborda as finalidades do Ensino Supletivo:

Art. 24. O Ensino Supletivo terá por finalidade:

- a) suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenha seguido ou concluído na idade própria;
- b) proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.

E no artigo 25, descreve o público que deveria ser atendido:

Art. 25. O Ensino Supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e a formação profissional definida em lei específica até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos.

§ 1º Os cursos supletivos terão a estrutura, duração e regime escolar que se ajustem às suas finalidades próprias e ao tipo especial de aluno a que se destinam.

§ 2º Os cursos supletivos serão ministrados em classes ou mediante a utilização de rádios, televisão, correspondência e outros meios de comunicação que permitam alcançar os maiores números de alunos.

A LDB nº. 5692/71 almejava alcançar o maior número de jovens e adultos analfabetos ou semianalfabetos possíveis. Para isso, as Secretarias de Educação poderiam utilizar os

métodos que melhor atendessem às necessidades dos estudantes, ou seja, as aulas poderiam ser presenciais, transmitidas via rádio, TV, correspondência ou outra metodologia mais viável. Apesar disso, tal qual o Mobral, o Ensino Supletivo não conseguiu extinguir o analfabetismo no Brasil.

Por esse motivo, em 1985 pelo Decreto nº. 91.980, de 25/11/1985, José Sarney presidente da nova república criou a Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos (EDUCAR) que funcionava de maneira descentralizada, mediante convênios firmados entre o Ministério da Educação - Marco Maciel era o ministro da educação durante a implantação -, as Secretarias de Educação (estaduais e municipais) e instituições (comunitárias ou privadas). O programa tinha por objetivo alfabetizar e ofertar educação básica às pessoas que não tiveram acesso à escola ou tiveram que abandoná-la precocemente, e também auxiliar tanto financeiramente quanto tecnicamente as iniciativas que incentivaram a educação de jovens e adultos no país.

Como efeito, no ano seguinte a Fundação EDUCAR já atendia cerca de 763 mil estudantes, devidamente matriculados em diversas localidades do Brasil, apesar disso, Fernando Collor de Mello - novo presidente da república, por meio da Lei nº. 8.209, de 12 de abril de 1990 - extinguiu o programa e implantou a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que tinha por meta ofertar um ensino reduzido, duas séries por ano, sendo assim mais uma maneira de reaver discentes para que pudessem concluir seus estudos e conseqüentemente entrarem mais capacitados no mercado de trabalho. Nesse viés, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, regulariza a EJA e no Capítulo II, Seção V, artigo 37, afirma que: “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. E no artigo 2º ressalta que o “Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”. Tendo em vista concretizar os objetivos exposto na LDB 9394/96, o Parecer CNE/CEB nº. 11/2000 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000) -, regulamenta que os(as) estudantes da EJA são jovens e adultos(as), trabalhadores(as) em sua maioria, que chegam à escola após um longo período de afastamento com valores experiências/conhecimentos diversificados e por isso, precisam ser atendidos(as) pela equipe escolar com uma metodologia diferenciada, onde eles(as) possam ser vistos não somente como estudante, mas principalmente como cidadão(ã).

Por essa razão, as três funções explicitadas no Parecer CNE/CEB nº. 11/2000 devem ser aplicadas na EJA, são elas: reparadora - que possibilita uma oportunidade concreta de

presença de jovens e adultos na escola e uma alternativa viável em função das especificidades socioculturais destes segmentos para os quais se espera uma efetiva atuação das políticas sociais (p. 9); equalizadora - que oportuniza aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação (p. 9); permanente/qualificadora - que propicia a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida (p.11).

Em complemento às normativas que direcionam a EJA, o artigo 205 da Constituição Federal de 1988 frisa que “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, promover e incentivá-la com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. No entanto, muitos(as) cidadãos(ãs) brasileiros(as) são privados(as) deste direito, por precisarem ajudar financeiramente a família e começarem a trabalhar, ainda na infância. Por consequência, devido ao cansaço ou falta de incentivo familiar/escolar acabam abandonando os estudos antes mesmo de serem alfabetizados e, muitas vezes, só retornam às unidades escolares quando o mercado de trabalho exige certificações e/ou qualificações para assumirem determinados cargos/funções.

De maneira sucinta, a EJA é uma modalidade da Educação Básica que tem por princípios garantir um ensino de qualidade a estudantes de diversas faixas etárias que por diversos motivos não concluíram o ciclo estudantil na idade prevista. Isto posto, o Estado deve proporcionar a esses(as) estudantes a oportunidade de retornarem à escola para recuperarem o conhecimento acadêmico não adquirido na infância ou adolescência e assim contribuir intelectualmente em seus lares, comunidades, estados e país. Portanto, para haver um ensino de excelência na EJA, as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como diretores(as) e secretários(as) escolares devem estar atentos aos seguintes documentos normativos desta modalidade de ensino:

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº. 9394/96, especialmente os artigos 37 e 38;
- Parecer CNE/CEB nº. 11, de 10 de maio de 2000 - explicita os conceitos da LDBEN, amplia o sentido da EJA para o de uma educação continuada, ao longo da vida e atende as funções reparadora, equalizadora e qualificadora;
- Resolução CNE/CEB nº. 1, de 05 de julho de 2000 - implementa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (DCNEJA), a qual designa os princípios que regem a EJA;

- Resolução CNE/CEB n.º. 2, de 19 de maio de 2010 - institui as Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação para Jovens e Adultos em Privação de Liberdade nos Estabelecimentos Penais;
- Resolução CNE/CEB n.º. 3, de 15 de junho de 2010 - dispõe as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (DOEJA) que regulamenta a duração dos cursos da EJA e a idade mínima para a ingressão nessa modalidade de ensino;
- Resolução CNE/CEB n.º. 3, de 13 de maio de 2016 - institui as Diretrizes Nacionais para o atendimento escolar de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas;
- Resolução CNE/CEB n.º. 4, de 30 de maio de 2016 - implementa as Diretrizes Operacionais para a remição de pena pelo estudo de pessoas em privação de liberdade dentro do Sistema Prisional Brasileiro;
- Resolução CEE/TO n.º. 64, de 16 de março de 2021 - dispõe sobre a oferta da Educação de Jovens e Adultos - EJA, no Sistema Estadual de Ensino do Estado do Tocantins.

Enfim, as unidades escolares que ofertam a EJA devem seguir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos que orientam a versatilidade do currículo, tempo e espaço para que os(as) estudantes não sejam prejudicados, visto que elas possuem autonomia para delinear a estrutura curricular e duração dos cursos. E considerando que a maioria dos(as) estudantes da EJA trabalham durante o dia e estudam à noite, o artigo 12, parágrafo 3º das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica orienta que: “os cursos em tempo parcial noturno devem estabelecer metodologia adequada às idades, à maturidade e à experiência de aprendizagens, para atenderem aos jovens e adultos em escolarização no tempo regular ou na modalidade de Educação de Jovens e Adultos” (2013, p. 66). Assim, a equipe pedagógica, administrativa e professores(as) precisam trabalhar de forma diferenciada com os(as) estudantes-trabalhadores(as), pois eles(as) retornam a vida estudantil trazendo consigo uma vasta bagagem de conhecimento de mundo, essencial para o seu cotidiano e que deve ser utilizada dentro e fora da sala de aula.

Perante o exposto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos prezando pela formação integral dos(as) estudantes tem por finalidade assegurar que a EJA tenha um modelo pedagógico diferenciado, capaz de atender as singularidades das diversas faixas etárias, personalidades e contexto de vida dos(as) discentes. Haja visto que, determina que as unidades escolares priorizem os seguintes princípios: o da Equidade - responsável pela distribuição específica dos componentes curriculares nos diferentes níveis de ensino da EJA; o da Diferença - que presume a identificação e o reconhecimento da alteridade

dos jovens e adultos durante sua formação, propiciando o reconhecimento da virtude de cada um e a evolução de seus conhecimentos e princípios; e o da Proporcionalidade - que trata da distribuição e aplicação apropriada dos componentes curriculares face às primordialidades da EJA.

Todavia, para que o(a) aluno(a) possa matricular-se na EJA é necessário ter a idade de 15 (quinze) anos para o Ensino Fundamental e 18 (dezoito) anos para o Ensino Médio, conforme a Resolução CNE/CEB nº. 3, de 15 de junho de 2010, pois se considera que nessa faixa etária o(a) estudante já deveria ter concluído as referidas etapas do ensino regular. Porém, não basta ofertar a matrícula é necessário que a equipe escolar garanta a permanência, democratização e sucesso acadêmico desses(as) estudantes.

Deste modo, para efetivar a dimensão formativa prevista e esperada no contexto da EJA, o(a) docente de Literatura da EJA precisa apresentar um olhar especial para com seus/suas estudantes e apresentar para eles(as) o quão importante essa disciplina pode ser para sua formação social em articulação com suas próprias vidas cotidianas. Dado que, segundo Aristóteles (filósofo grego, séc. IV a.C.), “arte literária é mímese; é a arte que imita a palavra”. Ou seja, a Literatura seria uma imitação da realidade mediante as palavras, assim não está alheia ao seu papel perante a sociedade, sendo indispensável na constituição do homem como cidadão e sujeito agente de transformações socioculturais.

Por conseguinte, a leitura literária oportuniza uma vasta diversidade cultural aos(as) estudantes, possibilitando assim um novo sentido para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, Silva defende que “ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” (1984, p. 45). Dado isso, o exercício da leitura literária proporcionará ao(a) estudante da EJA a possibilidade de tirar suas próprias deduções sobre a obra lida, desenvolvendo assim sua criticidade e subjetividade no dia a dia, contribuindo para haver uma relação harmoniosa entre o sujeito e o coletivo, uma vez que os(as) leitores(as) irão construir conhecimentos que possivelmente os(as) ajudarão a resolver seus conflitos pessoais e sociais.

Como resultado, “[...] adentrar no mundo literário é mergulhar em um mundo encantado que ganha forma através das palavras, e por meio destas consegue desenvolver no(a) aluno(a) o prazer em ler, interpretar e analisar” (PEREIRA; PEREIRA, 2018, p. 1). Isto significa que o(a) estudante, através das interpretações, construídas durante a leitura literária, tem a oportunidade de constituir opiniões e conseguirá fazer escolhas que contribuirão para o seu crescimento pessoal, profissional e social, pois os textos/livros literários trazem em seus

contextos referências sobre fatos econômicos, políticos, sociais e históricos de períodos específicos, os quais têm por objetivo auxiliar o(a) leitor(a) na compreensão de fatos específicos e na construção de sua história. Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa” (1996, p.15), enfatiza que: “a leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito”. Logo, os textos/livros literários tendem a extrapolar as experiências cotidianas e construir com a pessoa leitora outros modos de organização do mundo e das relações que nele se desenvolvem.

2.2 A importância da leitura literária na EJA

Em conformidade com o que já adiantamos, o acesso à leitura de textos e livros literários não foi uma realidade para muitos(as) estudantes que tiveram de abandonar os estudos ainda na infância para poderem trabalhar e assim ajudarem seus responsáveis nas despesas de casa, pois pertencem/pertenciam a classe marginalizada da sociedade. E em busca de uma melhor qualidade de vida, não estabeleceram elos com a leitura literária, mesmo, como já citado, quando tardiamente alfabetizados. No entanto, o acesso à Literatura, assim como à educação, é um direito dos(as) estudantes da EJA, porque permite que conheçam seu papel na sociedade, se reconheçam no tempo, no espaço, respeitem a si e aos outros. Para Kleiman (2002, p. 12), “é lendo que adquirimos novos conhecimentos, desafiamos nossa imaginação e descobrimos o prazer de pensar e sonhar”. A Literatura por meio de suas obras apresenta ao(a) leitor(a) novos horizontes, bem como diversificados modos individuais e coletivos de alcançá-los.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018, p. 89 e p. 525), identifica que o(a) estudante ao se envolver com a leitura literária desenvolve critérios estéticos para fruição, como também ao conhecer a Literatura ele(a) tem a oportunidade de apresentar a si e à sociedade suas faculdades humanizadora e transformadora dos contextos em que a pessoa existe, age e projeta mundos possíveis. E reforça que a leitura de textos/livros literários deve ser primordial tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio e não deve ser substituída por leituras secundárias como forma de simplificação didática, visto que:

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu potencial transformador e humanizador, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores,

estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores (BRASIL, 2018, p. 158).

Nesse sentido,

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando (BRASIL, 2018, p. 501).

Afinal, a EJA deveria oportunizar aos(as) cidadãos(ãs) que não tiveram como estudar na idade costumeira uma nova oportunidade de retornarem à escola e por meio de uma perspectiva humanizada de ensino, concluírem seus estudos. Contudo, é fundamental capacitá-los(as) para o ambiente acadêmico e para que se tornem cidadãos(ãs) qualificados(as) capazes de ajudarem a si e a sociedade em que vivem. Segundo Paulo Freire (1992, p. 41), “a educação de jovens e adultos deve ser repensada como um processo permanente, devendo ter [n]a leitura [uma meta] crítico-transformadora, contrário à leitura de caráter memorístico”. Dado este objetivo, o estudo da Literatura é primordial para que jovens e adultos desenvolvam sua criticidade de modo articulado com os conhecimentos e experiências construídos nos diversos espaços individuais e sociais que coabitam.

Diante disso, na direção do que estamos construindo, nossa defesa é a de que ao apresentar obras literárias aos(as) estudantes da EJA é necessário considerar que eles(as) possam reconhecer-se nos textos/livros lidos, percebam que o fato relatado na obra literária está interligado à sua vida, sua história, tal como à sua identidade como discente e cidadão(ã). Para Paulo Freire (1989, p. 20), “[...] a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Portanto, não se trata de reconhecer-se exclusivamente como identificação, mas sim como coerência, ou seja, mesmo que aquilo que ali é tratado nos texto/livro literário não seja vivenciado pelo(a) estudante, é passível de ocorrer na vida de alguém, inclusive de alguém próximo, e a pessoa leitora consegue tomar consciência sobre esse fato e posicionar-se em relação a ele.

E em razão de trazerem “consigo saberes, crenças e valores já constituídos, e é a partir do reconhecimento do valor de suas experiências de vida e de suas visões de mundo que cada aluno jovem ou adulto pode apropriar-se das aprendizagens de modo crítico” (ALMEIDA; FONTENELE; FREITAS, 2021, p. 4). Assim, os modos de operar a linguagem, mesmo que não sejam coincidentes com os(as) do(a) estudante, ele(a) se sentirá motivado(a) em realizar a leitura, uma vez que, poderá compreender e apreciar a diversidade que eles, os modos de operar discursivos, lhes são apresentados sobre as linguagens em suas relações mundanas.

Conseqüentemente, a Literatura desperta (e deveria ser incentivada nesta direção) sensações, emoções e sentimentos, até então desconhecidos(as) pelo(a) estudante, pois, ela ressoa nas experiências pessoais e coletivas de quem lê, à proporção que, simultaneamente, aumenta a capacidade linguística, desenvolve a oralidade, entre outras habilidades de ordem técnica que influenciam práticas culturais, sociais e econômicas das mais diversas ordens. Por esse motivo:

[...] a Literatura é considerada uma das mais prestigiadas formas de expressão humana, que permite experimentar, ficcionalmente, diferentes realidades, ampliando nossa própria forma de compreender o mundo, pois mediante o trabalho com a linguagem, instiga-nos à reflexão, contribuindo para nossa própria formação humana (SILVA; SOUZA, 2012, p. 36).

Isto é, a leitura literária se efetiva no emaranhado de mundos que pode aproximar e diferenciar a pessoa leitora das possibilidades de existência. Ela precisa ir além da decodificação, dado que, só acontece quando ao ler uma obra o(a) leitor(a) se sente parte dela e conseqüentemente da sociedade, humaniza-se, porque ao interligar suas experiências (simbólico-emocionais) à leitura, ele(a) começa a se reconhecer diante da realidade exposta pelo(a) autor(a) e a que o(a) cerca. Em outras palavras, a pessoa leitora deve adentrar nas entrelinhas e camadas mais profundas do texto, uma vez que, há várias interpretações possíveis para e sobre uma mesma obra, sempre passíveis de entrelaçamento com enunciados construídos pelo(a) autor(a). Outrossim, “o texto literário permite ao leitor transitar livremente entre os universos do mundo escrito e não-escrito e está carregado de elementos potenciais plurissignificativos que estão atualizados no ato de leitura” (RIBEIRO, 2004, p. 165), ele(a) precisa ser capaz de se desvincular da obra, tê-la como um disparador das relações que estabelece com o mundo, sem se prender a leitura como fonte de qualquer verdade absoluta ou redutora (objetivos muitas vezes presentes na leitura analítica).

Posto isto, é importante que os(as) estudantes da EJA possam articular seus conhecimentos sobre o mundo com as propostas de mundos presentes nas obras literárias, porque assim, poderão ampliar sua capacidade de refletir sobre e intervir na sociedade à sua volta. Para Costa e Conceição “a riqueza cultural, os conhecimentos prévios dessas pessoas os tornam produtores de saber, capazes de aprender e essa conquista transforma-se em mola impulsionadora para o desejo de novas descobertas” (2019, p. 103), ou seja, articular a relação triádica que constitui a subjetividade: pessoa ↔ coisa ↔ mundo, que no nosso contexto se organiza como pessoa ↔ literatura ↔ sociedade, não para compreender a obra em si como

objetivo principal, talvez como resultado decorrente, mas sim para se entender no mundo e construir modos mais respeitosos, democráticos e solidários de estar no mundo.

Paralelo a leitura literária há a Subjetividade nas linhas/entrelinhas dos textos/livros posta pelo(a) autor(a), bem como, a subjetividade individual e/ou social intrínseca ao leitor(a) da obra, dessa forma, “a subjetividade é interpretada como a habilidade humana de manifestar as emoções através de uma especificidade simbólica, ela estrutura-se conforme os efeitos das circunstâncias que estão ligadas a segmentos históricos e culturais” (GONZÁLEZ REY, 2019, p. 15). À vista disso, é desde esta perspectiva de dupla relação triádica (pessoa ↔ literatura ↔ sociedade e pessoa ↔ coisa ↔ mundo), que a presente dissertação apresenta a relevância da Subjetividade no ensino de Literatura para a formação individual/social de estudantes da EJA, em outros termos, antes de realizar/apreciar a leitura literária o sujeito/cidadão/estudante é apenas “uma” pessoa em busca de “uma” coisa na imensidão de “um” mundo, não se reconhece como protagonista da sua história, apenas é levado(a) pelas imposições/necessidades diárias, ao contrário “da” pessoa leitora que utiliza “a” literatura para trilhar novos caminhos e ultrapassar barreiras impostas “à” sociedade. Isto significa que a pessoa leitora para compreender/interpretar as informações adquiridas através da leitura ou concomitante a ela, utilizar-se-á das noções de subjetividade individual e/ou subjetividade social apresentada por Fernando González Rey, mesmo que inconscientemente.

2.3 Literatura não é uma ação racionalizante, é antes sensibilização para subjetivações

A escola, por meio dos(as) docentes e ações educacionais, precisa ser uma das maiores impulsionadoras da prática da leitura literária, tão essencial para a formação afetiva, cognitiva e social da pessoa humana, isto porque a Literatura em si não depende exclusivamente dela para manter-se existente, ao passo que, o “letramento literário ultrapassa os limites da escola, visto que, pode se dar antes mesmo da alfabetização escolar, assim como continua ao longo da vida do indivíduo” (SILVA; SOUZA, 2012, p. 42). Não obstante, nossa configuração atual de sociedade faz com que nosso contato com a Literatura propenda a se dar cada vez mais em decorrência das práticas escolarizadas. Tendo em vista que as narrativas orais, como a Literatura, desapareceram dos grupos comunitários e como o convívio familiar majoritário não incluísse o “compartilhamento de momentos literários”, a escola foi se tornando o espaço prioritário para a leitura literária, todavia “promover o letramento literário não significa apenas promover a apropriação da leitura e da escrita, mas fazer com que estas sejam significadas e apreciadas” (SILVA; SOUZA, 2012, p. 43). Posto que, nem mesmo as

bibliotecas, como instituições com apelo literário, tal qual se verá nos nossos dados, ocupam lugar central, na leitura literária de todas as cidades.

Apesar disso, a leitura literária permite que a pessoa transite e conecte aspectos da vida ordinária com produções do imaginário social e da imaginação pessoal, tanto para produzir prazer estético quanto para aprofundar em temas pontuais da vida corrente. Este trânsito entre as vidas vividas como cotidianos e vidas que se projetam no campo da imaginação impede a Literatura de ser apenas uma ação informativa ou de ordem cognitiva/racional. Pelo contrário, ela é ação humana para despertar sensibilidades e produzir subjetivações das mais diferentes ordens: daquelas que são pontuais a respeito de alguém e outras que se referem a grupos e comunidades de pessoas.

Segundo Lajolo (1982), a Literatura é uma expressão da realidade interpretada pela Subjetividade de alguém, por meio da produção artística, portanto, a leitura de textos/livros literários é essencial na formação global da pessoa exatamente porque permite acesso a mundos interpretados por outras pessoas e a criação de possibilidades de mundos diferentes daquele que a pessoa vivencia no dia a dia. Por isso, faz-se necessário trabalhar a Literatura com os(as) estudantes da EJA apresentando a eles(as) textos/livros diversificados, além dos que estão habituados em seu cotidiano. Nestes termos:

Pensar o ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que se defina a finalidade desse ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico - capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção [...]. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra (ROUXEL, 2013, p. 20).

Em vista disso, ao planejar as aulas de Literatura, o(a) docente deve observar as especificidades contextuais e históricas dos(as) alunos(as) da EJA e selecionar textos/livros que possam atrair sua atenção, despertando o desejo de compreender o que está escrito nas linhas e entrelinhas, desmistificando assim o pensamento de que ler obras literárias é chato, cansativo e se constitui como realidade distante da deles(as). As implicações negativas dessas observações são reconhecidas por Lajolo (1994, p. 106), para quem “o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisam ler muitos”. Logo, se Literatura é a interpretação de mundo feita por alguém, sua leitura não deixa de ser igualmente outra interpretação do mundo que se nos apresenta por meio da escrita.

Neste sentido, e segundo John Firth (In: GERALDI, 1997, p. 23), “o ensino de literatura passaria a ser o vivenciamento da obra literária enquanto experiência transformadora e não simplesmente como a assimilação de mecanismos codificados de escuta e apreciação”. Isto significa que a leitura literária precisa tornar-se um recurso que auxilie os(as) estudantes a solucionarem conflitos pessoais, da mesma maneira que a participarem de forma crítica das transformações culturais e sociais de seu país, estado, cidade, bairro e principalmente de seus lares, uma vez que a leitura o aproxima de sua realidade. Quem sabe assim o(a) discente perceberá com alguma nitidez o que acontece à sua volta e fará aproximações e, também, distanciamentos entre o texto/livro lido e o conhecimento empírico que traz consigo.

Ainda que estas possam ser condições para o ensino de Literatura em todas as etapas e contextos da educação escolarizada, por que na EJA elas se tornam demandas metodológicas mais urgentes? Para responder este questionamento é necessário ponderar que os(as) estudantes da EJA possuem idades dissemelhantes e conseqüentemente retornaram à escola com perspectivas, objetivos e experiências igualmente diversificadas. Por esse motivo, é necessário aproximá-los(as) de suas realidades, dando-lhes oportunidades para exporem seus anseios e de serem protagonistas da sua vida escolar-social. Algo que já deveria acontecer na chamada escola regular, com estudantes mais jovens, mas que não se apresenta como o quadro mais frequente na educação brasileira. Haja visto que os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA)¹, 2018, expõem que,

No Brasil, 50% dos estudantes atingiram pelo menos o Nível 2 de proficiência em Leitura (média da OCDE: 77%). Esses estudantes conseguem, no mínimo, identificar a ideia principal em um texto de extensão moderada, encontrar informações baseadas em critérios explícitos, embora às vezes complexos, e refletir sobre o propósito e a forma dos textos quando explicitamente instruídos a fazê-lo (BRASIL, 2019, p. 3).

[...] Apenas 2% dos estudantes alcançaram os níveis mais altos de proficiência (Nível 5 ou 6) em pelo menos um domínio (média OCDE: 16%), e 43% dos estudantes obtiveram uma pontuação abaixo do nível mínimo de proficiência (Nível 2) em todos os três domínios (média da OCDE: 13%) (BRASIL, 2019, p. 1).

Sabemos que muitas vezes a infância é erroneamente tida por muitas pessoas como a etapa da vida em que se está construindo a própria história, em oposição aos adultos, que já tem a sua história construída, ainda que se mantenha em curso. Assim, visando amenizar a urgência de conhecimentos literários que o(a) estudante da EJA apresenta ao retornar à escola,

¹ O PISA é um estudo trienal, realizado em diversos países do mundo com estudantes de 15 anos de idade e tem por objetivo avaliar a proficiência em Leitura, Matemática e Ciências. Porém, devido a Pandemia (Covid-19), as avaliações de 2022 foram realizadas de forma eletrônica e a publicação dos resultados está prevista para dezembro de 2023.

é inevitável que o(a) docente de Literatura adote uma metodologia que oportunize o(a) discente a compartilhar suas vivências com colegas de turma e público extraescolar.

Observe, se a articulação triádica - pessoa ↔ literatura ↔ sociedade - na infância muitas vezes é negada ou dificultada pela suposta falta de experiência da pessoa no mundo, devido à sua condição de pessoa não adulta, o que justificaria a ausência de tal articulação no caso da Educação de Jovens e Adultos (EJA)? Ao tentar responder essa questão, provavelmente o(a) estudante e o(a) professor(a) esbarram na leitura como capacidade cultural de subjetivação social, validada positivamente pelos grupos hegemônicos e dominantes em relação à cultura e à política escolar, em outros termos, a capacidade da leitura (e da escrita) apresenta-se neste contexto (preconceituoso) como imprescindível para que a pessoa adquira experiências aprovadas pelos regimes sociopolíticos vigentes como passíveis de compartilhamento e de importância comunitária. Em suma, para a infância, a pouca idade é o que ofusca a importância da relação triádica. Já na EJA, a dificuldade de escrita e de leitura se configura como o entrave simbólico de natureza equivalente ao que se passa com as crianças. Em um e no outro caso, a pessoa, frequentemente, se percebe (e é colocada nesta condição) apartada da sua própria vida cotidiana nas relações de ensino e de aprendizagem em Literatura, com foco na leitura literária.

Vejamos: se a EJA tem por objetivo, além da formação escolar, contribuir para que estudantes consigam ampliar sua formação cidadã e global, na medida em que possam integrar a experiência da leitura literária com momentos de importância simbólica e emocional de suas vidas, ao expandirem sua autonomia no modo de habitarem o mundo, podem colaborar com as mudanças políticas, sociais e culturais da sua comunidade, ainda que não tenha como garantir que isso de fato ocorrerá. Além desses objetivos de formação, não deve se desconsiderar, claro, o aperfeiçoamento de capacidades profissionais técnicas decorrentes da escrita e da leitura. O processo necessário para tais fins é aquele em que cada estudante tenha condições de, pela capacidade de fruição e de análise na leitura literária, reconhecer-se em algumas histórias lidas e diferenciar-se em outras.

Esse exercício de articulação de si e de seu mundo com o todo das histórias amplia a capacidade de elaborar diversas formas de interpretações das histórias, bem como de explorar as subjetividades presente nos textos/livros literários e de se posicionar criticamente frente ao exposto, tendo a sua própria subjetividade como ponto de ancoragem do processo. Não se trata de buscar aquilo que é similar ao seu modo de existir no mundo. Pelo contrário, trata-se de auxiliar cada estudante a entender que seu modo é apenas um modo possível de existir no mundo e que existem muitos outros igualmente possíveis e necessários. E a integração desses

diferentes modos de existência aos seus, permite que se expanda para si o mundo e suas relações com ele. Essa relação pessoa ↔ coisa ↔ mundo não inclui apenas a dimensão individual, pessoa ↔ pessoa, mas também a esfera coletiva das existências, já que, para González Rey e Mitjans Martínez (2017), a subjetividade está relacionada às características simbólicas e emocionais dos seres humanos tanto individual como socialmente.

Na direção do exposto, o Parecer nº 11/2000 ressalta a importância da experiência na aprendizagem dos(as) estudantes da EJA:

[...] a aprendizagem requer um processo constante de envolvimento e aproximações sucessivas, amplas e integradas, fazendo com que o educando possa a partir das reflexões sobre suas experiências e percepções iniciais, observar, reelaborar e sistematizar seu conhecimento acerca do objeto em estudo (BRASIL, 2000, p.53).

O parecer referido explicita a necessidade de se compreender que a articulação triádica, pessoa ↔ literatura ↔ sociedade, não se dá imediatamente e tampouco de modo definitivo. É necessário que se desenvolvam meios para adentrar as camadas mais profundas dos textos/livros literários, isto é, adentrar nas entrelinhas, de modo a permitir que a pessoa leitora desbrave as manifestações das subjetividades das personagens, compreenda os contextos sociais em que as mesmas se fazem possíveis, adentre na perspectivação do mundo por parte da pessoa escritora, para que então possa articular aquelas experiências simbólicas e emocionais com as suas próprias. Por essa razão, no mais das vezes, a subjetividade em toda a sua complexidade não se apresenta de forma direta. É preciso analisar todo o contexto exposto na obra, de modo a articular a dimensão social com a dimensão individual da subjetividade, mergulhar nos pormenores da trama, observar ações, reações, intenções, pensamentos e comportamentos. Isto significa ir além do que está explícito nas linhas, significa também ir mais fundo na própria existência, de modo a entretecer a si e a obra numa leitura que não é só da obra, nem só de si. É a compreensão daquilo que emerge no encontro de si com a obra em um contexto sociocultural específico.

3 A LITERATURA ENTRE TEORIAS, METODOLOGIAS, INSTRUMENTOS DE PESQUISA, DADOS E ESQUEMA DE ANÁLISE.

Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade; se desistimos da leitura quando encontramos a primeira dificuldade (FREIRE, 1989, p. 57).

O terceiro capítulo discorre sobre as teorias, metodologias, instrumentos de pesquisa, dados e esquema de análise dentro da Literatura, para tal propósito, exibiremos a Subjetividade Individual e a Subjetividade Social dos(as) estudantes da EJA mediante a leitura de textos/livros literários durante as aulas de Literatura e/ou em outras localidades, como também, a Subjetividade como categoria de análise literária e como ancoragem para o ensino da Literatura na EJA, onde apresentaremos esquemas gráficos para leituras/análises dos vocabulários subjetivos em/de obras literárias que tenham a Subjetividade como categoria. Com esse intuito, a Subjetividade apresentada nesta pesquisa é a da Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey.

Isto posto, observamos que Paulo Freire (1990) enfatiza a compreensão do texto, por meio de uma leitura crítica, leva o leitor a fazer a ligação entre o texto e o contexto. Neste sentido, a Subjetividade é um fator característico da leitura de textos literários e Roland Barthes (2004) a caracteriza como uma reescrita feita pelo(a) leitor(a), contornando a linguagem utilizada pelo(a) autor(a) e transpondo sua memória e consciência, construindo e/ou reproduzindo sua opinião diante dos enunciados. Diante disso, cada leitura é única e cada leitor(a) a interpreta a seu modo, havendo muitas interpretações possíveis de um mesmo texto/livro literário.

Entretanto, tal leitura (interpretação) nunca é apartada da cultura em que aquela leitura se torna possível, porque a autonomia da interpretação é de certo modo alcançada em um escopo sociocultural que garante o mínimo de compartilhamento entre as pessoas e os objetos culturais em determinado momento. Nesse trato entre personalidade e cultura, Zilberman (1990) sustenta que o(a) leitor(a) amplifica os limites do conhecimento, por meio da leitura de textos/livros literários, assimilando-o sob o exercício da imaginação e sobre a leitura de textos/livros literários, Cândido (1995, p. 243) descreve que “(...) é um direito, uma vez que pode assegurar o equilíbrio de toda uma sociedade”, já que estamos lidando, com a leitura

literária de camadas de compartilhamento e negociação de sentido sobre as experiências das vidas humanas. De acordo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica compreensão no qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL, 1997, p. 41).

Deste modo a inserção da Literatura e Subjetividade na formação social de estudantes da EJA resgata a dimensão simbólica das ações humanas para além dos significados, possibilitando a organização de sentidos específicos das experiências humanas. Porquanto considerável parte dessa dimensão simbólica contém, inclusive, aspectos extra obra, tais como: local de leitura, contexto da leitura, agentes da leitura, pares de leitura, leituras associadas, finalidade da leitura, etc. Todavia, essa articulação não centra a análise nas intenções de autores(as), nem a subjetividade leitora, isto porque ambas se coorganizam de modo intrínseco e codependentes com uma terceira camada de subjetividade a qual é a tensão subjetiva entre a subjetividade social da época da escrita com a subjetividade social da época da leitura, ou seja, a díade de subjetividades individuais, pessoa autora (por meio dos dados sensíveis da obra e de suas personagens) e pessoa leitora (por meio da sua história de vida) que estão imbricadas de outra díade, a de subjetividades sociais: da época da escrita e da época da leitura.

Não se trata portanto de se entender ou construir significados na leitura para a obra, mas sim de construir os sentidos que carregam em si para a pessoa leitora as múltiplas dimensões de subjetividades presentes no ato de ler. “Nessa perspectiva, defende-se a especificidade do discurso literário como ponto de partida para o trabalho com a literatura, cujo principal caráter definidor se fundaria não no tema, mas na forma expressa pela linguagem para gerar significados” (SILVA; SOUZA, 2012, p. 42). Com esse propósito utilizamo-nos da cartografia para haver uma melhor compreensão dos dados construídos nesta pesquisa, visto que “[...] cartografar é acompanhar processos [...]” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2020, p. 73), ou seja, “a cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2020, p. 73).

E para entender como a Subjetividade se tornou nossa categoria de análise de obras literárias, precisamos entender que ela, aqui, está pautada na pesquisa qualitativa, esclarecida por González Rey “[...] como uma linha de pesquisa, pois seu objetivo é a criação de modelos

teóricos sobre a realidade estudada” (2017, p. 90). Nesse viés, ele optou por estabelecê-la como uma perspectiva epistemológica, titulando-a por Epistemologia Qualitativa, uma vez que, ela “*defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento*, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como *apropriação* linear de uma realidade que se nos apresenta” (2017, p. 5, grifo do autor). Haja visto que a Subjetividade é uma característica própria do ser humano dentro da cultura e quando acionada expõe instâncias individuais e sociais como intermediárias, as quais possuem índoles dinâmicas, generativas e atuantes.

Em seguimento, González Rey e Mitjans Martínez (2020, p. 159) asseveram que: “A subjetividade, portanto, não equivale ao psicológico, pois trata da qualidade simbólico-emocional dos complexos processos e fenômenos humanos, simultaneamente sociais e individuais produzidos no âmbito da cultura e da vida social”. A Subjetividade não é explícita, nem estática, por essa razão, não pode ser facilmente apreendida, ela “se expressa inconscientemente na maneira pela qual sentimos a nossa experiência, não nas explicações atribuídas às causas do nosso emocional” (GOULART, 2020, p. 234). Isto posto, González Rey (2019b) sustenta que, a Subjetividade não se apresenta claramente na fala, mas durante o diálogo, momento em que o(a) pesquisador(a) pode produzir hipóteses sobre aspectos da vida do(a) estudante/participante e conseqüentemente elaborar ações que o(a) levem a refletir sobre particularidades da sua vida. Diante disso:

A definição de subjetividade da qual partimos avançou estreitamente relacionada com a definição da Epistemologia Qualitativa e representa uma nova definição ontológica dos processos e fenômenos humanos que fazem possível a existência cultural do homem, que se formam e se desenvolvem na cultura, sendo responsáveis também pelas mudanças cada vez mais aceleradas da própria cultura (GONZÁLEZ REY, 2019, p. 33).

Dessa forma, por epistemologia qualitativa compreendemos que ela surgiu a partir da necessidade de amenizar os déficits da pesquisa qualitativa e de reconstruir a Subjetividade dentro da psicologia cultural-histórica. Assim:

Nossa proposta da Epistemologia Qualitativa foi introduzida com o objetivo de acompanhar as necessidades da pesquisa qualitativa [...], pois, de modo geral, as referências epistemológicas alternativas ao positivismo se limitavam a um nível de princípios muito gerais, sem se articularem essencialmente às necessidades dos diferentes momentos concretos da pesquisa, os quais sem dúvida requeriam uma fundamentação para se legitimar diante dos critérios do positivismo (GONZÁLEZ REY, 2017, p. 4).

Assim sendo, Epistemologia Qualitativa e Subjetividade são basicamente inseparáveis, pois juntas fazem com que a teoria possua uma natureza epistemologicamente clara e “como todos os recursos da ciência, a Epistemologia Qualitativa é uma ferramenta para estender o pensamento imaginativo, criativo, à significação de novos processos humanos” (GONZÁLEZ REY, 2019, p. 41). E consoante com a Epistemologia Qualitativa é instrumento de análise da pesquisa qualitativa toda situação espontânea e genuína expressa pelos(as) participantes, em virtude, da subjetividade do(a) pesquisador(a) ser essencial para o êxito da pesquisa, visto que a Epistemologia Qualitativa desafia o(a) observador(a), à proporção que o(a) faz refletir sobre os procedimentos e particularidades fundamentais para o progresso subjetivo individual e social do(a) partícipe. Em outros termos, a subjetividade não se manifesta estritamente por meio de causas externas, não é baseada em dados e não termina quando a experiência acontece pela realidade concreta e imediata, ela também está presente nas situações vivenciadas pela pessoa e em partes de informações formadas durante o processo comunicativo, as quais Martínez e González Rey denominam como sentidos subjetivos, ou seja:

O sentido subjetivo representa a experiência humana no âmbito subjetivo, são as múltiplas e dinâmicas unidades de processos simbólicos e emocionais que fugazmente se sucedem no curso dessa experiência, processo esse em que se definem nossas percepções, ideias e estados afetivos dominantes. Os sentidos subjetivos são extremamente voláteis no decorrer de uma experiência (2017, p. 87).

Isto significa que o sentido subjetivo sempre será diferente, dado que, ele é a unidade simbólico-emocional que determina a junção do pensamento, emoção, imaginação e ação da pessoa. E o conjunto deles forma a configuração subjetiva que tem a função de organizá-los e definir a trajetória de uma experiência vivenciada, formando novos sentidos subjetivos. Em outros termos:

As configurações subjetivas representam a organização dos próprios sentidos subjetivos, os quais, em seu fluir, terminam gerando formas qualitativamente diferentes de organização, que se erigem em unidades subjetivas mais complexas com capacidade geradora de novos sentidos subjetivos, representando a independência relativa das emoções, reflexões, e percepções do ser humano em relação ao ambiente externo imediato (MARTÍNEZ; GONZÁLEZ REY, 2017, p. 88).

À vista disso as experiências e ações de estudantes da EJA estão relacionadas ao processo simbólico e emocional que estrutura a Subjetividade, a qual é formada por sentidos subjetivos que como unicidade surgem do processo simbólico-emocional presente em todas as

ações humanas e é impossível analisá-los separadamente, pois um processo sempre invoca o outro, mas um não é incorporado ao outro. González Rey (2017, p. 63-64), aponta que “os sentidos subjetivos emergem no curso da experiência, definindo o que a pessoa sente e gera nesse processo, definindo a natureza subjetiva das experiências humanas [...]” e conforme dito anteriormente, os(as) estudantes da EJA retornam à escola trazendo consigo experiências vivenciadas e elaboradas em seu cotidiano, um conjunto de sentidos subjetivos que constituem a sua configuração subjetiva. Todavia, cada ser humano é único em suas experiências, por essa razão, a configuração subjetiva não é a mesma para todos e por consequência:

O conceito de subjetividade, [...] rompe com as dicotomias estabelecidas no pensamento moderno, tais como indivíduo/sociedade, intelectual/emocional, interno/externo mediante um modelo teórico que assume a psique humana a partir de seu caráter gerador dentro da trama cultural na qual as pessoas e grupos participam (SOUZA; TORRES, 2019, p. 34).

Destarte, a Teoria da Subjetividade, aqui explanada, é essencial na formação socioeducativa dos(as) estudantes da EJA, dado que, permite relacionar os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas das histórias de vida dos(as) discentes com os novos conhecimentos construídos ao retornarem à escola, onde eles(as) poderão reconhecer sua subjetividade individual e construir os modos de estar no mundo por meio da subjetividade social.

3.1 A Subjetividade Individual de estudantes da EJA mediante a leitura literária

A partir de suas experiências, estudantes da EJA vão construindo suas histórias, configurando a dimensão pessoal de sua Subjetividade, confrontada pelo âmbito social da mesma Subjetividade. Por conseguinte, Rossato e Mitjás Martínez (2013, p. 290), apontam que a Subjetividade Individual “se organiza em torno de elementos essenciais na sua compreensão e desenvolvimento: o sujeito e a personalidade que interagem numa relação em que um é momento constituinte do outro sem que seja diluído por ele”. Na constituição de si, cada estudante necessita evoluir de indivíduo (diferenciação) para sujeito (agente com tomada de consciência), isto é, precisa conseguir criar caminhos alternativos para resolver os obstáculos que surgem em seu cotidiano e que deformam a possibilidade de encaixe perfeito de si no mundo. Doravante, os(as) discentes da EJA retornam às unidades escolares na busca por expandirem suas habilidades para além da leitura e escrita apenas.

Portanto, na Teoria da Subjetividade com a qual estamos trabalhando, o indivíduo, como existência individual, não é sujeito sempre. O sujeito surge apenas quando suas emoções (da pessoa) se encontram com as ações do indivíduo, coordenadas intencionalmente, dessa forma, o sujeito se manifesta por meio das experiências simbólico-emocionais, porque a partir delas, ele(a) desenvolve pensamentos singulares frente a situações inusitadas e se responsabiliza por suas escolhas, ou seja, não é somente a diferenciação que está envolvida no processo, mas também, e principalmente, a tomada de consciência em relação a ela.

Esse aspecto é crucial para a compreensão da nossa proposta crítica: a leitura literária na educação deve construir e ampliar aspectos individualizados de interpretação e análise de obras, sincronicamente deve incentivar e possibilitar o reconhecimento de que cada interpretação que difere entre si pode ser igualmente possível de coerência em relação à obra. Posto que, a tomada de consciência sobre seu caminho de interpretação e fruição desde suas configurações subjetivas, garante a dimensão individual da experiência com a leitura literária, ocasião em que a consciência de que há certa diversidade de interpretações possíveis, constitui uma das dimensões sociais da experiência. Assim, ao conhecer mais sobre si e sobre o mundo cada estudante é capaz de ir se transformando em estudante-leitor-sujeito, além disso, a própria obra é em si um outro que estabelece demandas e limites para a ação interpretante, de modo a confrontar as aproximações que a pessoa faz para com a leitura literária.

A Literatura tem a habilidade de humanizar as pessoas, despertando a sensibilidade e auxiliando na materialização de emoções e sentimentos difíceis de serem demonstrados, ela aperfeiçoa as convivências entre homem e sociedade, oferta novas oportunidades para que novas competências cognitivas surjam e possibilita uma análise do contexto mundial. Conseqüentemente, a leitura literária tem por finalidade expor ao(a) leitor(a) o valor do variável, dinâmico, ocasional e inédito, consegue transformá-lo(a), isto é, após a leitura de um texto/livro o(a) leitor(a) terá uma nova visão sobre determinados assuntos antes inquestionáveis, pois a Literatura mexe em sua receptividade frente ao mundo e ao outro, é um sistema vivo que transforma seus(suas) leitores(as).

3.2 A Subjetividade Social nas aulas de literatura da EJA

Parte dos(as) estudantes da EJA ao retornarem à escola já possui uma profissão, tem sua identidade social “formada”, visto que saíram de casa cedo e tiveram que aprender a lutar por sua sobrevivência, trabalham/trabalharam de sol a sol para garantir o sustento da família,

muitos(as) tiveram que migrar para outras regiões do país em busca de melhores empregos. Porém, na maioria das vezes, para se aperfeiçoarem profissionalmente dentro das grandes empresas é necessário terem concluído ao menos o Ensino Fundamental, em função disso e na busca da oportunidade de conseguirem melhores cargos/funções em seus trabalhos, mesmo após anos afastados da unidade escolar, estudantes/trabalhadores(as) regressam cheios(as) de expectativas, trazendo consigo além de experiências e conhecimentos, receios, medos e insegurança. Características estas que os(as) intimidam, encobrindo o conhecimento de mundo que construíram em seu convívio familiar e social, tão essenciais para compreenderem e deleitarem-se com obras literárias acessadas durante as aulas de Literatura e que, de certo modo, compõem a dimensão social da sua Subjetividade. Logo, a Subjetividade Social está presente em todas as atividades coletivas vivenciadas por estudantes: na reunião da empresa, na sala de aula com colegas, no encontro com amigos, no jogo de futebol, no papo descontraído, nos intervalos das atividades etc. Todavia, a Subjetividade Social não é e não deve ser padronizada, tendo em vista que cada estudante possui experiências e conhecimentos sociais diversificados, além de significar e elaborar de modo diverso experiências comuns a mais de uma pessoa.

Ao viver em comunidade, o(a) estudante organiza sua vida de diversas maneiras para poder coabitar em harmonia com as demais pessoas, compartilham seus aprendizados histórico-sócio-culturais e dessa junção nasce a dimensão social da Subjetividade. Nesse sentido, González Rey (2008, p. 235), sustenta que a subjetividade social é, “um sistema de sentidos subjetivos e configurações subjetivas que são instalados em sistemas de relações entre pessoas que compartilham um mesmo espaço social” e por possuírem um vasto conhecimento de mundo, estudantes da EJA se identificam com muitos dos textos/livros literários lidos na sala de aula, em especial os que retratam o interior do Brasil, pois muitos(as) cresceram na zona rural. Dessa forma, quando motivados por docentes de literatura, explanam informações enriquecedoras para diversas compreensões da obra, por outro lado, as experiências de colegas podem facilitar o acesso à obra para aqueles que não se identificam com ela na direção da experiência que compartilham por analogia com personagens.

Veja: Posto que a aproximação/compartilhamento metafórico entre pessoa, leitura e personagem deve ser considerada por docentes para permitir acessos à obra literária e sua interpretação, professores(as) devem igualmente entender a importância das experiências discrepantes e divergentes com as da pessoa leitora para a ampliação das experiências de mundo. Importa a tomada de consciência de que contextos da obra oferecem acessos

imediatos àquele grupo de pessoas leitoras e que outros contextos precisam ser negociados individual e coletivamente para possibilitarem emergir sentidos e significados que coadunam ou se contrapõem com as experiências da pessoa e do grupo. Há uma dimensão da negociação dos sentidos visto que o grupo precisa ser considerado nas interpretações e fruição das obras, como parte da Subjetividade Social. González Rey e Mitjans Martínez (2017, p. 88), consideram que:

A subjetividade social não é externa à ação e aos processos imediatos de relação das pessoas, ela está configurada subjetivamente tanto nas configurações sociais dos cenários em que essa ação acontece, quanto nas configurações subjetivas individuais de participação nessa ação social.

Não se trata apenas de compartilhar informações, impressões e gostos, mas também de problematizar, desde as obras, as experiências da pessoa com o mundo de modo a possibilitar ampliação dos sentidos subjetivos e revisão da subjetividade social sempre que possível, para tornar a vida comunitária mais democrática e melhor para o grupo todo. Por conseguinte, “[...] não há apenas um letramento, mas letramentos múltiplos associados aos variados domínios da vida, bem como diversidade nos modos como os sujeitos tomam parte em eventos e situações nesses domínios [...]” (SOUZA, 2009, p. 40), isto é, a realidade vivenciada pelos(as) estudantes da EJA pode aproximá-los(as) das histórias narradas nos textos/livros literários, não só porque oferecem contextos junto aos quais eles(as) têm vivência, mas também por possibilitar desnaturalizar os conhecimentos adquiridos e/ou construídos ao longo da vida, enquanto permitem tomar consciência da diversidade de modos de existir e habitar o mundo, elemento fundamental para a leitura literária.

3.3 A Subjetividade como categoria de análise literária e como ancoragem para o ensino de literatura na EJA

A Literatura proporciona à pessoa leitora viagens entre a ficção e a realidade, o entrelugar que se constitui no mundo das letras. Nesse entrelugar emergem possibilidades de identificação emocional e social, rupturas afetivas com a ordem naturalizada das coisas, ampliação de sentidos e significados de si e para si no mundo, assim como questionamentos sobre o que deve ser feito para se tornar um(a) cidadão(ã) capaz de buscar melhorias humanitárias e éticas para a sociedade. Por esse lado, a Literatura é sempre interessada (intencional), a leitura também o é, ou seja, ao ler um texto/livro literário o(a) leitor(a) busca

mais do que está explícito, salvos casos em que a leitura é uma obrigação (imposta) como meio de avaliação, por exemplo, de natureza pergunta e resposta, sendo a resposta uma pré-concepção do que se considera correto, de modo monolítico, diretivo e autoritário.

Por esse motivo ao analisarmos textos/livros literários é necessário observarmos as camadas de sentidos mais profundas e muitas vezes camufladas nas ações e intenções das personagens, para além dos significados atribuídos a essas ações. Esse movimento analítico requer que compreendamos os laços sociais e afetivos que as personagens e contextos da obra estabelecem entre si, entre essas e entre o mundo que habita a pessoa leitora. O último configura como o mundo cotidiano, que envolve ele próprio na chamada realidade concreta e muito daquilo que comumente se entende por ficção, ou melhor, trata de analisarmos dimensões da subjetividade individual e social existente, as quais González Rey descreve como:

A subjetividade individual representa os processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos. Nela aparece constituída a história única de cada um dos indivíduos, a qual dentro de uma cultura, se constitui em suas relações pessoais (2020, p. 309).

A subjetividade social emerge como parte das subjetividades individuais de tal maneira camuflada que é impossível inferi-la diretamente dos comportamentos observados ou da linguagem explícita (2020, p. 70).

Em vista disso, Roland Barthes (2004) defende que a subjetividade é caracterizada como uma reescrita feita pelo(a) leitor(a), contornando a linguagem utilizada pelo(a) autor(a) e transpondo sua memória e consciência, reproduzindo sua opinião diante dos enunciados, transforma o que é universal em algo individual. Nos nossos termos, percorre a estrada de mão dupla entre a dimensão individual e a dimensão social da Subjetividade, como se verá adiante.

Logo, nossa defesa é a de que a Subjetividade como categoria de leitura/análise literária tem por objetivo incluir a dimensão simbólica na dotação de sentido das ações humanas em tais processos, como já explicitamos antes neste texto. Nessa acepção, Vygotsky em *Pensamento e Linguagem* (1987, p. 275-276) aponta o sentido como:

[...] um agregado de todos os fatos psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa que tem inúmeras zonas que variam em sua instabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto da fala. É a mais estável, unificada e precisa dessas zonas.

Já a dimensão simbólica pode ser entendida aqui como a “polivalência de sentidos da ação em relação a objetos e contextos, bem como às conotações culturais e pessoais interconectadas que levam a pessoa a planejar, executar e significar sua ação” (SAMPAIO; GONÇALVES, 2017, p. 110). Fundamentado no conceito de Vygotsky, descrito acima, e articulado com a dimensão simbólica apresentada, González Rey desenvolveu a noção de sentido subjetivo e a apresenta como sendo “a unidade inseparável do simbólico e do emocional, onde a emergência de um provoca a aparição do outro sem ser a sua causa” (2011, p. 33). Em outros termos, os sentidos subjetivos não devem ser considerados isoladamente, pois estão presentes de modo articulado em todas as ações dos seres humanos e são executores da conotação subjetiva dessas ações.

Isto posto, González Rey (2017, p. 22) aponta que:

A subjetividade legitima-se por ser uma produção de sentidos subjetivos que transcende toda a influência linear e direta de outros sistemas da realidade, quaisquer que sejam. O sentido subjetivo está na base da subversão de qualquer ordem que se queira impor ao sujeito ou à sociedade desde fora.

Portanto, em consonância com o sentido subjetivo, as configurações subjetivas expõem as verdadeiras formações psicológicas, a Subjetividade humana, que González Rey apresenta como “formações psicológicas complexas caracterizadoras das formações estáveis de organização individual dos sentidos subjetivos, elas representam a unidade do histórico e do atual na organização da subjetividade” (2011, p. 34). Diante disso, a Subjetividade está presente tanto no sujeito individual como no sujeito social, uma vez que, as pessoas convivem e dividem momentos e espaços por meio da configuração de uma sociedade concreta, conforme evidenciado a seguir:

A subjetividade social apresenta-se nas representações sociais, nos mitos, nas crenças, na moral, na sexualidade, nos diferentes espaços em que vivemos etc. e está atravessada pelos discursos e produções de sentido que configuram sua organização subjetiva. Cada uma das formas de expressão da subjetividade social expressa a síntese, em nível simbólico e de sentido subjetivo, do conjunto de aspectos objetivos, macro e micro, que se articulam no funcionamento social. Esses são os mesmos elementos que se articulam na formação subjetiva individual, com a diferença que os processos de sentido nesse nível estão constituídos, de maneira diferenciada, pelos aspectos singulares da história das pessoas concretas (GONZÁLEZ REY, 2017, p. 24).

Desse modo a dimensão social da Subjetividade, como dissemos anteriormente, aparece na obra na medida em que os contextos apresentam as (re)ações das personagens na cultura que as envolvem, com maior ou menor enfoque sobre os contextos políticos, sociais e

econômicos em que se inserem as personagens, as obras literárias tendem a nos permitir algum acesso às configurações subjetivas das personagens, já que nos abrem caminhos para refletir sobre conflitos, consonâncias, resistências etc., entre como agem, porque o fazem e como se espera (na obra) que agissem. Em outros casos, a proposta de escrita intenciona essa perspectiva mais centrada em um mergulho na complexidade Subjetiva, tanto de quem escreve, com suas personagens, como de quem lê, a partir das personagens.

Nesse seguimento, González Rey (2011, p. 35) sustenta que:

Toda experiência humana tem infinitas questões a serem percebidas, refletidas e memorizadas, porém só percebemos, refletimos e memorizamos aqueles aspectos que ganham sentido subjetivo dentro da configuração subjetiva que emerge no curso da experiência vivida que representa o momento vivo da personalidade na ação do sujeito. Essa configuração subjetiva da experiência vivida [...] é sempre a organização atual que o sistema subjetivo individual assume em seu desenvolvimento, ela é a personalidade no momento atual da ação.

A título de ilustração do que estamos expondo, as obras machadianas são repletas da consciência do autor sobre essa complexa dimensão da subjetividade entre escrita e leitura. O livro *Dom Casmurro* é um exemplo, e será utilizado aqui na nossa ilustração, pois nele o(a) autor(a) convida o(a) leitor(a) a se perceber como agente no processo de leitura. O narrador-personagem da obra incentiva à pessoa leitora a participar conscientemente da criação dos dados sensíveis que articulam os sentidos da leitura (inclusive no campo da significação). No entanto, para preenchê-los é necessário transcender o explícito, buscar os significados inerentes às informações fornecidas pelo(a) autor(a). Isto representa explorar a Subjetividade presente nos comportamentos das personagens do romance: Bentinho (metido consigo, invejoso, ciumento, possessivo, individualista, mimado), Capitu (observadora, comunicativa, destemida, ativa) e Escobar (esperto, atencioso, companheiro, ousado), além de olhar para o contexto social e cultural em que se desenvolvem suas (re)ações e comportamentos.

É importante ressaltar que o autor de *Dom Casmurro*, Joaquim Maria Machado de Assis, foi jornalista, teatrólogo, crítico de teatro, crítico literário e um dos maiores escritores da literatura brasileira do século XIX; escreveu poesias, contos e romances. Segundo Alfredo Bosi (2003, p.11), “o objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano” e Harold Bloom (2003, p. 457) define o autor como uma “[...] espécie de milagre, mais uma demonstração da autonomia do gênio literário, quanto a fatores como tempo e lugar, política e religião, e todo o tipo de contextualização que supostamente produz a determinação dos talentos humanos”. Suas obras dividem-se em duas fases: a primeira traz características do Romantismo, uma narrativa linear, histórias cheias de mistérios, seus personagens têm

comportamentos voltados para o interesse, ambição e não somente para o amor. Na segunda fase, o autor principia o Realismo no Brasil e revela a fragilidade existencial de seus personagens, seja consigo mesmo ou com os outros, adentrando na análise psicológica.

Seguindo as proposições de González Rey (2017) de que há Subjetividade quando o emocional e o simbólico compõem o sentido da experiência e as configurações subjetivas da vida humana, os quais são essenciais para a compreensão da dimensão subjetiva da existência de personagens, pessoas autoras e leitoras, e conseqüentemente atingir a habilidade EM13LP46 proposta pela BNCC de “compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica” (BRASIL, 2018, p. 525), propomos como metodologia a ser utilizada nas aulas de Literatura a confecção de um esquema gráfico para leitura/análise do vocabulário subjetivo em/de obras literárias tendo a Subjetividade como categoria.

Assumimos desde González Rey (2012a, p. 62) que o vocábulo subjetivo configura-se como “as complexas integrações simbólico-emocionais que se organizam de forma simultânea no curso de uma experiência vivida e no sujeito dessa experiência”. Posto isto, o esquema de análise sugerido compreende dois (02) gráficos sobrepostos que organizam o mapa gráfico do vocabulário subjetivo da obra em relação às pessoas autoras (personagens), às pessoas leitoras e seus respectivos contextos de escrita/leitura.

Com essa finalidade, tomemos como identificador da análise o exemplo da empatia e a personagem Bentinho, já trazida aqui por nós, sendo que a etapa 01 do mapa gráfico será composta pela: a) dimensão simbólica (sociocultural) sobre a empatia para a personagem (se há traços de que socialmente a empatia é almejada, esperada, incentivada..., ou se ela assume sentido negativo, evitada, condenada etc.); b) dimensão emocional (pessoal) sobre a empatia para a personagem, quer dizer, se a personagem entende a empatia como positiva ou negativa nas ações que empreende e que sobre ela recaem. Reparemos que aqui podemos atingir pontos de convergência entre o simbólico e o emocional ou de divergência entre eles, não obstante, em um conjunto de ações e discursos sobre o tema, podemos identificar mais de um ponto de ancoragem no gráfico.

Já a etapa 02 segue a mesma lógica da etapa 01, mas se volta para a pessoa leitora, por isso, quanto mais extensa for à linha que surgir entre os pontos da etapa 01 e da etapa 02, maior complexidade de análise a obra apresenta para a pessoa leitora e em caso de mais de um ponto de ancoragem, o tamanho/área da figura que emergir da ligação dos pontos é que denota o grau de complexidade. No sentido inverso, quanto mais à sobreposição se aproximar

de grafar apenas um ponto, menos complexa é a análise do tema em questão para aquela pessoa leitora em específico.

Uma terceira etapa pode ser sobreposta às outras duas, citadas acima, quando o interesse da análise incluir intenções, contextos e sociedade em que vive/viveu a pessoa autora, mas as dimensões de composição do gráfico seguem a mesma estrutura e, no caso de se tratar de ensino de Literatura, uma quarta etapa pode ser sobreposta, demarcando o posicionamento subjetivo do(a) docente no exercício do ensino.

Vejamos no caso de Bentinho como esse esquema se configura, assim sendo, a ilustração será feita de modo superficial, já que nossa intenção aqui não é apresentar qualquer análise de obra, senão apresentar o esquema para que outras pessoas possam empreender análises, haja visto, que ele não parece reconhecer necessidade de disposição empática em relação à dor alheia, quando ela possa sobrepujar a sua felicidade, como se observa no trecho a seguir, em que Bentinho tenta se esquivar do pequeno comerciante que vinha comunicar-lhe a morte de seu filho:

Custa me dizer isto, mas antes peque por excessivo que por diminutivo. Quis responder que não, que não ver o Manduca, e fiz até um gesto para fugir. Não era medo; noutra ocasião pode até ser que entrasse com facilidade e curiosidade, mas agora ia tão contente! Ver um defunto ao voltar de uma namorada... Há cousas que não se ajustam nem combinam. A simples notícia era já uma turvação grande [...] (ASSIS, 2004, p. 79).

À vista disso, mesmo corroborando da dor do comerciante, Bentinho não se solidariza com ela de fato, no entanto, reconhece alguma importância da relação empática para as interações humanas, assim como o faz em outras partes do livro, pede à pessoa leitora que tenha para com ele uma postura empática, que compreenda seus motivos e reconheça a coerência de sua relação com aquela dor, com aquela morte:

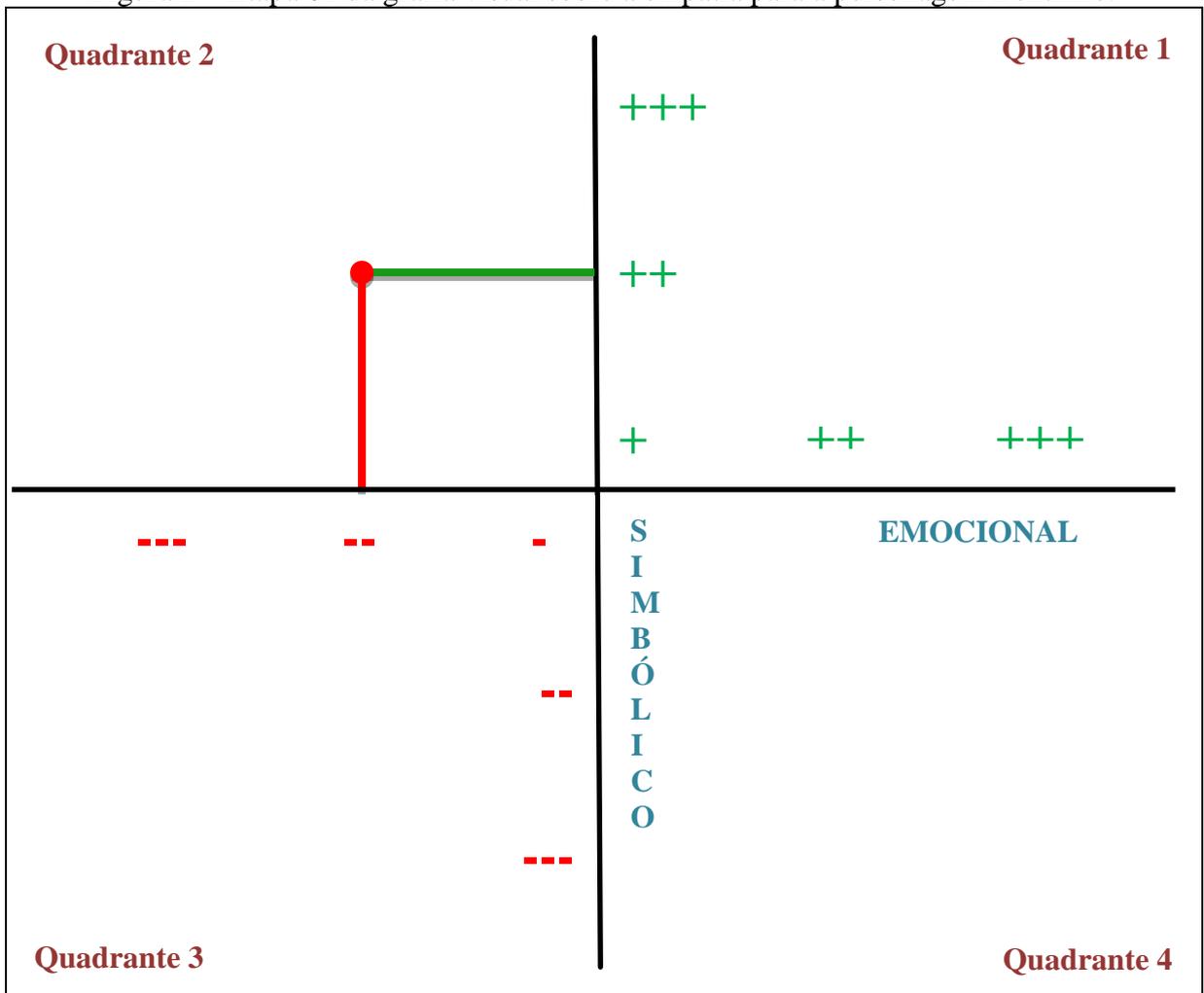
Não culpo ao homem; para ele, a coisa mais importante do momento era o filho. Mas também não me culpem a mim; para mim, a coisa mais importante era Capitu. O mal foi que os dous casos se conjugassem na mesma tarde, e que a morte de um viesse a meter o nariz na vida do outro [...] (ASSIS, 2004, p. 79).

Ou seja, a personagem reconhece que socialmente a empatia (tema), ainda que não seja uma condição indispensável para ordem social (+ + +), já que pode ser evitada aparentemente sem prejuízos irreversíveis, é esperada que esteja presente nas ações das pessoas de modo geral (+ +), e até requerida por ele (em diferentes passagens da obra) e não apenas em contextos muito pontuais (+). Entretanto, pessoalmente a empatia não é algo que

deva conduzir, para a personagem, ainda que não deva estar de todo ausente de suas ações (- - -), suas escolhas de modo geral (- -), caso que o faria não se importar inclusive com a pessoa leitora, ou que deva aparecer apenas em uma outra ação (-).

Desse modo, o cruzamento dos dados nos leva a grafar o ponto no quadrante 02 do gráfico como se vê na figura 2, para tanto, utilizamos por base a estrutura do Plano Cartesiano (objeto matemático plano e formado por duas retas), sem números, apenas sinais de adição (+), subtração (-) e duas retas, sendo uma horizontal, denominada por nós como emocional, e outra vertical, intitulada de simbólico, divididas em quadrantes (quarta parte ou ângulo de 90°). Os pontos demarcados nos gráficos simbólico-emocionais serão utilizados para analisar a Subjetividade frente à obra explorada pelo(a) leitor(a):

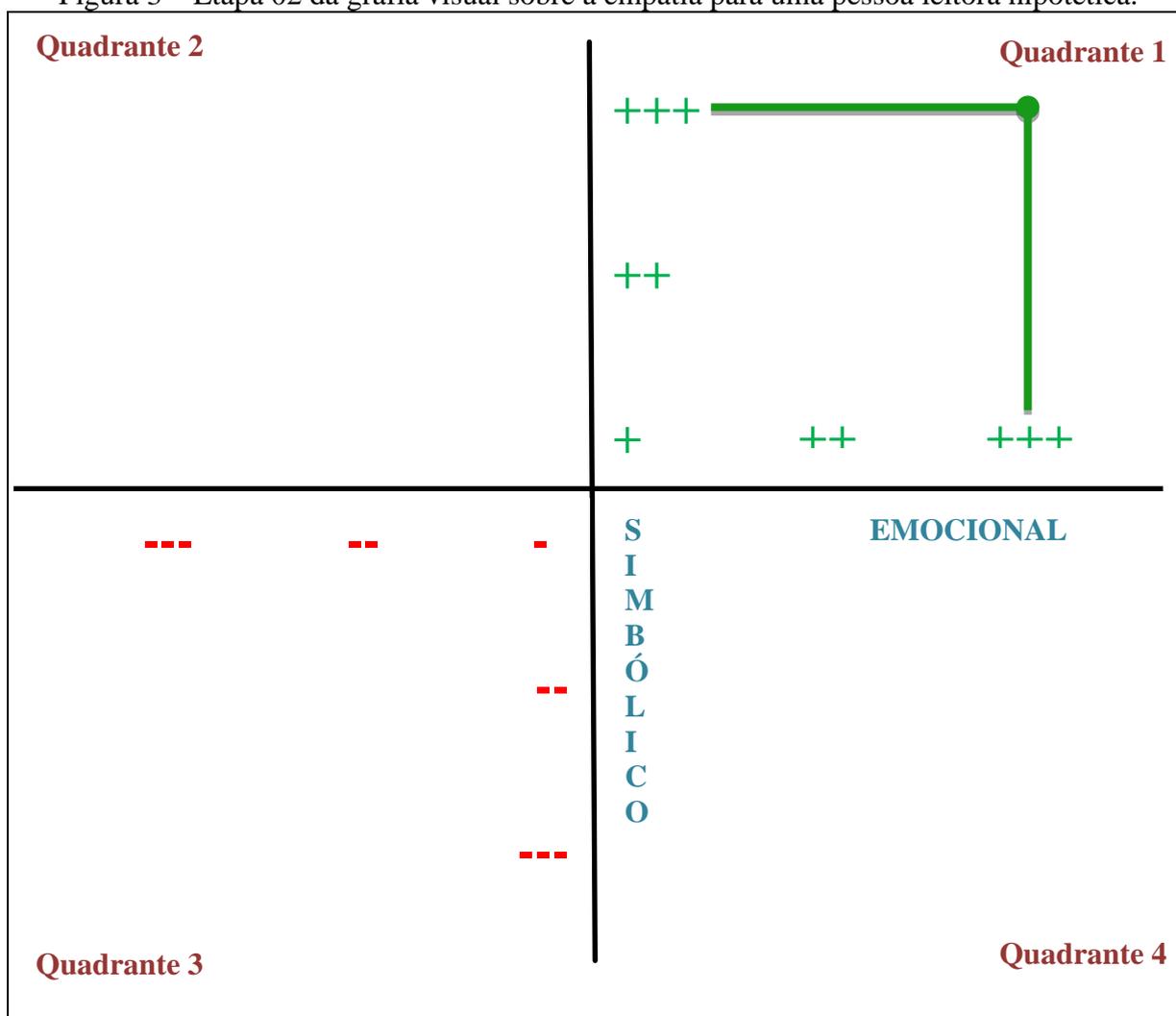
Figura 2 – Etapa 01 da grafia visual sobre a empatia para a personagem Bentinho.



Fonte: Sampaio; Cardoso (2022).

Imaginemos agora uma pessoa leitora hipotética (pessoa 1) que compreenda que a empatia deve estar em um conjunto maior de ações, ainda que não precise estar em todas e que isto é exatamente o que ela compreende que a sociedade contemporânea e no contexto em que vive espera dela. Neste caso, marcamos um ponto no quadrante 01 do gráfico, como mostra a figura 3.

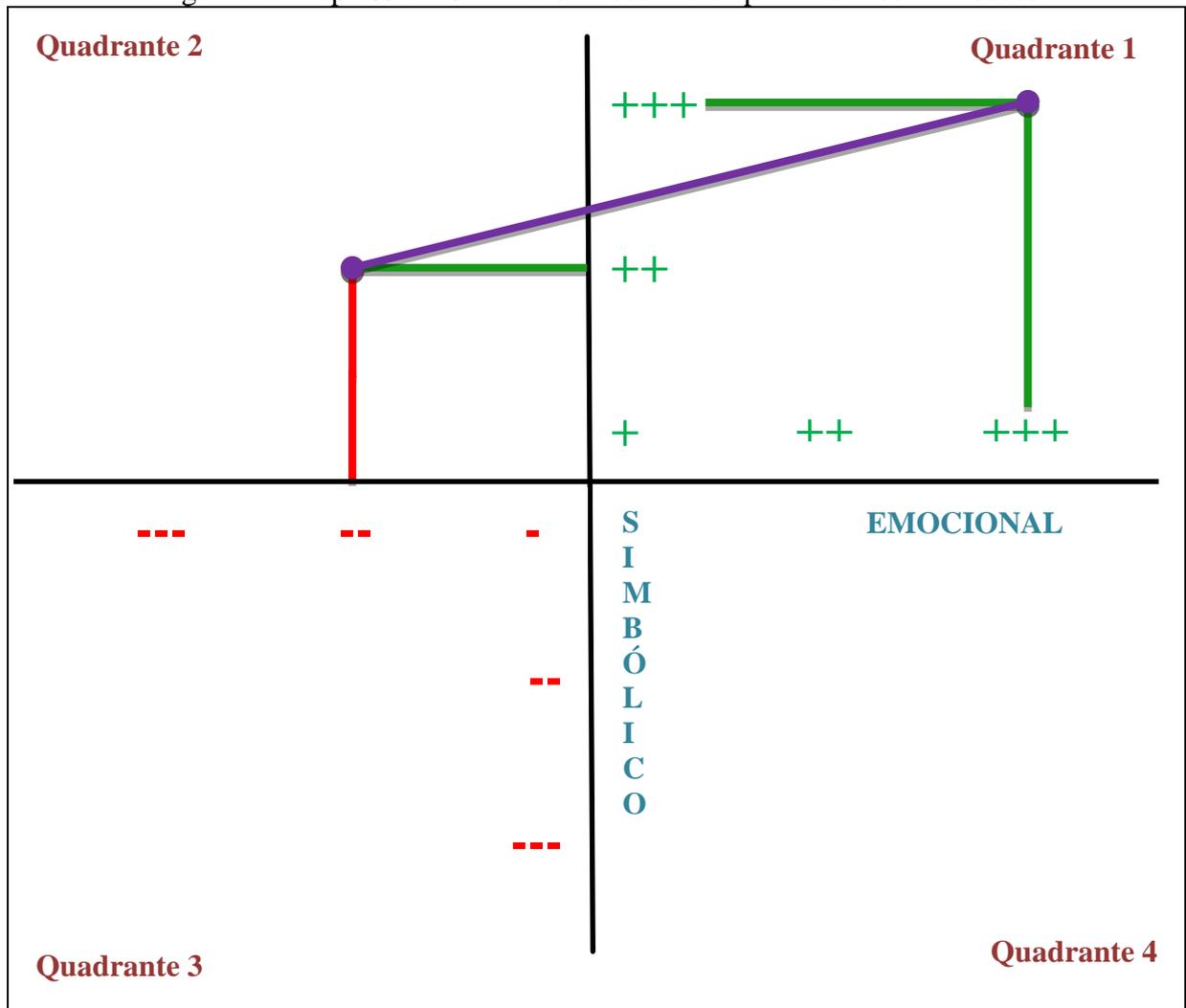
Figura 3 – Etapa 02 da grafia visual sobre a empatia para uma pessoa leitora hipotética.



Fonte: Sampaio; Cardoso (2022).

Quando sobrepomos o material produzido na etapa 01 e na etapa 02, podemos observar que existe um grau elevado de contraposição entre o modo de operação da subjetividade de Bentinho sobre a empatia e as configurações subjetivas do(a) leitor(a) hipotético(a) sobre o mesmo tema, como se observa na figura 4.

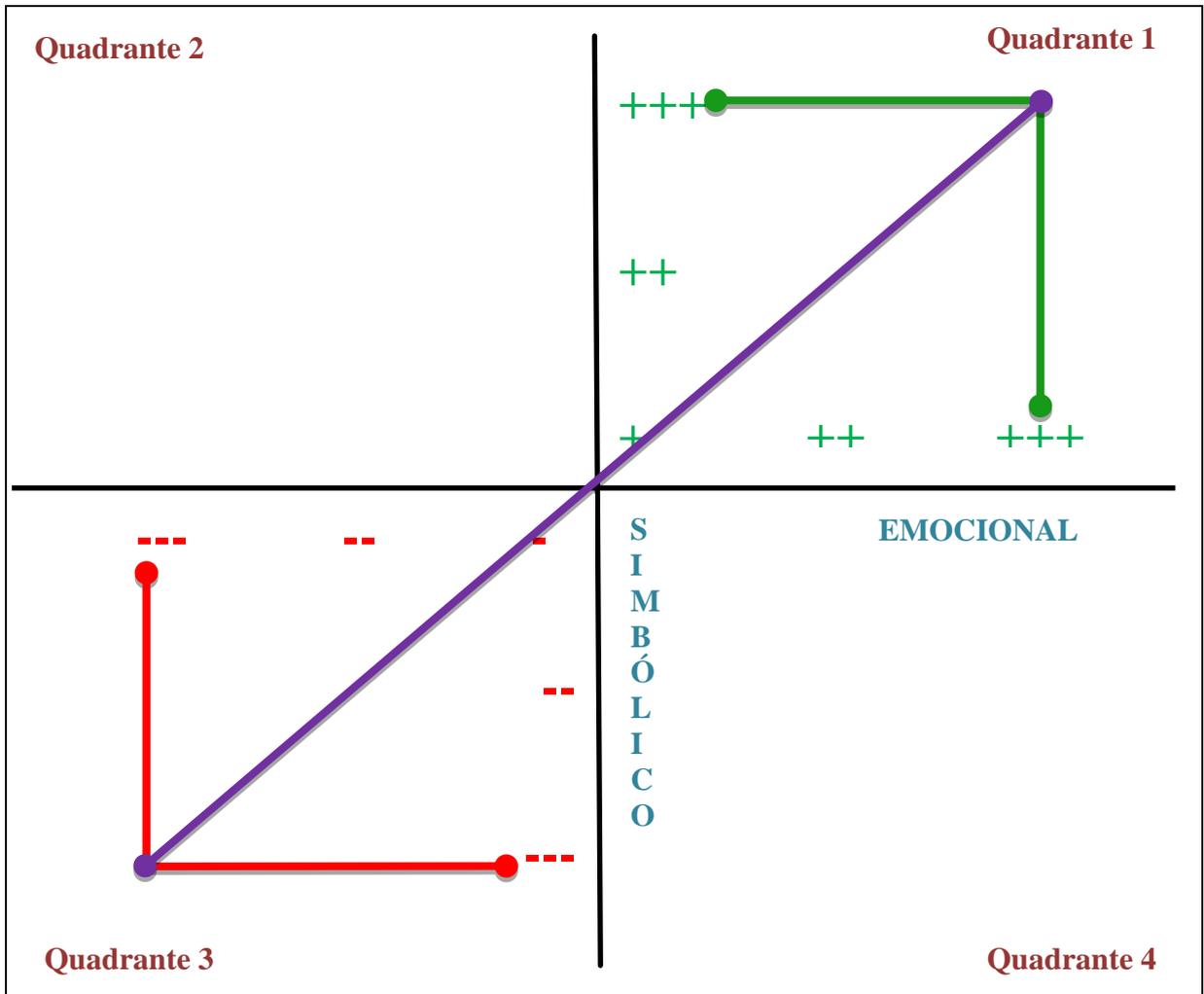
Figura 4 – Etapa 03 da Grafia visual sobre a empatia no caso analisado.



Fonte: Sampaio; Cardoso (2022).

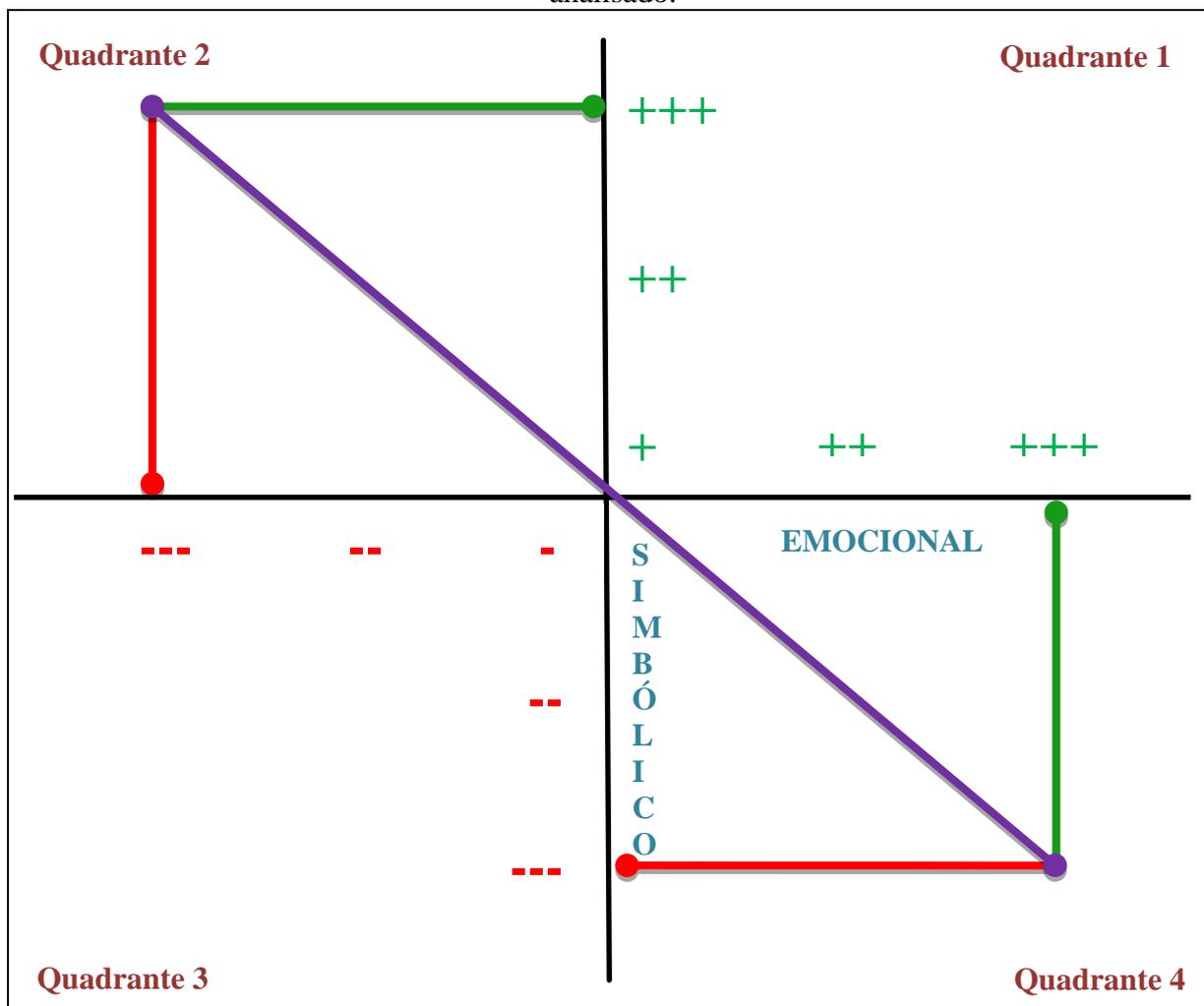
O que se observa no gráfico da figura 4 é que a linha que se forma é consideravelmente extensa e denota tensão entre os dados sensíveis apresentados pela obra e a configuração subjetiva da pessoa leitora sobre o tema em análise. As tensões poderiam ser consideradas mais intensas na medida da ampliação do tamanho da linha. E em tensão limítrofe se a linha cruzasse por quadrantes opostos na diagonal (1 e 3 ou 2 e 4), tal qual representado nas figuras 5 e 6 abaixo:

Figura 5 – Grafia visual da tensão limítrofe dos quadrantes 1 e 3 sobre a empatia no caso analisado.



Fonte: Sampaio; Cardoso (2022).

Figura 6 – Grafia visual da tensão limítrofe dos quadrantes 2 e 4 sobre a empatia no caso analisado.



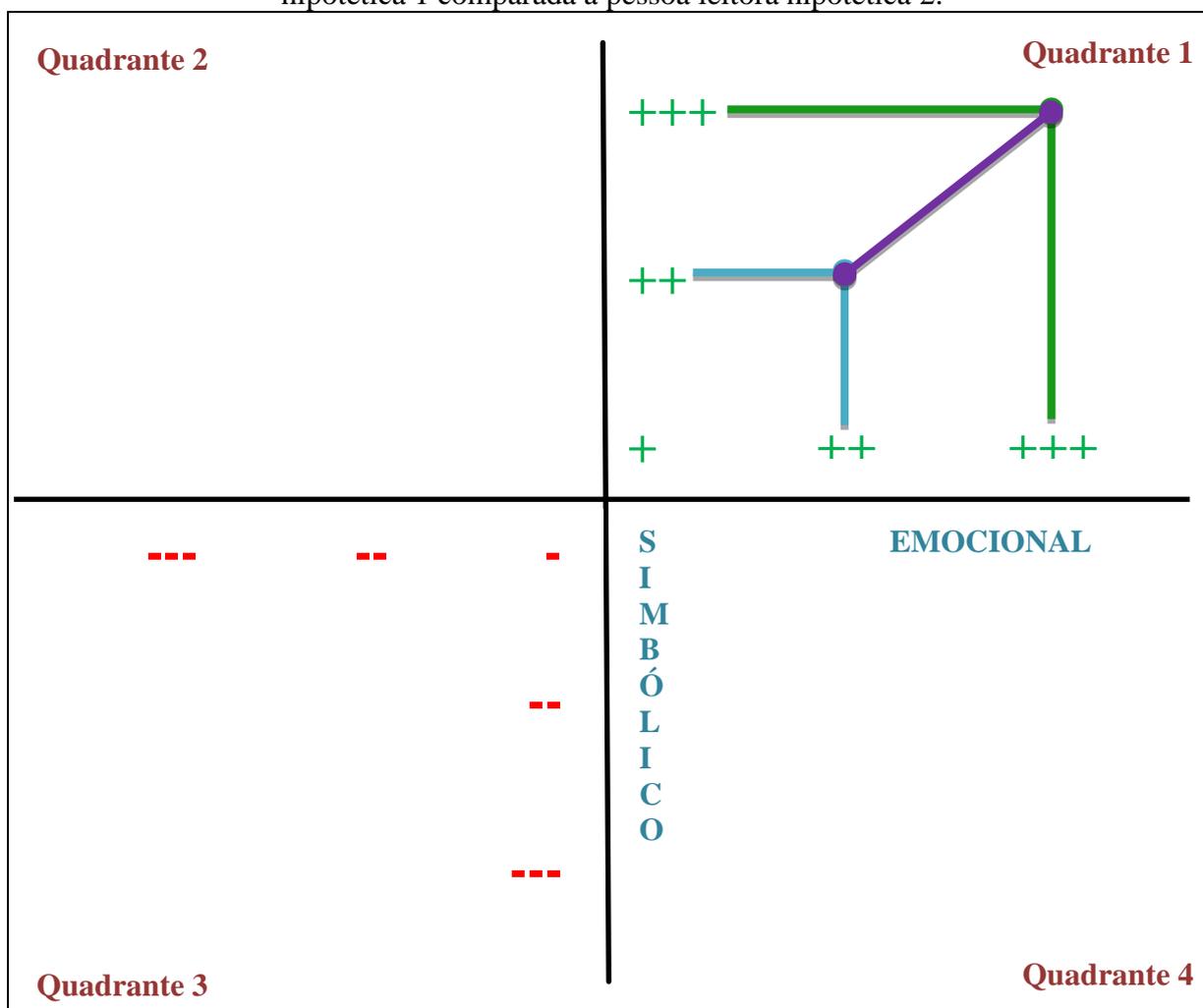
Fonte: Sampaio; Cardoso (2022).

Os meios de composição da etapa 02 dessa grafia visual podem variar de acordo com interesses das pessoas mediadoras e leitoras e dos contextos em que a análise se organiza. Em termos de ensino de Literatura, o objetivo da aprendizagem, para além da apreciação estética, este tipo de instrumentação para a análise nos permite mapear temas relevantes para formações em geral, quanto a temas universais, e para formações específicas sobre e para contextos determinados.

Por exemplo, se tivéssemos uma segunda pessoa leitora hipotética (pessoa 2) para ilustrar nossa proposição, que tivesse inclinações a respeito da empatia identificadas de modo a produzir um gráfico coincidente com o de Bentinho, possivelmente estaríamos abordando o mesmo tema e a mesma obra desde uma perspectiva de menor tensão simbólica, se comparada à pessoa 1. Nesse caso, a coincidência e a discrepância das inclinações em relação à empatia e suas manifestações desde a personagem Bentinho comporiam a subjetividade social a partir

das experiências vivenciadas e apresentadas pelas pessoas 1 e 2, as quais acarretaria um debate na aula de literatura sobre as múltiplas formas de analisar a empatia de Bentinho, tendo por base análises de leitores distintos a respeito de um mesmo tema e personagem. Assim, neste caso específico, não se trata de inferir quem tem razão ao final das explanações, mas sim, desde as diferentes relações com a obra e com o tema, investigar a complexidade das ações humanas, em especial da sua dimensão simbólica.

Figura 7 – Sugestão para a Etapa 02 - Grafia visual da empatia de uma pessoa leitora hipotética 1 comparada a pessoa leitora hipotética 2.



Fonte: Sampaio; Cardoso (2022).

A proposta de organização gráfica dos estudos literários, assumindo a subjetividade como categoria de análise e de composição das intencionalidades pedagógicas, permite-nos considerar caminhos para o ensino de Literatura com fins da problematização da experiência humana, “do” e “no” mundo e ampliação das nossas possibilidades de ação, reflexão e tomada de consciência sobre temas e contextos específicos. Uma vez que, a leitura literária “é a

apreensão de um desempenho ausente-presente; uma tomada da linguagem falando-se (e não apenas se liberando sob a forma de traços negros no papel). [...] Ora, a informação assim transmitida pelo texto produz-se em um campo dêitico particular” (ZUMTHOR, p. 56, 2000).

Nessa perspectiva e para finalizar nossa ilustração, imaginemos agora uma turma composta por quarenta (40) estudantes que antes de entrarem em contato com a obra de Machado de Assis, cada um, fizesse seu gráfico sobre a empatia em um material transparente, o qual permita a sobreposição das imagens. Posteriormente, as imagens coincidentes ou que, como já apontamos, demonstram pequena divergência, isto é, baixa tensão entre si em relação ao tema são agrupadas. Desse modo, ao sobrepor os gráficos será possível identificar os grupos de pessoas/discentes que experimentam o tema de modo mais ou menos similar e organizá-los como uma célula para o debate coletivo.

Então, após a divisão dos grupos, lemos a obra, buscamos analisar a dimensão da empatia nas ações de Bentinho e coletivamente construímos a partir da obra o gráfico de Bentinho sobre a empatia. Nesse caso específico, a análise literária já terá iniciado e exigirá estudo para que não se tratem de opiniões, mas sim de dados disponíveis na obra, convertidos em imagens gráficas. A função do(a) docente nesta etapa é de fundamental importância para que os(as) estudantes tenham suporte na ação proposta e a fim de que ela assuma a dimensão pedagógica que supomos necessário no contexto do desenvolvimento da habilidade EM13LP46 da BNCC (2018).

Os critérios que compuseram os eixos emocional e social que constituíram os gráficos dos(as) estudante devem ser os mesmos para a construção do gráfico de Bentinho. Para esse propósito, observemos que aqui existe outra importante dimensão da intencionalidade pedagógica em que a pessoa docente já sabe os aspectos que analisará com a turma e conseqüentemente antecipa os dados da primeira composição do gráfico, feitos todos, justapomos à imagem referente a Bentinho aos agrupamentos realizados na etapa anterior. Esta fase nos permite conversar sobre proximidades e distanciamento das experiências dos grupos específicos sobre o tema e, também, ampliar o debate para seu aspecto mais coletivo, considerando todas as perspectivas emergidas nas etapas anteriores.

Essa sequência de atividades permitirá a cada estudante confrontar seus posicionamentos com os das diferentes coletividades que se formaram e da turma na totalidade. Dessa maneira, o(a) professor(a) poderá demonstrar para cada estudante a complexidade da experiência humana e convidá-los(as) a tomarem consciência da diversidade de posicionamentos possíveis sobre o assunto abordado. Paralelamente, os gráficos elaborados criam condições efetivas de articulação de si com a obra no processo de análise

literária e constroem coletivamente, mas para a experiência pessoal, é necessário chaves de acesso para leitura e fruição da obra em questão. Uma mesma obra pode nos presentear com muitos temas para essas dinâmicas, além de, por exemplo, nos permitir ampliar a complexidade da análise, quando for o caso, confrontando posicionamentos de diferentes personagens sobre um tema. A exemplo disso, poderíamos traçar também o gráfico de Capitu sobre a empatia.

Em suma, o que buscamos apresentar com esta ilustração nesta parte do texto é uma ferramenta topográfica que possa ampliar os meios de análise de obras literárias em contextos de sala de aula de Literatura, como uma ferramenta possível e não como a melhor ou mais inovadora ferramenta para a área. Deste modo esperamos que nossas proposições convidem e instiguem outros(as) docentes a criarem seus modos, meios e instrumentos, sem, é claro, esquecermo-nos que ao fim e ao cabo o que verdadeiramente importa são os modos de habitar este mundo para que os(as) estudantes se tornem cada vez mais cooperativos(as), democráticos(as) e socialmente responsáveis.

Talvez neste ponto a pessoa leitora esteja se perguntando porque não nos atemos em testar e aprofundar este instrumento de análise. A resposta é simples, nossa abordagem cartográfica nos impulsiona a transitar por diferentes aspectos do tema para termos uma compreensão mais ampla das possibilidades e problemáticas diretamente relacionadas ao nosso tema, sendo que, parte da necessidade do esquema de análise e da ilustração surgiu, inclusive, em decorrência da nossa tomada de consciência em decorrência da pesquisa, isto é, do distanciamento de estudantes da EJA em relação à leitura literária. Por isso, no capítulo que se segue, apresentamos os modos como produzimos os dados de entrevista desta pesquisa e os resultados obtidos, para então, analisá-los conforme a teoria que embasa esta pesquisa. Lembramos ainda que um terceiro produto, este de natureza mais artística, será apresentado ao final da dissertação, como a cartografia da leitura literária das pessoas participantes da pesquisa. Em todo o caso, o que gostaríamos de lembrar a respeito do método utilizado nesta pesquisa, é que:

[...] a cartografia apresenta em seu mote a busca constante pelo reconhecimento das conexões que dão formas variáveis às subjetividades, além de destacar, em seu posicionamento ético, o protagonismo dos participantes na pesquisa. Assim, busca a construção de sentidos gestados entre pesquisadores e pesquisados, engajando ambos em movimentos voltados à transformação das possibilidades de nomear e experimentar a realidade investigada (CAVAGNOLI; MAHEIRIE, 2020, p. 66).

Ou seja, o método cartográfico nos conduziu a produzir um resultado propositivo para o Ensino de Literatura, um analítico sobre a relação entre estudantes e a leitura literária e um artístico, a respeito dos caminhos da leitura na cidade em estudo. Sem, como é da natureza desse tipo de metodologia, a necessidade de elaborar qualquer análise ou síntese que articule os três produtos resultantes.

4 ENTREVISTAS, DADOS E ANÁLISES

[...] a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto (FREIRE, 1989, p. 33).

No quarto capítulo descrevemos as informações obtidas a partir das entrevistas, dados e análises que fizemos no decorrer da pesquisa, para tanto, apresentaremos os instrumentos utilizados com estudantes, professores(as) da EJA e pesquisadores(as) que trabalham/trabalharam na EJA nos últimos cinco anos, para a coleta dos dados a seguir demonstrados. À vista disso, tendo por base as respostas do Questionário Temático Estruturado e da Entrevista Semiestruturada Aberta, externaremos a geografia e fluxo de leitura em Pedro Afonso – TO, assim como, a cartografia simbólico-emocional da Leitura e Literatura na EJA.

4.1 Instrumentos utilizados na pesquisa com estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) da EJA

Os instrumentos utilizados no decorrer da pesquisa qualitativa não determinam *a priori* seu resultado, visto que, são apenas indutores das informações, uma ferramenta interativa que envolve o(a) participante na pesquisa. Por essa razão, os instrumentos escolhidos para a realização desta pesquisa foram Caderno de Campo, Questionário Temático Estruturado e Entrevista Semiestruturada, dado que, “um grande desafio do estudo da subjetividade é que não temos acesso a ela de forma direta, mas apenas por meio dos sujeitos em que aparece constituída de forma diferenciada” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 82) e “o uso dos instrumentos abertos facilita a expressão do sujeito em toda a sua complexidade e aceita o desafio que implica a construção de idéias e conceitos sobre a informação diferenciada que expressam os sujeitos estudados” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 82-83). Isto significa que os participantes têm mais possibilidades de se envolverem ativamente na pesquisa em curso.

A identidade dos(as) partícipes da pesquisa será mantida em sigilo, conforme acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no Termo de Autorização de Gravação de Voz e os resultados obtidos durante a pesquisa serão utilizados na composição desta dissertação, publicação de artigos e ficarão sob nossa responsabilidade pelo

período mínimo de cinco (05) anos. Posto que, durante a pesquisa, havia o risco de algum(a) participante manifestar desconforto, constrangimento, exposição, inibição, medo, vergonha na presença da pesquisadora ou negar-se a cooperar em alguma das etapas (acompanhamento das aulas, questionários ou entrevistas), bem como apresentar receios de revelar informações, sentimento de invasão de privacidade, recordações negativas e estigmatização. Por esses motivos, apresentei-me à turma, explanei o objetivo do nosso projeto de pesquisa e esclareci que a recusa em participar de alguma das fases não acarretaria prejuízo ao(a) estudante, professor(a) ou pesquisador(a). Visto que, eles(as) eram livres para abandonarem a pesquisa a qualquer momento. Logo, os dados pessoais dos(as) intervenientes serão mantidos em sigilo, uma vez que os encontros não foram vídeo-gravados, não foi permitido fotografar os encontros, e questionários e entrevistas são anônimos.

Para tanto, acompanhei as aulas de Literatura/Língua Portuguesa durante 1 (um) mês, posterior a esse período solicitei que 10 (dez) estudantes do 1º período do 3º segmento (1ª série do Ensino Médio – Curso Médio Básico), 3 (três) professores(as) de Literatura da Escola Estadual Ana Amorim e 2 (dois) pesquisadores(as), participassem das etapas seguintes: Questionário Temático Estruturado e Entrevista Semiestruturada. No entanto, antes de prosseguir apresentei aos voluntários o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Autorização de Gravação de Voz, lido em conjunto, visando esclarecer as eventuais dúvidas dos(as) participantes.

Prezando pela saúde dos(as) envolvidos(as) e obedecendo às normas sanitárias de prevenção a Covid-19, a leitura do TCLE e do Termo de Autorização de Gravação de Voz foi realizada em dois momentos e grupos distintos, sendo que o primeiro grupo era composto pelos(as) estudantes e o segundo formado por professores(as) e pesquisadoras. Após a leitura em conjunto, esclarecidas as dúvidas e a aceitação dos termos lidos, os(as) participantes foram convidados(as) a assinarem o TCLE e o Termo de Autorização de Gravação de Voz, em duas vias iguais, sendo que uma ficou com o(a) voluntário(a) e a outra com a pesquisadora.

Subsequente, preenchi o Caderno de Campo durante um (01) mês, no acompanhamento das aulas de Literatura/Língua Portuguesa da turma do 1º período do 3º segmento da EJA (1ª série do Ensino Médio - Curso Médio Básico) e por meio dessas observações pude aproximar-me dos(as) estudantes, sondar comportamentos, anseios, assim como a participação deles(as) durante a exposição dos conteúdos e aprendizados adquiridos dentro e fora da unidade escolar. A referida turma tinha quatro (04) aulas de Língua Portuguesa por semana e a professora as distribuía para conseguir explicar os conteúdos de Gramática e Literatura.

Durante a observância das aulas consegui detectar as dificuldades que os(as) estudantes do 1º período do 3º segmento da EJA possuem/possuíam ao lerem textos/livros literários, e para suprir essa habilidade eles(as) alegaram que o quantitativo de aulas de Língua Portuguesa era insuficiente, bem como o tempo (hora/aula) que de acordo a Estrutura Curricular, vigente no período da pesquisa, deveria ser de 50 minutos, mas no ano de 2021, devido a propagação da Covid-19, foram reduzidas para 25 minutos, o que ocasionou o descontentamento de vários(as) alunos(as). Contudo, em 2022, após a publicação da Portaria Conjunta, citada anteriormente, a Escola Estadual Ana Amorim, voltou a cumprir o horário estabelecido pela Estrutura Curricular do Estado do Tocantins, vigente, que estabelece cinco (05) dias letivos semanais, com cinco (05) aulas diárias, duração de cinquenta (50) minutos cada, sendo que a primeira aula inicia às 18h50 e a última encerra às 22h10.

Após análise dos dados registrados no Caderno de Campo elaboramos o Questionário Temático Estruturado, o qual teve por intuito analisar hábitos, frequência e locais de leitura de textos/livros literários. González Rey (2017, p. 55) destaca que o questionário “representa um sistema de indutores pensados em seu conjunto para facilitar a expressão da maior quantidade de informação possível por parte do sujeito, que é obtida por meio de perguntas que possam ter um caráter complementar na expressão da informação sobre o estudado”. Com esse fim, aplicamos o Questionário Temático Estruturado a dez (10) estudantes do 1º Período do 3º Segmento (1ª série do Ensino Médio – Curso Médio Básico), três (03) professores(as) de língua portuguesa da EJA e dois (02) pesquisadores(as) graduadas em Letras que trabalharam na EJA da Escola Estadual Ana Amorim nos últimos cinco (05) anos.

Assim, entreguei a cada participante três (03) folhas de papel A4, sem margens e sem linhas, contendo em cada lado da folha duas (02) questões a serem respondidas, no total de doze (12), sendo que uma das questões estava localizada na parte de cima da folha e a outra na parte medial. Segue abaixo as questões que compunham o questionário da pesquisa:

Quadro 1 – Perguntas do Questionário Temático Estruturado

	Perguntas
a)	O que você costuma ler?
b)	O que você gostaria de ler?
c)	Onde você costuma ler?
d)	Onde você gostaria de ler as coisas que você gosta de ler?
e)	Onde você consegue o material que gosta de ler?
f)	O que você não gosta de ler?
g)	Onde você não gosta de ler?
h)	Onde você não encontra o material que gostaria de ler?
i)	Que espaço da cidade poderia ser um ponto coletivo para leitura?
j)	Você já leu em algum espaço público da cidade? Se sim, qual?
k)	Onde você gostaria de estar na cidade para ler uma obra literária?
l)	Algum espaço da cidade incentiva seu desejo por leitura?

Fonte: Sampaio; Cardoso (2022).

A ordem das respostas foi definida pelos(as) participante e o tempo estipulado de respostas das questões foi de duas (02) horas. Durante a aplicação do questionário foram obedecidas todas as normas de prevenção contra a Covid-19, os(as) partícipes os responderam em sala reservada pela unidade escolar e só depois tiveram a data de sua entrevista agendada.

Na pesquisa qualitativa, a entrevista tem por objetivo transformar-se em um diálogo, no qual as informações surgem na obscura trama que o participante vivencia no seu mundo real, ou seja, a pesquisa é um diálogo permanente e Vergara (2009, p. 3) a define como “[...] uma interação verbal, uma conversa, um diálogo, uma troca de significados, um recurso para se produzir conhecimento sobre algo”. Dessa forma, seguindo o método construtivo-interpretativo proposto na Teoria da Subjetividade, que concede elos de comunicação entre os(as) partícipes e pesquisadora desde o planejamento das ações e proporciona-lhes a decisão de participar ou não da pesquisa, a Entrevista Semiestruturada Aberta foi realizada individualmente, áudio-gravada e posteriormente transcrita.

Sobre o modelo de entrevista utilizado nesta pesquisa, semiestruturada aberta/complemento de frases, González Rey assevera que “é uma rica fonte de indicadores e seu valor como instrumento está na possibilidade de elaborar um sistema de hipóteses que se integram e marcam o curso da produção de informação” (2017, p. 59). Para tanto, antes do início das entrevistas explicitarei, individualmente, a dinâmica que utilizaria no decorrer delas,

melhor dizendo, esclareci que não seriam realizadas perguntas, ao contrário, os(as) participantes completariam oralmente as frases grafadas em papel A4. A seguir apresentamos as perguntas/frases completadas pelos(as) integrantes da pesquisa:

Quadro 2 – Frases da Entrevista Semiestruturada Aberta

Nº	Frases
1)	Na EJA eu...
2)	Na EJA eu leio...
3)	Na minha casa eu leio...
4)	Outro(s) lugar(es) em que costumo ler...
5)	A leitura...
6)	A literatura...
7)	A importância da leitura...
8)	Quando eu leio...
9)	Quando eu não leio...
10)	Minha maior dificuldade com a leitura...
11)	Minha maior facilidade com leitura...
12)	Os livros que me interessam...
13)	Os temas sobre os quais me interessam...
14)	Já li e gostei...
15)	Já li e não gostei...
16)	Gostaria de ler...
17)	Gostaria de não ter que ler...
18)	Ler faz diferença...
19)	Ler não faz diferença...
20)	As pessoas de quem eu gosto leem...
21)	As pessoas para quem eu gostaria de ler...
22)	Sobre leitura...
23)	Sobre literatura...
24)	Sobre aula de literatura...
25)	Sobre meus planos futuros em relação à literatura...

Fonte: Sampaio; Cardoso (2022).

A Entrevista Semiestruturada Aberta aconteceu em sala ofertada pela escola e teve por objetivo coletar opiniões, entender situações da vida do(a) estudante/professor(a)/pesquisador(a), verificar atitudes, conhecimentos, bem como enunciar suas perspectivas para com as aulas de Literatura na EJA. A ordem das respostas foi definida pelo(a) participante e o tempo estipulado para completar as vinte e cinco (25) frases expostas foi de duas (02) horas e para participar da pesquisa o(a) participante precisava atender aos seguintes critérios:

- Estudante - devia estar regularmente matriculado na 1ª Série “Ensino Médio – Curso Médio Básico” da Escola Estadual Ana Amorim; possuir mais de dezoito (18) anos; ser frequente as aulas de Literatura; manifestar interesse em responder ao Questionário Temático Estruturado e a Entrevista Semiestruturada Aberta;
- Professor(a) - ser professor(a) de Literatura na EJA; manifestar interesse em responder ao Questionário Temático Estruturado e a Entrevista Semiestruturada Aberta;
- Pesquisador(a) – apresentar vínculo como docente de Literatura na EJA nos últimos cinco (05) anos; manifestar interesse em responder ao Questionário Temático Estruturado e a Entrevista Semiestruturada Aberta.

Após concordar em participar da pesquisa, o(a) estudante, o(a) professor(a) ou pesquisador(a) poderia ser excluído da pesquisa caso:

- Deixasse de frequentar as aulas de Literatura sem comunicar a equipe escolar - estudante;
- Encerrasse o vínculo estudantil ou empregatício com a Escola Estadual Ana Amorim durante a pesquisa – estudante ou professor(a);
- Desistisse de participar da pesquisa, independente da etapa (estudante, professor(a) ou pesquisador(a)).

4.2 Análise dos dados coletados durante a pesquisa

4.2.1 Geografia e fluxo de leitura em Pedro Afonso – TO

Durante a observação das aulas de Literatura foi possível detectarmos o distanciamento dos(as) estudantes da EJA para com a leitura de textos/livros literários no seu dia a dia, em virtude, de que a maioria da turma sequer compreendia a nomenclatura “Literatura”, apresentada no primeiro dia de aula pela professora da disciplina de Língua Portuguesa. Muitos discentes afirmaram, inclusive, que até aquela data não haviam lido um

livro por completo, independente da natureza do livro. Outros relataram, ainda, não conhecerem uma biblioteca, nem mesmo a da escola que estudam/estudaram e ao responderem à questão “Onde você costuma ler?”, foram unânimes em afirmar que leem em suas residências. Todavia, assim como professores(as) e pesquisadores(as) participantes da pesquisa, ao responderem à questão “Onde você gostaria de ler as coisas que gosta de ler?” do Questionário Temático Estruturado, citaram localidades da cidade de Pedro Afonso que consideram propícias para realizarem uma boa leitura, mesmo que a prática não se efetivasse. Há nesses termos uma associação de qualidades de lugar que as pessoas participantes da pesquisa reconhecem como prósperas para a fruição literária.

Destarte, considerando o aspecto visual do trabalho que aqui apresentamos em forma de imagens, os lugares a seguir especificados pelos partícipes são considerados ideais para a prática da leitura literária e dada a compreensão de que existia um mapa imaginário “dá” e “para” a leitura em Pedro Afonso, decidimos dar forma a essa produção sensível por meio de mídias artísticas. Por isso, o material que esta cartografia nos proporcionou descobrir está estruturado em modo de mapas interativos a partir da geografia de Pedro Afonso, da geografia imaginária sobre a leitura literária na mesma cidade, e dos partícipes desta pesquisa. Por ser uma obra de arte, que será apresentada no próximo capítulo da dissertação, não pretendemos analisá-la, mas sim disponibilizá-la para fruição, pois não estamos ocupando aqui a posição de críticos de arte, senão a de pesquisadoras artistas.

Em todo o caso, é importante ressaltar que como possibilidade de análise dos dados construídos nesta pesquisa, a biblioteca da cidade, que deveria ser um espaço cultural para a promoção da leitura, não consegue consumir esse objetivo com as pessoas que participaram desta pesquisa. Parece faltar iniciativas da gestão pública para integrar as escolas e as ações formativas que se dão na cidade com a biblioteca, pois ainda que o prédio seja uma estrutura existente, ele não tem conseguido, pelo menos segundo os dados desta pesquisa, ser algo para além de um depósito de obras literárias, isto é, em Pedro Afonso há uma Biblioteca Pública, todavia, apesar de ser bem localizada, no centro da cidade, grande parte da sociedade pedroafonsina desconhece sua existência e/ou funcionamento. Apesar disso, a questão “Onde você gostaria de estar na cidade para ler uma obra literária?” nos permite apreender afirmações de desejo em relação a ler em uma Biblioteca Pública. Portanto, o desejo está instaurado de algum modo sem encontrar ressonância nas ações de formação e de gestão de projetos voltados para leitura literária no município.

Observemos agora os locais indicados para a prática da leitura em Pedro Afonso:

Figura 8 - Escola Estadual Ana Amorim



Fonte: anaamorim_pa (Instagram), 2022.

Figura 9 - Praça Coronel Lysias Rodrigues



Fonte: pedroafonso_to (Instagram), 2022.

Figura 10 - Praça da Igreja Matriz São Pedro



Fonte: pedroafonso_to (Instagram), 2022.

Figura 11 - Praça Ecológica de Pedro Afonso



Fonte: pedroafonso_to (Instagram), 2022.

Figura 12 - Museu Histórico Frei Rafael de Taggia



Fonte: Ggnoticias, 2022

Figura 13 - Biblioteca Municipal de Pedro Afonso



Fonte: pedroafonso_to (Instagram), 2022.

Figura 14 - Praça Antônio de Sousa Aguiar



Fonte: pedroafonso_to (Instagram), 2022.

Ao analisarmos os locais de leitura citados pelos(as) participantes no Questionário Temático Estruturado, constatamos que quase todos estão situados no centro da cidade, com exceção da Praça Antônio de Sousa Aguiar, também conhecida pelos moradores(as) como Praça da Igreja Santo Afonso. Isto significa que apesar do município possuir outros bairros mais distantes em relação ao centro, os integrantes da pesquisa não os consideram como áreas propícias para a prática da leitura, mesmo sendo a localidade de suas residências. Desse modo, ao cruzar as informações de que a leitura prioritária se dá nas residências das pessoas, periferia - ambiente privado -, os locais apresentados como ideais para realizarem a leitura de textos/livros literários se encontram em espaços públicos do centro de Pedro Afonso.

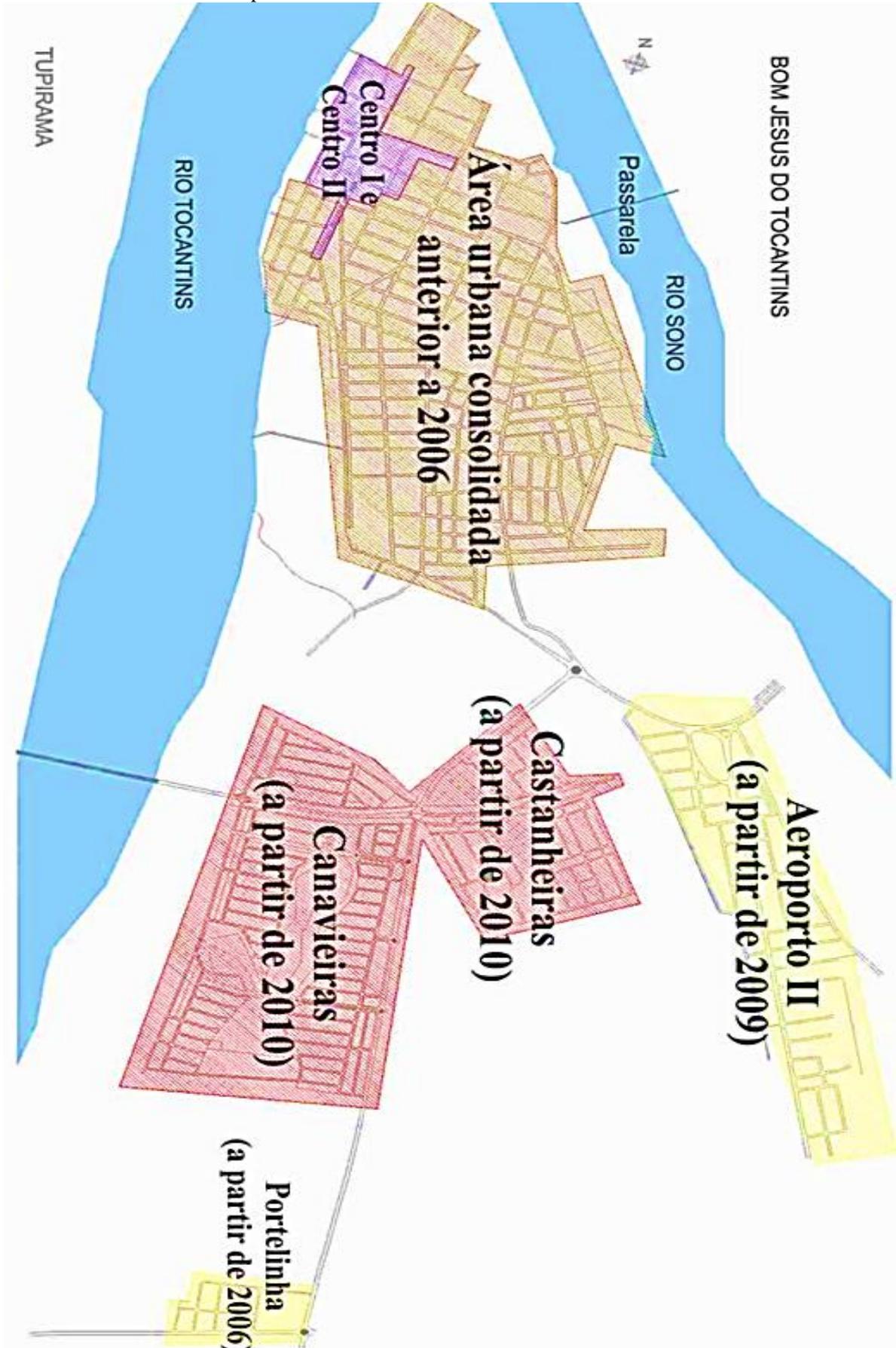
Nessa conjuntura, a relação entre público e privado no âmbito da leitura parece acompanhar parte do imaginário popular (senso comum) a respeito da leitura literária. Porque de um lado ela é sentida como uma ação individual e privada, incentivada, inclusive nos ambientes escolares como tal, que deve ser feita de si para si e apenas suas compreensões podem/devem ser compartilhadas, por meio de questionários, conversas, provas, etc. Por outro lado, tem-se a construção via mídias artísticas, como filmes e séries, de um certo romantismo e imagem de alguma intelectualidade e erudição, que associa o hábito da leitura

literária a praças, locais com muita natureza e espaços históricos. No entanto, supomos que numa cidade como São Paulo, pelo senso comum se associaria a leitura literária, por exemplo, além dos espaços de tais naturezas, aos transportes públicos, prática muito comum na cidade.

Essa associação da leitura literária aos espaços naturais e históricos pode estar também vinculada à ideia de prazer e de bem-estar, pois nos dados dessa pesquisa tendemos a reconhecer que a Literatura em si está vinculada a aspectos positivos como experiência, tais como conhecimento, satisfação, aprendizagem, descanso, e tantas mais. Talvez por esse motivo seja menos frequente a associação da leitura literária a espaços dotados de sentido negativo na sociedade, tais como: cemitérios, ambientes de trabalhos com ações exaustivas, locais com muitos barulhos incômodos, entre outros.

Outro aspecto que merece atenção nesta análise sobre a geografia da leitura em Pedro Afonso é que ela está associada, em grande medida, como apontam os dados obtidos nesta pesquisa, à fé e à religiosidade, aspectos da existência humana que são também parte de uma perspectiva mais individualizada, ainda que possamos pensar em momentos de compartilhamento, como nos cultos. Posto que, ao abordarmos temas mais pessoais, a leitura parece caminhar para a necessidade de se dar em um ambiente igualmente pessoal: a casa. Conseqüentemente, todas as pessoas que indicaram leituras sobre temas religiosos indicaram também a casa como um dos principais espaços de leitura. Vale ressaltar que os lugares de natureza de culto, como igrejas e templos não foram associados a espaços de leitura, mesmo que, na prática, saibamos que muitas vezes eles estão prechos de momentos de leitura de textos religiosos.

Mapa 1 – Bairros da cidade de Pedro Afonso – TO.



Fonte: Equipe UFT, 2013.

Como mencionado anteriormente, ao ser perguntado se “Algum espaço da cidade incentiva seu desejo por leitura?”, estudantes e professores(as) responderam locais tais como: praças, bibliotecas, margens dos rios, sendo que, a prática da leitura nesses lugares, como dissemos, não se efetivou até o momento. Uma vez que os(as) pesquisadores(as) participantes declararam não haver no município espaços que incentivem a leitura. Ou seja, essa afirmação, de pessoas diretamente vinculadas ao tema em foco nos permite compreender que ainda que o imaginário social enderece a leitura para espaços públicos da cidade, como dissemos, sua ação não se efetiva e a leitura para as pessoas da pesquisa, quando acontece, segue sendo uma atividade privada e de ordem domiciliar, muito em função da gestão pública em relação ao tema.

4.2.2 A cartografia simbólico-emocional da Leitura e Literatura na EJA

O propósito da cartografia nesta pesquisa é concentrar as experiências simbólico-emocionais compartilhadas pelos(as) participantes, logo, “para tal cabe ouvir nossos sujeitos, desenvolver relações de parceria para melhor deixar-se afetar e estar preparado para abrir mão de nosso ponto de vista de pesquisador, daquele que detém o conhecimento” (TEDESCO, 2015, p. 39). Para tanto, utilizamos dois tipos de mapas: o simbólico-emocional que retrata as sensações, sentimentos, vivências e o geográfico, que expõe os locais de leitura na cidade de Pedro Afonso – TO, uma vez que, “a cartografia requer que a escuta e o olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, [...] e inclua seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações” (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2016, p. 95). Isto posto, no decurso das entrevistas, os partícipes apresentaram suas expectativas e anseios para com a Leitura e a Literatura na EJA.

Sobre o mapa geográfico da leitura em Pedro Afonso discorremos no subtópico anterior e seu desdobramento encontra-se na obra de arte apresentada no capítulo posterior. Assim, este subtópico se centra na geografia simbólico-emocional da leitura em Pedro Afonso. Com esse propósito, vamos organizar a análise a partir de agrupamentos dos resultados de pesquisa em temas específicos. A saber:

a) Impressões sobre Leitura/Literatura;

Os(As) integrantes desta pesquisa estão na faixa etária entre 19 e 60 anos, aproximadamente, por essa razão, o provável era que possuíssem impressões diferenciadas sobre a Leitura/Literatura. No entanto, após analisarmos as respostas do Questionário Temático Estruturado e da Entrevista Semiestruturada Aberta detectamos o oposto, a mais

semelhanças que diferenças, visto que, os(as) discentes em sua maioria preferem ler textos/livros literários não cânones por possuírem uma linguagem mais próxima ao cotidiano/idade do(a) leitor(a), como nos relata o(a) Estudante 7, 19 anos, ao afirmar que gostaria de ler “Senhor dos Anéis” e o(a) Estudante 8, 48 anos, ressalta que “gostaria de ler é sobre os lugares do Tocantins”, isto é, não veem os textos/livros literários clássicos como essenciais para o seu desenvolvimento intelectual, pois possuem uma visão negativa sobre a Literatura:

_ A Literatura tem muitas coisas difícil, como a linguagem - (Estudante 2, 31 anos).

Entretanto, os(as) professores(as) e pesquisadores(as) partícipes discordam da opinião dos(as) alunos(as), como declara o(a) Professor(a) 3, 53 anos: a Literatura “é o berço de toda civilização”. Ou seja, ele(a) a considera o pilar de uma sociedade, pois a partir dos conhecimentos adquiridos por meio da leitura literária o(a) cidadão(ã) poderá colaborar para o seu desenvolvimento tanto pessoal quanto social.

Desta forma, ao examinarmos as respostas dos(as) partícipes observamos que eles(as) possuem três (03) acessos à Literatura: o Institucional por meio da Escola; o Digital através da internet, redes sociais, e-books etc.; e as Práticas Pessoais, com leituras em família e igreja, sendo a Bíblia o livro mais lido nesses ambientes. Isto posto, a Literatura é vista como um bem simbólico de usufruto particular/privado, principalmente em casa, em outros termos, a prática da Leitura é íntima. Todavia, o desejo sobre Leitura é público como explanado nas respostas da questão “d” do Questionário Temático Aberto (Onde você gostaria de ler as coisas que você gosta de ler?):

_ Em uma praça que seja bem arrumada – Estudante 4, 32 anos.

_ Em um lugar bem confortável [...] – Professor(a) 1, 49 anos.

_ [...] ambiente mais confortável – Pesquisador(a) 1, 45 anos.

Logo, observamos que os espaços públicos ditos “belos” impulsionam o imaginário sobre leitura literária, tornando-os de ordem especial, como os locais de leitura apresentados no subtópico anterior e para os(as) participantes a Literatura está associada ao belo, ao bem-estar, a contextos positivados socialmente que lhes proporcionem deleite/prazer, como exposto pelo(a) Estudante 8, 48 anos, na questão “l” do questionário (Algum espaço da cidade incentiva seu desejo por leitura?), ao afirmar que gostaria de ler:

_ As margens do rio Tocantins.

Da mesma maneira, os espaços ditos públicos, de ordem especial, impulsionam também o desejo/imaginário sobre a leitura literária:

_ Eu gostaria de ler no Museu – Estudante 6, 44 anos.

_ Em uma Biblioteca Pública – Estudante 9, 21 anos.

_ Nas praças da cidade na qual moro [...] – Professor(a) 2, 43 anos.
--

Consequente, detectamos que os(as) participantes ao lerem textos/livros literários preferem os de cunho positivo, como descrito pelo(a) Estudante 4, 32 anos, “Realmente a gente gosta de lê mais coisas boas, coisas positivas” e pelo(a) Estudante 5, 32 anos, “[...] que tenham um final feliz, mas é difícil encontrar um que termine assim”. E evitam, sempre que possível, as leituras de cunho negativo, por exemplo: livros de terror, textos que falem sobre morte/tragédias e cartas de despedida. Isto é, selecionam para a leitura os livros/textos literários que contenham dados e temas socialmente positivados e protelam ler temas complexos sobre a vida em/na sociedade.

Além dos fatores descritos anteriormente, alguns partícipes alegam não lerem mais por falta de tempo, como relatado pelo(a) Pesquisador(a) 2, 36 anos:

_ Só gostaria de ter mais tempo para ler [...].

O que é considerável, visto que, são trabalhadores(as), muitos do campo, que chegam estafados em seus lares e na maioria das vezes priorizam realizar outras atividades, deixando assim a leitura literária para depois em razão dela não ser apontada por alguns como imprescindível para o crescimento intelectual e consequentemente profissional.

b) Expectativas/objetivos para com a Leitura/Literatura;

Conforme exposto anteriormente, os(as) participantes desta pesquisa são de idades, realidades, e sobretudo profissões distintas, logo, possuem expectativas/objetivos para com a Leitura/Literatura também diversificados, porém reconhecem que através dela é possível aprimorar o conhecimento sobre temas diversos, principalmente os que contribuem com o seu crescimento pessoal e profissional, como evidenciado abaixo:

_ [...] através desses livros de literatura que eles também podem aumentar o conhecimento e desenvolver mais parte de leitura do conhecimento das coisas [...] – Professor(a) 2, 43 anos.

_ Quem lê, sempre aprende mais [...] – Estudante 2, 31 anos.
--

_ Quanto mais à gente lê, mais aprende né?! – Estudante 4, 32 anos.

Assim, ao explorarmos as respostas dos(as) pesquisadores(as) deduzimos que a Leitura/Literatura para eles(as) é essencial para a aquisição de conhecimentos, como também, facilitadora da comunicação, em razão de proporcionar a inserção do(a) leitor(a) literário(a) em diversos contextos sociais, posto que ela:

_ Ajuda a entender o mundo, as pessoas – Pesquisador(a) 1, 45 anos.
_ Nos permite a comunicação conosco e com os outros - Pesquisador(a) 2, 36 anos.
_ Me sinto mais capacitada para escrever, opinar e argumentar – Pesquisador(a) 2, 36 anos.

Apesar disso, para professores(as) e pesquisadores(as) a Leitura/Literatura no cotidiano dos(as) estudantes é fundamental, porque além de ampliarem conhecimentos e vocabulários, o que por si só possibilita uma ampla comunicação, ela também propicia a socialização destes(as), fazendo com que se sintam parte da comunidade que coabitam. Por consequência:

_ Permite a nossa expressão através de palavras – Pesquisador(a) 2, 36 anos.
_ Quem lê compartilha – Professor(a) 3, 53 anos.
_ Sinto que interajo melhor com o outro – Pesquisador(a) 1, 45 anos.

Destarte, a Leitura/Literatura propicia aos leitores(as) conhecimentos, comunicação, socialização e, certamente o mais importante, a oportunidade de compartilharem o aprendizado adquirido por meio da leitura de textos/livros literários. Porém, ao analisarmos as respostas do Questionário Temático Estruturado e da Entrevista Semiestruturada Aberta, constatamos que os(as) estudantes possuem expectativas distintas dos(as) professores(as) e pesquisadores(as) quanto a Leitura/Literatura, dado que, nas questões que abordam este tema os(as) discentes externaram preferência em lerem textos/livros que não sejam considerados clássicos literários, ou seja, a Leitura/Literatura não é tida como primordial no cotidiano deles(as), na medida em que, para esse público ela precisa ser prazerosa e/ou uma fonte de informações imediatistas.

Nesse ínterim, professores(as) e pesquisadores(as) apresentam argumentos opostos ao dos(as) estudantes, conforme a resposta do(a) Pesquisador(a) 2, a questão 5 da Entrevista Semiestruturada Aberta (A leitura...):

_ É uma oportunidade de se conhecer, conhecer outros lugares, aperfeiçoar o vocabulário, desenvolver habilidades de escrita, argumentação e senso crítico.
--

Em outros termos, a veem como primordial para o aprendizado escolar e social dos(as) que exploram a Leitura/Literatura e a utilizam no dia a dia não só para deleite, mas principalmente como princípio do conhecimento sobre diversos temas que serão determinantes na tomada de decisões individuais/sociais/profissionais.

c) Temas/Mídias de Leitura/Literatura;

Após levantamento das respostas, apreendemos que tal qual as diferenças, expectativas/objetivos para com a Leitura/Literatura dos três grupos da pesquisa (estudante, professor(a) e pesquisador(a), os Temas/Mídias também são dissemelhantes, como elucidado nas respostas da questão “a” do Questionário Temático Estruturado (O que você costuma ler?) apresentadas a seguir:

_ [...] jornalzinho de igreja – Estudante 2, 31 anos.
_ Livros, jornal e notícias no celular – Estudante 9, 21 anos.
_ Artigo científico, literatura e mangá – Estudante 10, 19 anos.
_ Livros católicos, literários, jornais e tudo que chama atenção [...] – Professor(a) 2, 43 anos.
_ [...] leituras de textos que fazem parte do tema da minha pesquisa de mestrado – Pesquisador(a) 1, 45 anos.
_ Literatura infantil, romance, ficção, livros paradidáticos – Pesquisador(a) 2, 36 anos.

Isto significa que, por possuírem objetivos diferentes tanto os temas escolhidos para a leitura quanto às mídias que possibilitam o acesso a elas são diferentes, posto que, estudantes não apresentaram em suas respostas temáticas específicas, apesar disso, apontam para uma leitura com fins de informação, formação religiosa e distração. Enquanto isso, docentes e pesquisadores(as) buscam leituras direcionadas a seu trabalho em sala de aula e/ou linha de pesquisa da pós-graduação, tem na Literatura atividades com o intuito de adquirir e transmitir conhecimentos mais científicos.

Tais divergências ficam mais claras quando os(as) participantes retratam os motivos que os(as) incentivaram a buscarem mais conhecimentos, ao passo que estudantes recorrem a temas de Leitura/Literatura que lhes proporcionem deleite, optam por temas populares que são encontrados, mais facilmente, na internet e apesar de reconhecerem a importância de efetivarem a leitura de textos/livros literários muitos não a fazem, isto é, muitos discentes não possuem/adquiriram a preocupação de selecionarem conteúdos que os auxiliem para além do presente, como um cargo melhor na empresa em que trabalha ou que almeja ser efetivado. Desta forma, leem o que são induzidos, seja pelo líder da igreja que frequenta, do trabalho, por colegas e/ou familiares, tal como apresentado nas respostas da questão “e” do Questionário (Onde você consegue o material que gosta de ler?) abaixo:

_ Eu ganhei minha bíblia da minha mãe. É com ela que eu leio – Estudante 1, 43 anos;
_ Quando as pessoas da igreja entregam o jornal na rua – Estudante 2, 31 anos.
_ Geralmente no celular – Estudante 3, 19 anos.
_ Na escola e na internet – Estudante 10, 19 anos.

Em contrapartida, docentes e pesquisadores(as), geralmente, preconizam temas específicos de textos/livros literários a serem lidos, em virtude de possuírem uma visão diferenciada da dos(as) estudantes, já que, ao selecionarem uma obra, buscam encontrar respostas para determinados questionamentos, mesmo quando a leitura é realizada em momentos de lazer, para deleite, como exteriorizado na questão 7 (A importância da leitura...) da Entrevista:

_ A leitura [...] é algo que faz com que nós nos desprendemos, não apenas distrair da vida, do corre-corre diário, mas é algo assim que faz com que... nos leva a refletir - Professor(a) 2, 43 anos.
_ Ajuda a desenvolver a imaginação, proporciona conhecimento, desenvolve o senso crítico – Pesquisador(a) 1, 45 anos.

Todavia, as mídias de acesso aos textos/livros literários mais utilizadas por docentes e pesquisadores(as) é a internet, tal qual a dos(as) estudantes, uma vez que, apesar da Escola Estadual Ana Amorim e da cidade de Pedro Afonso possuírem Bibliotecas Públicas, elas não são utilizadas pelos(as) integrantes desta pesquisa, mesmo estando situadas em locais táticos, no centro do município.

d) Relações entre EJA, Literatura e Leitura;

A maioria dos(as) estudantes que retornam a escola após anos afastado buscam na EJA uma oportunidade de se aperfeiçoarem em seus respectivos empregos, concluírem o ensino médio, ou seja, a Leitura e a Literatura para eles(as) é simbólica, pois são amparadas naquilo que na cultura letrada se entende por formação integral humana, mas que infelizmente na prática não ocupa o lugar central como é a finalidade da educação brasileira. Dado que, poucos discentes almejam ampliar seus currículos acadêmicos para além da conclusão do ensino médio, bem como tornarem a leitura de textos/livros literários um hábito rotineiro e apesar de reconhecerem sua importância raramente a praticam no dia a dia, tal qual explicitado abaixo nas respostas da Entrevista Semiestruturada Aberta:

_ Na EJA eu estudo para aprender a minha função de trabalho – Estudante 2, 31 anos.

_ Na EJA eu estudo [...] eu quero terminar o meu Ensino Médio [...] – Estudante 6, 44 anos.
_ A leitura [...] prepara a gente para o futuro [...] prepara também para o mercado de serviço e outras coisas [...] – Estudante 5, 32 anos.
_ Leitura para mim é, a gente lê aprende mais, até melhora no diálogo – Estudante 7, 19 anos.
_ A Literatura para mim é se você se decifrar [...] – Estudante 2, 31 anos.
_ A Literatura para mim ensina muitas coisas – Estudante 7, 19 anos.

Nesse ínterim, docentes da EJA têm a difícil missão de relacionar a Literatura e a Leitura para incentivarem os(as) estudantes a adquirirem o hábito da leitura de textos/livros literários, visto que para eles(as) a leitura literária aumenta o conhecimento, transforma o ser, favorece o crescimento pessoal e social, amplia horizontes e conhecimentos, possibilita a reflexão e liberta a imaginação dos que a praticam. Bem como apresentado a seguir:

_ Na EJA eu [...] procuro incentivar ao máximo meus alunos, também, a terem o hábito da leitura [...] – Professor(a) 2, 49 anos.
_ A leitura nos transforma, porque através da leitura nós podemos ter uma visão melhor de tudo que nos rodeia e podendo também estar auxiliando as outras pessoas a serem leitores para adquirirem conhecimentos. Porque cada vez que você lê o seu potencial de conhecimento aumenta. É isso que almejamos tanto para nós professores, quanto para os nossos alunos – Professor(a) 1 – 49 anos.
_ É tudo, a leitura é tudo, quem lê viaja, enriquece o seu conhecimento, seu vocabulário. Quem lê compartilha – Professor(a) 3, 53 anos.

À vista disso, pesquisadores(as), assim como docentes, compartilham da mesma opinião quanto a relevância da leitura literária na EJA, quer dizer, reiteram que ela proporciona a aquisição de conhecimentos, uma vez que, aperfeiçoa o vocabulário do(a) leitor(a), desenvolve habilidades de escrita e argumentação, senso crítico. Do mesmo modo que oportuniza a compreensão do mundo, a comunicação e desenvolve a imaginação. Tal qual expresso:

_ A leitura é uma oportunidade de se conhecer, conhecer outros lugares, aperfeiçoar o vocabulário, desenvolver habilidades de escrita, argumentação e senso crítico – Pesquisador(a) 2, 36 anos.
_ A leitura ajuda a desenvolver a imaginação, proporciona conhecimento, desenvolve o senso crítico – Pesquisador(a) 1, 45 anos.

_ A literatura ajuda as pessoas a se conhecerem melhor, a conhecerem outros lugares, traz experiências de outras pessoas, situações cotidianas que aproximam os seres humanos – Pesquisador(a) 1, 45 anos.

_ A literatura permite a nossa expressão através de palavras. – Pesquisador(a) 2, 36 anos.

Por conseguinte, os(as) participantes desta pesquisa relacionam a EJA, a Literatura e a Leitura de formas dissemelhantes, ao passo que docentes e pesquisadores(as) as veem como uma das principais vias de acesso ao conhecimento, interação consigo e com o próximo, lamentavelmente estudantes da EJA ainda as enxergam como atos impostos pelos diversos campos sociais, isto significa, que embora compreendam a importância de aprimorarem a leitura de textos/livros literários raramente a fazem. Conforme evidenciado nas respostas da questão 3 da Entrevista (Na minha casa eu leio...):

_ Muito pouco. Mais só mensagem de celular – Estudante 2, 31 anos.

_ Eu costumo lê... como é que eu falo meu Deus?! Aqueles textos que passam no Kwai, às vezes os status das outras pessoas, mensagens do WhatsApp, a bíblia também – Estudante 5, 32 anos.

_ Muitas vezes eu não tenho tempo e aqui e acolá eu pego a bíblia e olho algum texto no celular, no WhatsApp e só – Estudante 6, 44 anos.

Diante do exposto, docentes e pesquisadores(as) têm ciência da lacuna que existe entre os(as) estudantes reconhecerem a importância de lerem textos/livros literários e a efetivação do hábito da leitura fora do ambiente escolar, considerando que muitos não pretendem prosseguir os estudos para além da educação básica. Assim, inserir a leitura literária no cotidiano dos(as) discentes é um dos principais desafios a serem combatidos pelos(as) professores(as) de Língua Portuguesa, especialmente os da EJA, como apresentado na questão 24 da Entrevista (Sobre aula de literatura...):

_ Aula de Literatura posso dizer que... não é forte para os nossos alunos EJA que estudam aqui, porque até agora a gente pode ver que eles ainda não desenvolveram o lado da leitura, o lado do gostar, do querer. Só que a partir de agora, eu acredito que os nossos alunos, principalmente os da 1ª série EJA, eles terão uma nova mentalidade do que é a leitura. Como eles devem fazer para ler e qual a importância da leitura na vida deles – Professor(a) 1, 49 anos.

_ Eu sinto falta, porque as escolas hoje, nos seus moldes tradicionais retiraram da sua grade curricular a disciplina de Literatura. Porque anos atrás eu ministrava aula só de

Literatura, era tão prazeroso e enriquecedor, infelizmente hoje ela está fora do contexto, é só uma parte da Língua Portuguesa. Pouquíssimas aulas - Professor(a) 3, 53 anos.

Desta forma, professores(as) da EJA devem buscar estratégias que aproximem os(as) discentes do hábito da leitura literária não apenas para fins de aprovação escolar, mas para que ela contribua com o desenvolvimento individual, social e profissional deles(as), conforme explicitado pelo(a) Professor(a) 1, 49 anos na questão 25 da Entrevista (Sobre meus planos futuros em relação à literatura...):

_ Os meus planos futuros é em primeiro lugar mostrar a importância da literatura para os meus alunos, para que eles possam se fortalecer cada vez mais. Sendo capazes de entender um livro literário, porque nem todas às vezes eles conseguem entender a linguagem, mas com o passar dos dias eu acredito que isso irá se transformando. E essa transformação acontece quando eles sentem, são inspirados a fazerem isso aí.

Ou seja, a leitura de textos/livros literários no dia a dia dos(as) estudantes precisa ser efetivada, sair do discurso/simbólico e ir para a prática/empírica, pois ela auxilia no desenvolvimento do senso crítico dos(as) leitores(as),

e) Afetividades em relação à Leitura/Literatura.

As afetividades em relação à Leitura/Literatura é retratada diferentemente pelos(as) participantes desta pesquisa, em razão de possuírem perspectivas distintas sobre os conhecimentos adquiridos antes, durante e após a leitura de textos/livros literários, bem como, o que os(as) instiga a praticarem a leitura. Logo, ao analisarmos as respostas do questionário e da entrevista detectamos que em virtude da leitura não ter sido tão presente ao longo da vida pessoal/social dos(as) estudantes, muitos sentem que perderam a oportunidade de adquirirem mais aprendizados, principalmente por não a executarem continuamente no dia a dia. Porém, acentuam que a leitura é essencial para o seu desenvolvimento individual e/ou coletivo, conforme apresentado a seguir nas respostas da questão 22 (Sobre leitura...) da entrevista:

_ Leitura é um jeito de se, é... de se capacitar perante a sociedade, buscar novos conhecimentos – Estudante 2, 31 anos.

_ A leitura eu acho importante na vida de todos, né? A leitura é uma coisa que nós temos que ter para poder ter uma leitura melhor, poder ter mais um conhecimento também. É uma coisa que nós tem que ter no nosso dia a dia – Estudante 5, 32 anos.

_ Sobre leitura... A leitura pra gente é uma oportunidade que a gente tem de a gente aprender e passar pra outras pessoas que não tem e continuar a vida ajudando o próximo – Estudante 6, 44 anos.

_ Considero a leitura inspiradora, que a gente lê e se inspira e muitas vezes faz aquilo que a gente lê. É isso – Estudante 7, 19 anos.

Isto significa que os(as) discentes ao lerem sentem-se mais satisfeitos, que são seres humanos melhores, capazes de realizarem coisas até então desconsideradas muitas vezes por eles(as) mesmo ou tidas como impossíveis de serem concretizadas nas suas vidas, principalmente quando têm a oportunidade de lerem para seus familiares, amigos, professores, em outros termos, sentem-se mais humanizados, instruídos, com mais conhecimentos ao lerem para pessoas do seu cotidiano. Assim como exposto nas respostas da questão 21 (As pessoas para quem eu gostaria de ler...) da entrevista:

_ Para os meus filhos – Estudante 2, 31 anos;

_ Os meus filhos, meus amigos, meu marido como ele lê para mim – Estudante 2, 32 anos.
--

_ Minha mãe – Estudante 7, 19 anos.

_ Meus filhos, professores – Estudante 8, 48 anos.
--

E ao responderem à questão 9 (Quando eu não leio...) da Entrevista Semiestruturada Aberta, os(as) alunos(as) ressaltaram que quando não leem sentem uma sensação negativa, como se estivessem perdendo algo, pois deixam de aprender temáticas novas, o que lhes proporciona o pressentimento de estarem despreparados(as) para usufruírem das oportunidades que surjam em suas vidas.

_ Eu não aprendo nada, não sei nada, só olhando ali não vou saber de nada. Não sei é estranho. Se for parar pra pensar direitinho é estranho – Estudante 4, 32 anos.
--

_ Eu sinto que estou com dúvida. [...] eu acho que estou perdendo o conhecimento das coisas – Estudante 5, 32 anos.

_ É mais um atraso – Estudante 8, 48 anos.
--

Posto isto, os(as) participantes expressaram afetividade para com a Literatura ao apresentarem na questão 25 (Sobre meus planos futuros em relação à literatura) da entrevista o interesse de lerem mais textos/livros para aperfeiçoarem-se cada vez mais, melhor dizendo, reconhecem a importância da leitura literária em suas vidas, conforme evidenciado na sequência:

_ [...] aprender mais para ajudar meus filhos – Estudante 2, 31 anos.

_ Quero ler mais, até porque estou pensando em fazer o ENEM no ano que vem – Estudante 4, 32 anos.
--

_ Meus planos é me aprofundar mais, aprender mais – Estudante 7, 19 anos.

_ Estudar mais e ter mais conhecimentos, né?! Ler mais livros. – Estudante 8, 48 anos.

_ Daqui para frente é só lê mais, já começa por aí [...] – Estudante 10, 19 anos.

_ Os meus planos para o futuro é em primeiro lugar mostrar a importância da Literatura para os meus alunos, para que eles possam se fortalecer cada vez mais – Professor(a) 1, 49 anos.

À vista do que foi retratado nos agrupamentos dos resultados da pesquisa, descritos acima, constatamos que estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) nutrem afetividade em relação à Leitura/Literatura, pois ao lerem para si ou para pessoas próximas, de preferência familiares, eles(as) sentem-se mais satisfeitos, felizes, o que os torna seres humanos melhores, dado que, por meio da leitura literária têm a possibilidade de compartilharem bons momentos o que resulta na sensação de bem-estar consigo e com os outros.

5 ARTE, LEITURA E LITERATURA: O MAPA DA LEITURA EM PEDRO AFONSO – TO (EM CONSTRUÇÃO)

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente (FREIRE, 1989, p. 11-12).

No quinto capítulo, apresentamos em forma de arte, os mapas de leitura dos(as) participantes desta pesquisa, feitos a partir dos almeçados locais de leitura mencionados por eles(as) no Questionário Temático Estruturado. Para tal propósito, delineamos pontos em folha A4 transparente sobreposta ao mapa em preto e branco da cidade de Pedro Afonso nos locais indicados por cada partícipe. Segue abaixo o mapa utilizado para demarcar os pontos e na sequência os mapas pontuados com os locais de leitura:

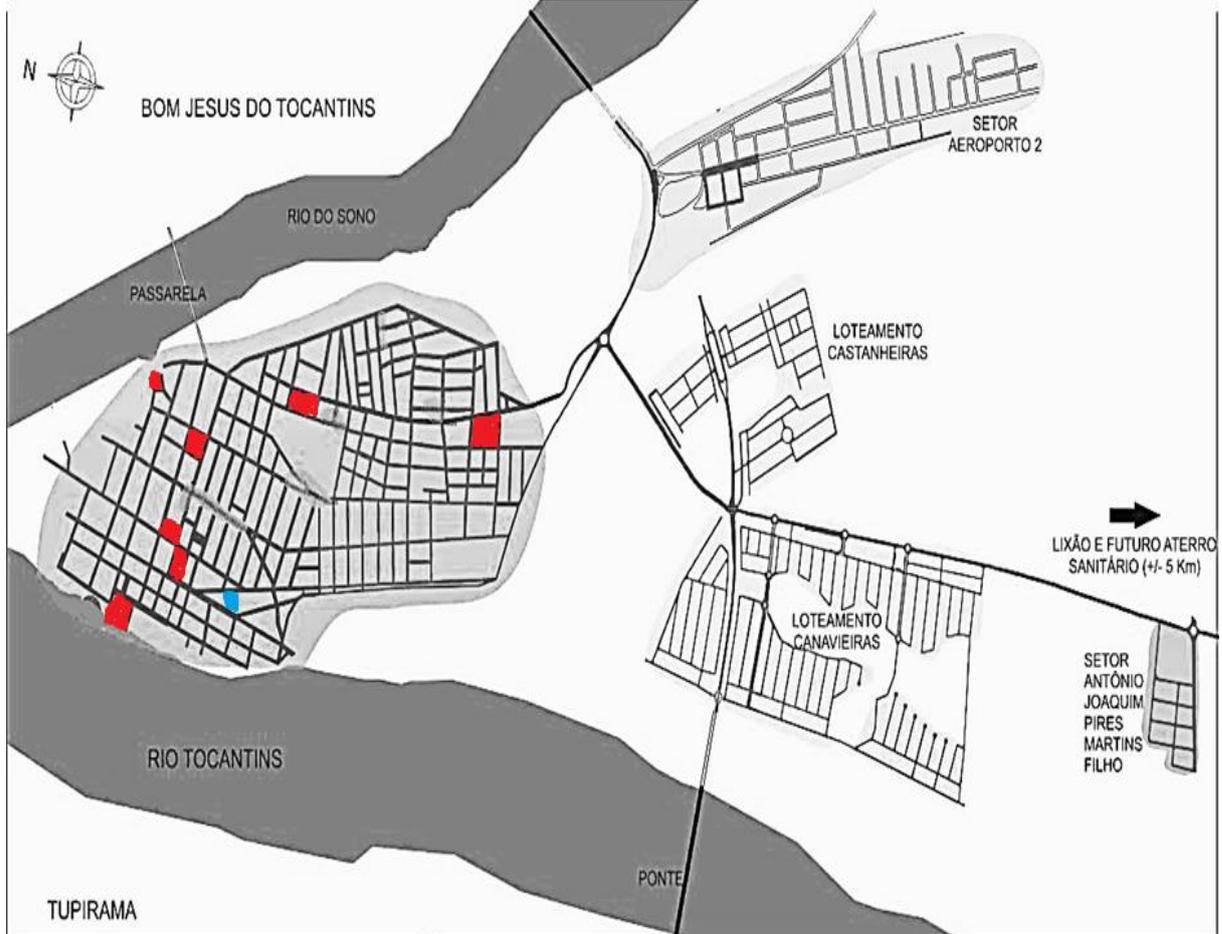
Mapa 2 – Bairros da cidade de Pedro Afonso – TO



Fonte: Equipe UFT, 2013.

As áreas coloridas em vermelho, no mapa abaixo, são os locais considerados como ideais para o exercício da leitura em Pedro Afonso – TO de acordo os(as) participantes, e o pintado em azul-claro é onde está localizada a Escola Estadual Ana Amorim, base dessa pesquisa.

Mapa 3 – Locais de Leitura em Pedro Afonso – TO



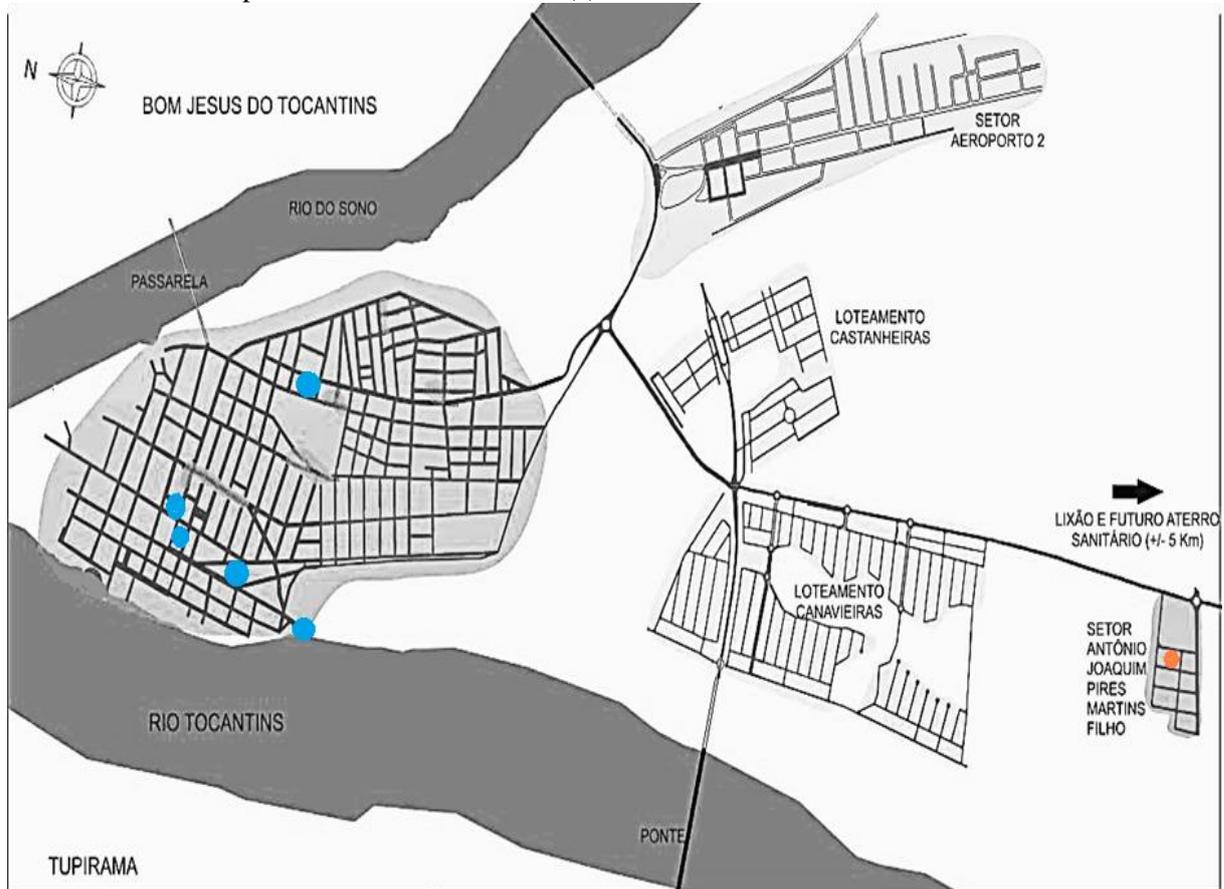
Fonte: Equipe UFT, 2013.

Legendas

	Escola Estadual Ana Amorim.
	Locais de Leitura citado pelos(as) participantes.

A seguir apresentamos, como modelo da nossa proposta metodológica, o mapa de Pedro Afonso com áreas coloridas em azul-claro, consideradas locais de leitura para o(a) Estudante 8.

Mapa 4 – Locais de Leitura do(a) Estudante 8 em Pedro Afonso – TO

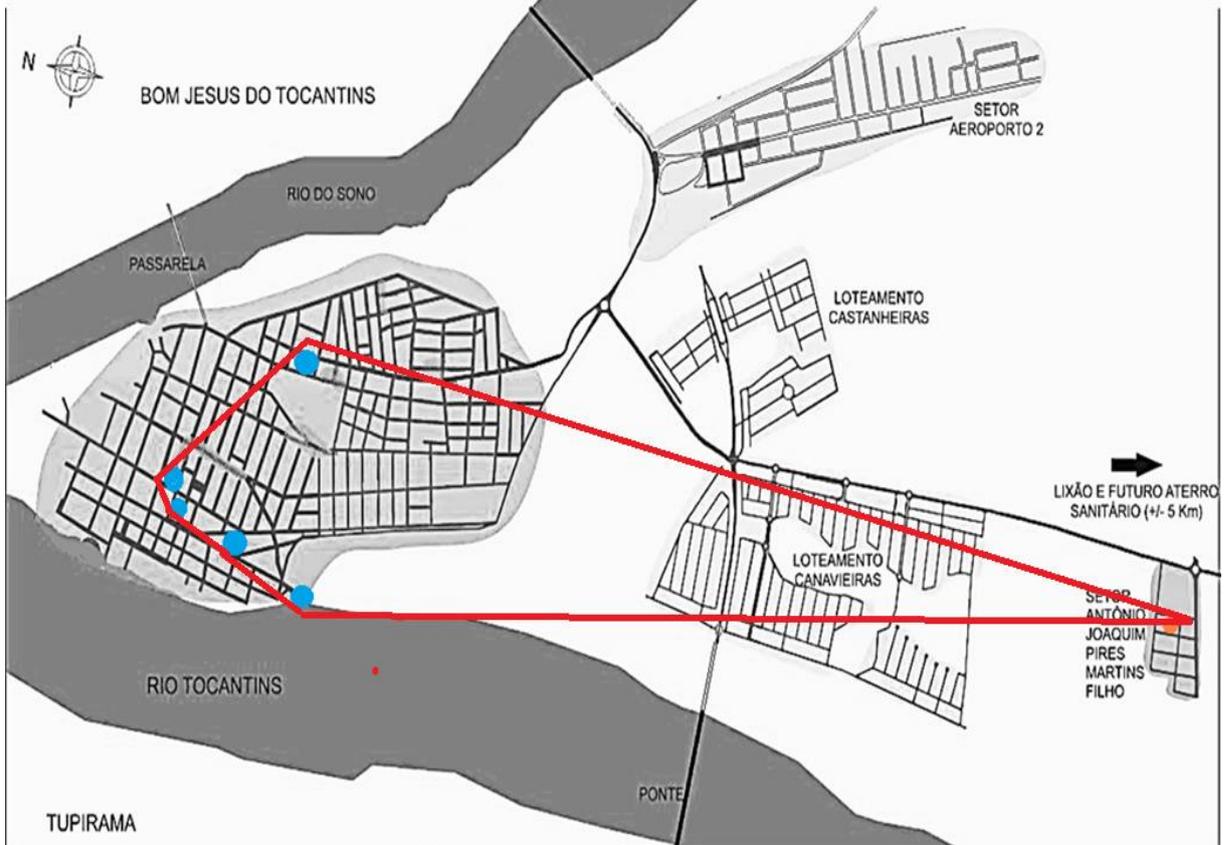


Fonte: Equipe UFT, 2013.

Legendas	
	Locais de Leitura citado pelo(a) Estudante 8.
	Residência do(a) Estudante 8.

Após a demarcação dos pontos, os conectamos por meio do tracejo, formando assim a área/mapa de leitura, ou seja, delineamos a área/mapa de leitura dos quinze (15) participantes da pesquisa. Entretanto, como não há como incluir, de acordo com nossos conhecimentos sobre as tecnologias digitais, a versão da obra em material transparente, a reproduzimos utilizando somente o mapa da cidade. Para tal propósito, utilizamos retas para simplificar a proposta apresentada.

Mapa 5 – Área de Leitura do(a) Estudante 8 em Pedro Afonso – TO

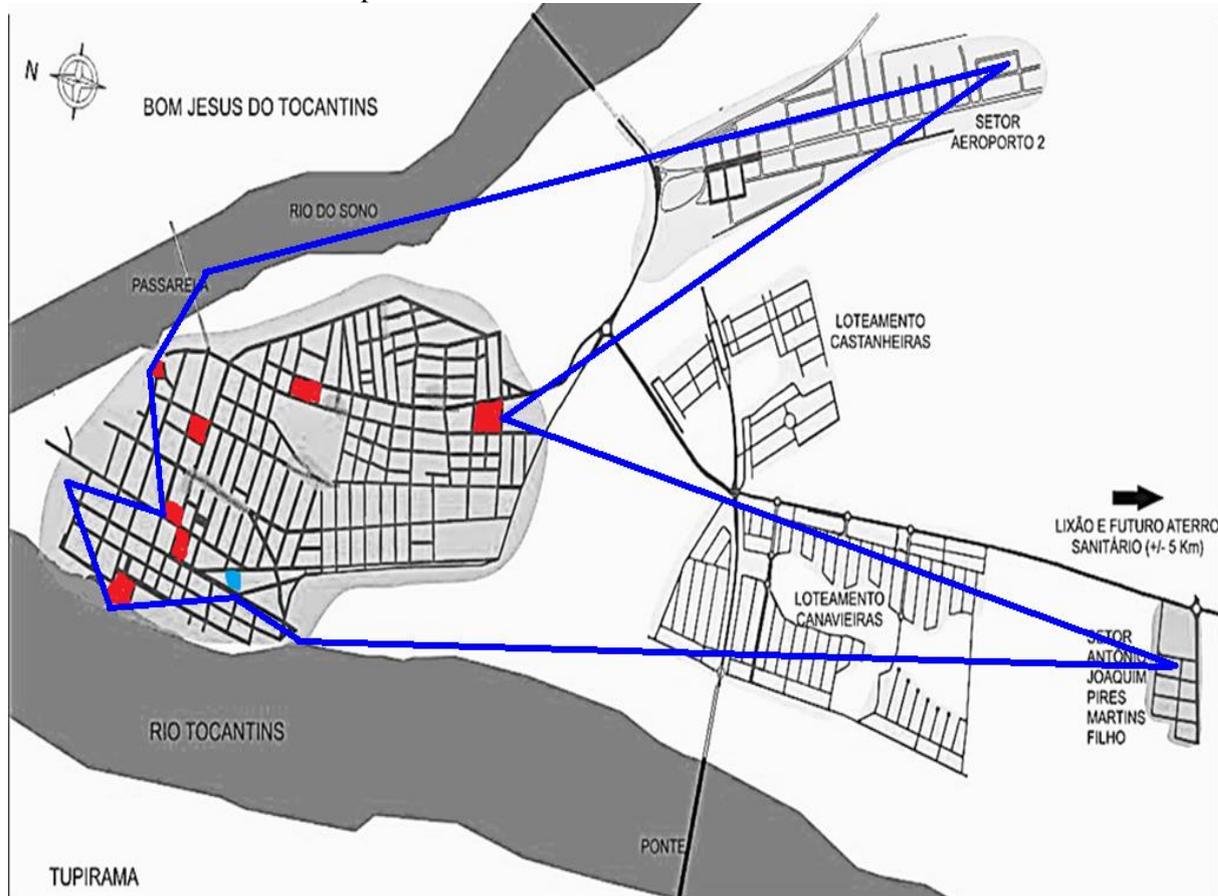


Fonte: Equipe UFT, 2013.

Legendas	
	Locais de Leitura citado pelo(a) Estudante 8.
	Residência do(a) Estudante 8.
	Área/Mapa de Leitura do(a) Estudante 8.

Subsequente, ao sobrepormos as áreas/mapas dos(as) participantes concebemos a demarcação da zona de leitura em Pedro Afonso - TO.

Mapa 6 – Área de Leitura em Pedro Afonso – TO

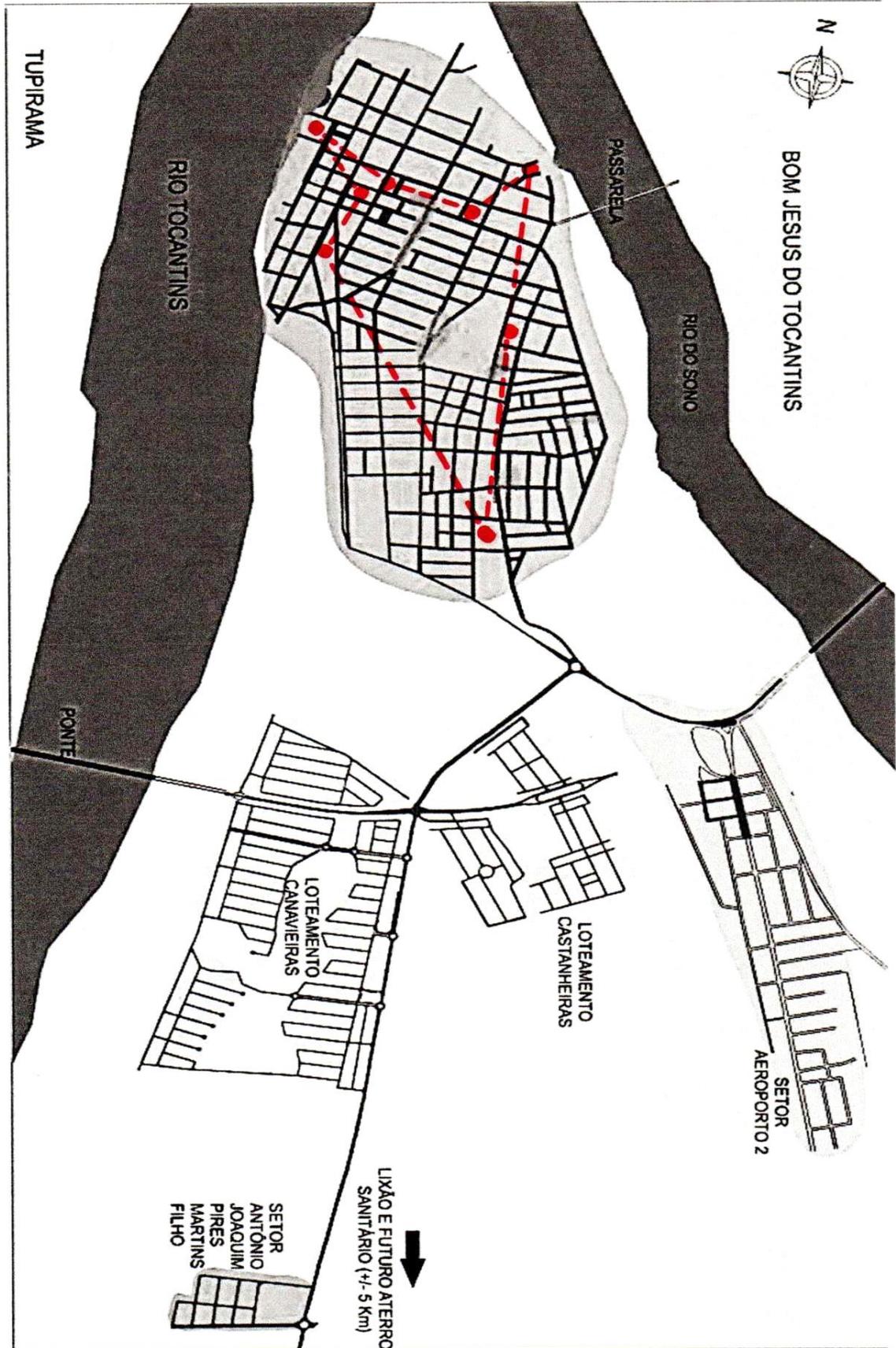


Fonte: Equipe UFT, 2013.

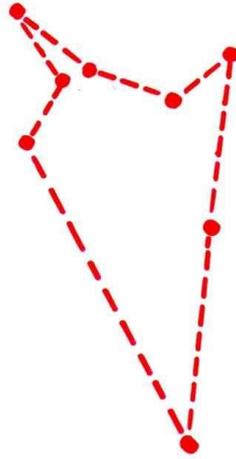
Legendas	
	Escola Estadual Ana Amorim.
	Locais de Leitura citado pelos(as) participantes.
	Área/Mapa de Leitura dos(as) participantes da pesquisa em Pedro Afonso – TO.

Na sequência exibiremos os mapas com as áreas de leituras dos(as) participantes desta pesquisa, feitos em folhas A4 transparentes justapostas ao mapa de Pedro Afonso – TO, como descrito no início deste capítulo, contudo, prezando pela qualidade e durabilidade das imagens, na versão impressa os mapas não estarão em folhas transparentes, pois caso não sejam armazenados adequadamente podem manchar o que dificultaria a análise, visto que, a junção dos plásticos quando expostos a altas temperaturas tendem a umedecerem e a fixarem um no outro.

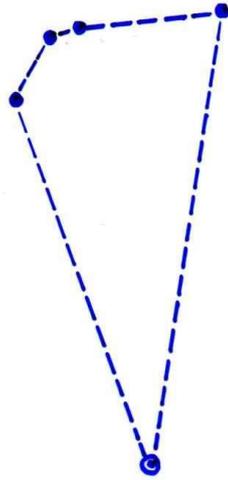
Mapa 7 – Área dos Locais apontados como ideais para o exercício da Leitura, sobreposta ao mapa de Pedro Afonso – TO.



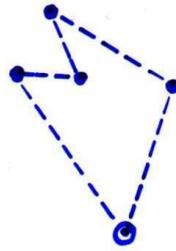
Mapa 8 – Área dos Locais apontados como ideais para o exercício da Leitura em Pedro Afonso



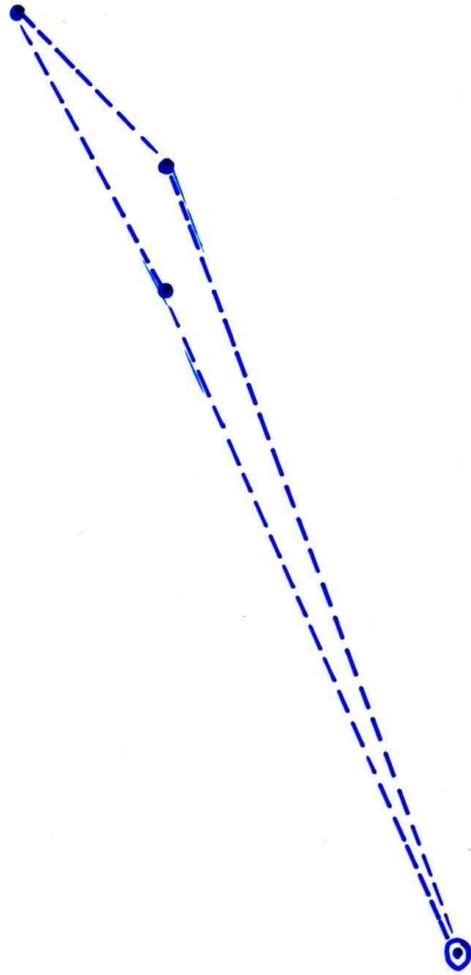
Mapa 9 – Área de Leitura do(a) Estudante 1



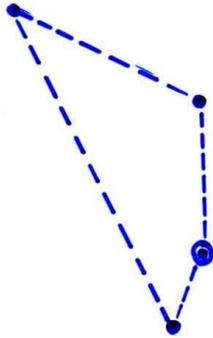
Mapa 10 – Área de Leitura do(a) Estudante 2



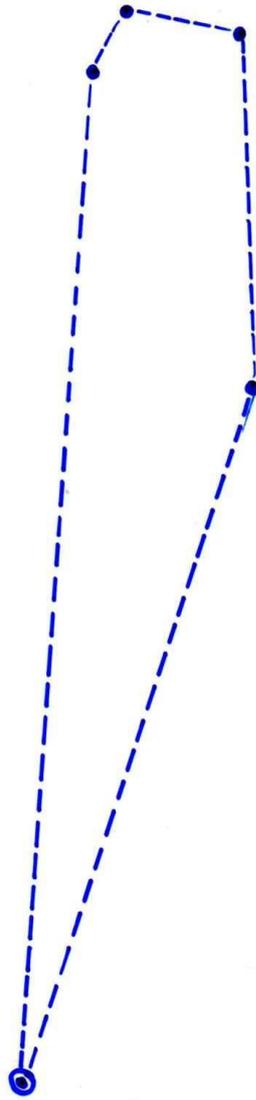
Mapa 11 – Área de Leitura do(a) Estudante 3



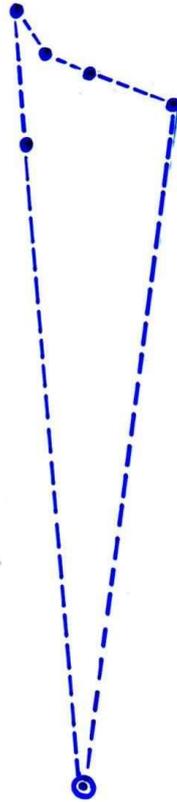
Mapa 12 – Área de Leitura do(a) Estudante 4



Mapa 13 – Área de Leitura do(a) Estudante 5



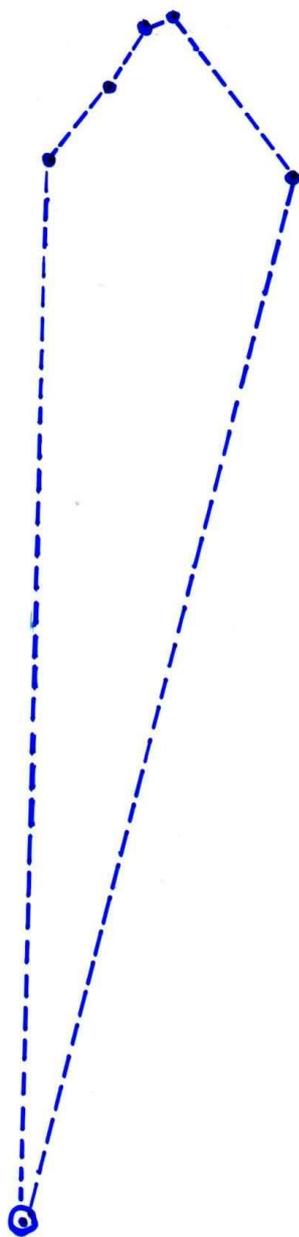
Mapa 14 – Área de Leitura do(a) Estudante 6



Mapa 15 – Área de Leitura do(a) Estudante 7



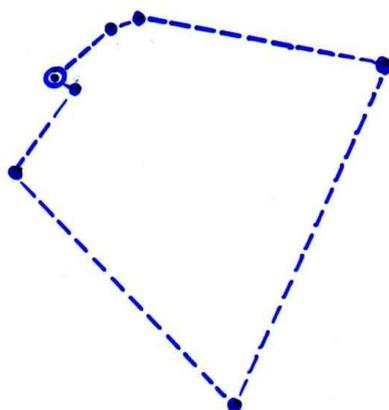
Mapa 16 – Área de Leitura do(a) Estudante 8



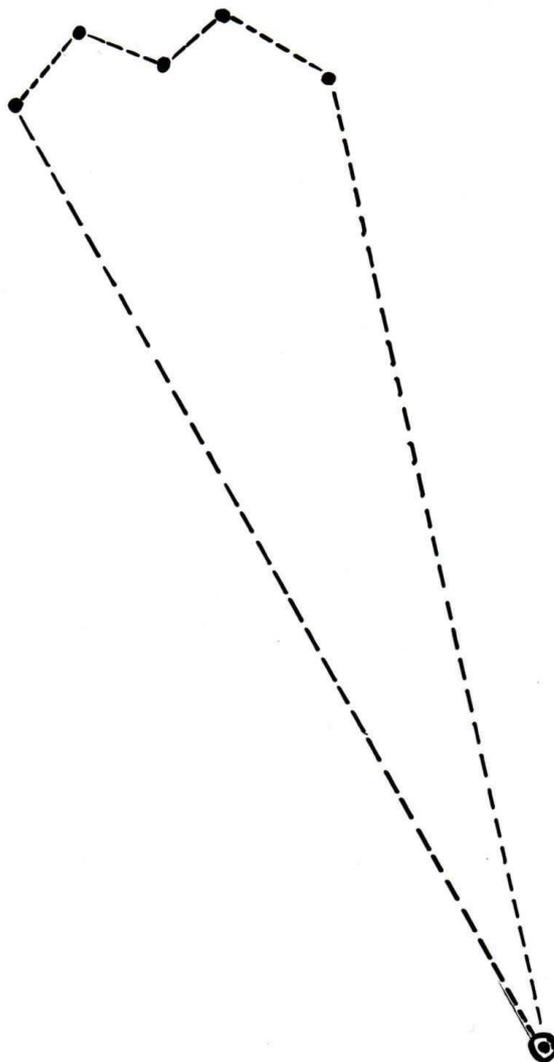
Mapa 17 – Área de Leitura do(a) Estudante 9



Mapa 18 – Área de Leitura do(a) Estudante 10



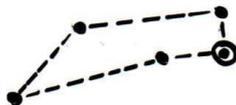
Mapa 19 – Área de Leitura do(a) Docente 1



Mapa 20 – Área de Leitura do(a) Docente 2



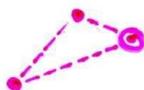
Mapa 21- Área de Leitura do(a) Docente 3



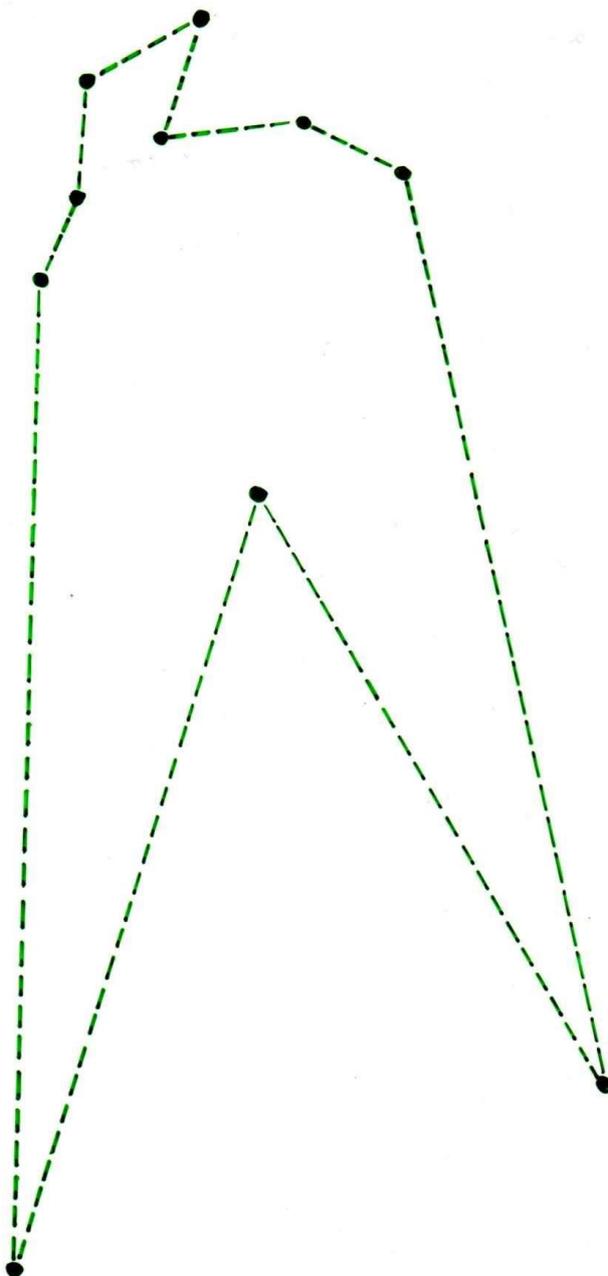
Mapa 22 – Área de Leitura do(a) Pesquisador(a) 1



Mapa 23 – Área de Leitura do(a) Pesquisador(a) 2



Mapa 24 – Área de Leitura dos(as) participantes



Ao sobrepor as quinze (15) áreas de leitura, sendo dez (10) de estudantes, três (03) de docentes e duas (02) de pesquisadores(as), apresentadas nas páginas antecedentes, teremos a área de leitura da cidade de Pedro Afonso retratada acima (mapa 24), detalhada na página 84 deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das qualidades mais importantes do homem novo e da mulher nova é a certeza que têm de que não podem parar de caminhar e a certeza de que cedo o novo fica velho se não se renovar (FREIRE, 1989, p. 79).

O presente trabalho, “Entre Leituras e Mapas: a transcendência da Subjetividade na Literatura e na Formação Individual/Social de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA)”, surgiu do meu anseio como professora de Língua Portuguesa em contribuir pedagógica e socialmente com a formação dos(as) discentes desta modalidade de ensino. Por isso, para alcançarmos o nosso intento e o objetivo geral proposto nesta pesquisa, a saber: investigar a relevância da Subjetividade para o ensino de Literatura na formação individual/social de estudantes da EJA. Valemos-nos da Teoria da Subjetividade de González Rey, que emerge do simbólico-emocional constituindo assim o sujeito e do qual ele(a) é constituinte, uma vez que, a realidade individual e a social são interligadas. No entanto, possuem sistemas ontológicos diferentes aptos a integrarem o subjetivo diante da exigência do espaço social.

Por conseguinte, a partir do autor, afirmamos que as dimensões da subjetividade - individual e social - podem ser exploradas nas aulas de Literatura da EJA, dado que a subjetividade não é estagnada, ela altera conforme as experiências vividas pelos(as) alunos(as). Para tanto, a leitura literária, na direção que defendemos neste texto, tem por propósito incentivar estudantes também a questionarem suas convicções e hábitos, ao analisarem e fruírem as obras. Nessa direção, a subjetividade como categoria de análise e de organização da intencionalidade pedagógica na EJA, oportuniza discentes a desenvolverem sua Subjetividade Individual, constituída a partir das suas experiências simbólicas e emocionais pessoais com o texto, com colegas de turma e com os contextos de leitura.

Complementarmente, a dimensão social da Subjetividade experimentada nas negociações de sentido da experiência de leitura em grupo possibilita algum acesso às diversas maneiras de existir em sociedade, de vivenciá-la, de reconhecer seus modos de organização, para que se possa, quando necessário, questioná-los e, quiçá, propor outros modos de operar “o” e “no” mundo. Articuladas e tensionadas entre si, por meio da leitura e análise de textos/livros literários e como processo em coevolução, as dimensões individual e social da Subjetividade possibilitam a formação da identidade de cada estudante da EJA. Sua

atuação no mundo, no final das contas, seja como sujeito pessoal ou membro de um grupo, é que está em foco, com vistas à evolução da pessoa como cidadã crítica, apta a contribuir com o seu desenvolvimento pessoal e das coletividades que ajuda a configurar.

É por acreditar que a Subjetividade precisa ocupar lugar mais central tanto nos métodos de análise de obras literárias em contextos educacionais, como nas intencionalidades pedagógicas de docentes de Literatura, que entendemos que discussões como a que aqui apresentamos são urgentes e podem trazer significativos avanços para a área dos estudos literários no campo da educação, em especial da EJA. Dado que, a leitura de textos/livros literários realizada por estudantes da EJA irá conduzi-los(as) a um mundo até então incógnito, aumentará suas habilidades linguísticas, da mesma forma que, terão contato com uma variedade de vocábulos até então desconhecidos e desenvolverão a oralidade. Por consequência, os(as) alunos(as) terão a oportunidade de descobrirem que a leitura literária desperta emoções e sentimentos até então desconhecidos, pois conseguem penetrar no eu do leitor.

Em vista disso, a proposta de organização cartográfica dos estudos literários, por meio dos mapas simbólico-emocionais e geográficos (locais de leitura), assume a Subjetividade como categoria de análise e de composição das intencionalidades pedagógicas, nos permitindo considerar caminhos para o ensino de Literatura, com fins da problematização da experiência humana “do” e “no” mundo e ampliação das nossas possibilidades de ação, reflexão e tomada de consciência sobre temas e contextos específicos.

Como desdobramentos dessa pesquisa e para a vida da pesquisadora, supomos que os dados aqui apresentados subsidiarão docentes e pesquisadores(as) não só da EJA, mas também das demais modalidades de ensino, haja visto que, a aversão a leitura de textos/literários é um infortúnio da educação brasileira. Logo, almejamos que os gráficos simbólico-emocionais e os mapas dos locais de leitura, através da subjetividade existente nas obras literárias desperte nos(as) estudantes o interesse em buscar conhecimentos adquiridos por meio da leitura e que os auxiliarão tanto nos embates pessoais quanto nos coletivos manifestados no dia a dia, isto é, a leitura literária assessora a formação individual e social dos(as) discentes que a aprecia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nadja Rinnelle Oliveira de; FONTENELE, Inambê Sales; FREITAS, Ana Célia Sousa. Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 1º ed. São Paulo: Germape, 2004. 125 p.
- BARTHES, Roland. **O grão da voz**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 526 p.
- BLOOM, Harold. **Gênio: Os 100 autores mais criativos da história da literatura**. Tradução de José Roberto O'Shea; revisão de Marta M. O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 832 p.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis O enigma do olhar**. 1ª ed. Editora Ática. São Paulo. 2003. 240 p.
- BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm. Acesso em 15 jun. 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. 498 p.
- BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, [1996]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, DF, MEC/SEF, 1997, 126 p.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 1, de 5 de julho de 2000**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF [2000]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2021.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Parecer 11/2000. Brasília, DF [2000] Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 14 ago. 2021.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 2, de 19 de maio de 2010**. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a oferta de Educação para Jovens e Adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais. Brasília, DF [2010]. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECEBN22010.pdf. Acesso em: 02 set. 2021.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 3, de 15 de junho de 2010**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a

Distância. Brasília, DF [2010]. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5642-rceb003-10&category_slug=junho-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 set. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 542 p.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 3, de 13 de maio de 2016**. Define Diretrizes Nacionais para o atendimento escolar de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. Brasília, DF [2016]. Disponível em:
https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECEBN32016.pdf. Acesso em: 25 set. 2021.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 4, de 30 de maio de 2016**. Dispõe sobre as Diretrizes Operacionais para a remição de pena pelo estudo de pessoas em privação de liberdade nos estabelecimentos penais do sistema prisional brasileiro. Brasília, DF. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=42991-rceb004-16-pdf&category_slug=maio-2016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 04 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF. 2018. 595 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) Resultados do PISA 2018. OCDE, v. I-III, p. 1-11, 2019**. Disponível em
https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2018/pisa_2018_brazil_prt.pdf. Acesso em: 30 jun. 2023.

CARDOSO, Renata Rocha; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. A subjetividade como categoria de leitura/análise de obras literárias. **Porto Nacional das letras: produções interdisciplinares em linguística e literatura**. / Organizadores: José Willen Brasil Lima, Moisaniel Oliveira Pinheiro, Floriete Assunção Ribeiro. – Itapiranga: Schreiben, 2022. 128 p. Disponível em
https://www.editoraschreiben.com/_files/ugd/e7cd6e_c52e13c46ec34b6f98690e1f26f60675.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

CAVAGNOLI, Murilo; MAHEIRIE, Katia. A cartografia como estratégia metodológica à produção de dispositivos de intervenção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 32, n. 1, p. 64-71, jan./abr. 2020.

COSTA, Andrea Barros Daltro de Castro; CONCEIÇÃO, Ana Paula Silva da Conceição. O Processo de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA): As vozes dos cidadãos da resistência. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, Fortaleza, v. 02, n. 3, p. 93-112, jan.-jun. 2019.

MARTINEZ, A. M.; REY, F. G.; PUENTES, R. V. (orgs.). **Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade [recurso eletrônico: discussões sobre educação e saúde]**. EDUFU, 2019. 233 p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. 80 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1990. 256 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 336 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144 p.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade e saúde: a clínica da patologia.** São Paulo: Cortez, 2011. 127 p.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva.** In: Albertina Mitjás Martínez, Beatriz Judith Lima Scoz, Marisa Irene Siqueira de Carvalho (orgs). Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco. Brasília: Líder Livros, 2012a, v. 1, p. 21-41.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação** [tradução Marcel Arisitides Ferrada Silva]. São Paulo: Cengage Learning, 2017. 6. reimpr. da 1. ed. de 2005. 205 p.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales.** **Revista Diversitas-Perspectivas en Psicología.** Bogotá, v. 4, n. 2, p. 225-243, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67940201>>. Acesso em: 10 Mar. 2021.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor- aspectos cognitivos da leitura.** Campinas: Editora Pontes, 2002. 82 p.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; REY, Fernando Luiz González. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** Campinas: Alínea, 2017. 194 p.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **A epistemologia qualitativa vinte anos depois.** MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; REY, Fernando González; PUENTES, Roberto Valdéz (orgs). Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde. Uberlândia: EDUFU, 2019, v. 7, p. 21-46.

MITJÁS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen V. R.; PUENTES, Roberto Valdéz (orgs). **Teoria da Subjetividade: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional.** 1. ed. Campinas, SP: Alínea, 2020. 280 p.

MOBRAL - <http://querepublicaeessa.an.gov.br/> - Acessado em 15/06/2022, às 10h09.

PAIVA, Vanilda. MOBRAL:Um Desacerto Autoritário - 1ª parte. Síntese - **Revista de Filosofia**, v. 8, n. 23, p. 83-114, 1981.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum.** Porto Alegre: Sulina, 2016. 310 p. (v. 2)

RIBEIRO, Ormezinda Maria. De Fernando Sabino a Machado de Assis Uma releitura de “Dom Casmurro”. **Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 157-174, 2004.

ROSSATO, Maristela; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 289-298, jul/dez. 2013.

SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo; GONÇALVES, Amanda Diniz. Experiência Corporal Estética: a emergência de novas ações simbólicas no trabalho do ator. **Revista Moringa - Artes do Espetáculo**, João Pessoa, UFPB, v. 8 n. 2, p.109-124, jul./dez. 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1999. 832 p.

SILVA, Marcelo Alves; SOUZA, José Antonio de. A Leitura Literária: Especificidades e Contribuições para a Humanização do Aluno/Leitor. **Interfaces da Educação**. Parnaíba, v. 3, n. 8, p. 35-47, 2012.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Resistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada, área de concentração Língua Materna) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, Elias Caires; TORRES, José Fernando P. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. Obutchénie: **Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**. Uberlândia, MG, v. 3, n. 1, p. 34-57, jan./abr. 2019.

TEDESCO, Silvia Helena. A ética da pesquisa e a perspectiva da cartografia: algumas considerações. **Revista Polis e Psique**, p. 32-47, 2015.

VANHOOZER, Kevin. “Introdução”. In:_. **Há um significado neste texto?** Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: Vida, p.17-42, 2005.

VIGOTSKI, L. **Pensamento e Linguagem**. SP: Martins Fontes (tradução da versão resumida norte-americana), 1987, 212 p.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000, 137 p.

APÊNDICE**APÊNDICE A – Perguntas do Questionário Temático Estruturado**

a)	O que você costuma ler?
b)	O que você gostaria de ler?
c)	Onde você costuma ler?
d)	Onde você gostaria de ler as coisas que você gosta de ler?
e)	Onde você consegue o material que gosta de ler?
f)	O que você não gosta de ler?
g)	Onde você não gosta de ler?
h)	Onde você não encontra o material que gostaria de ler?
i)	Que espaço da cidade poderia ser um ponto coletivo para leitura?
j)	Você já leu em algum espaço público da cidade? Se sim, qual?
k)	Onde você gostaria de estar na cidade para ler uma obra literária?
l)	Algum espaço da cidade incentiva seu desejo por leitura?

APÊNDICE B – Respostas do Questionário Temático Estruturado

a) O que você costuma ler?	
Estudante 1	Jornal Nacional.
Estudante 2	O que eu costumo ler, só jornalzinho de Igreja.
Estudante 3	Em casa tomando tereré.
Estudante 4	Mensagens do WhatsApp.
Estudante 5	Tudo que eu pego e vejo na rua.
Estudante 6	Eu costumo ler jornal deitado no sofá e também sentado em uma cadeira e só.
Estudante 7	Celular, livro, jornal, manual.
Estudante 8	O que mais gosto de ler são histórias sobre o Tocantins, lugares mais visitados do Tocantins.
Estudante 9	Livros, jornal e notícias no celular.
Estudante 10	Artigo científico, literatura e Mangá.
Professor(a) 1	A bíblia, textos de autoajuda, revistas, jornais, textos didáticos, mensagens reflexivas.
Professor(a) 2	Livros católicos, literários, jornais e tudo que me chama atenção, costumo ler. Até mesmo panfletos que encontro na rua, recolho e leio depois.
Professor(a) 3	Livros literários, pois transmitem a intenção comunicativa do autor com o seu público, além da utilização de diversos recursos literários.
Pesquisador(a) 1	Nos últimos tempos estou fazendo leituras de texto que fazem parte do tema da minha pesquisa de mestrado.
Pesquisador(a) 2	Literatura infantil, romance, ficção, livros paradidáticos.

b) O que você gostaria de ler?	
Estudante 1	São livros e dentro dessa categoria a preferência é pelo gênero literário.
Estudante 2	Eu gostaria de ler um livro de ação para me emocionar e viajar na história.
Estudante 3	A bíblia em casa.
Estudante 4	Um romance.
Estudante 5	Advocacia.
Estudante 6	Eu gostaria de histórias, também na praça.
Estudante 7	Senhor dos Anéis.
Estudante 8	A minha história para ler é sobre os lugares do Tocantins.
Estudante 9	Livros de Romance.
Estudante 10	Literatura, artigos voltados a área agrícola e mangá.
Professor(a) 1	Mais livros de literatura.
Professor(a) 2	Todas as obras literárias brasileira, porém o tempo disponível não é suficiente e não exemplares disponíveis no lugar onde se procura.
Professor(a) 3	Romances policiais, por se caracterizar a presença do crime e a elucidação do mesmo.
Pesquisador(a) 1	Gostaria de ler poesia e romance.
Pesquisador(a) 2	Não há nenhum livro ou categoria específica que eu deseje ler.

c) Onde você costuma ler?	
Estudante 1	Dentro do meu quarto.
Estudante 2	Na escola, porque quase não tenho tempo para ler.
Estudante 3	Em casa.
Estudante 4	Em casa.
Estudante 5	No quarto.
Estudante 6	Eu costumo ler na minha casa e também no serviço.
Estudante 7	Na biblioteca.
Estudante 8	O lugar que eu mais leio é no serviço, procuro ter um entendimento sobre leitura.
Estudante 9	Em casa.
Estudante 10	Em casa e na escola.
Professor(a) 1	No ambiente de trabalho, em casa.
Professor(a) 2	Quando é possível, em casa ou na empresa que exerço outras funções além da qual sou e exerço minha profissão professor.
Professor(a) 3	Costumo fazer minhas leituras na minha residência, por falta de um lugar agradável e que inspire a sensação de paz e tranquilidade.
Pesquisador(a) 1	Costumo ler em casa, quando leio por hobby. Mas costumo ler no trabalho, em salas de espera, sempre que tenho oportunidade faço uma leitura.
Pesquisador(a) 2	Em casa, em meu quarto, ou qualquer ambiente que não tenha barulho.

d) Onde você gostaria de ler as coisas que você gosta de ler?	
Estudante 1	Gosto de ler a bíblia na minha casa.
Estudante 2	Quando estou no meu serviço de guarda.
Estudante 3	No serviço.
Estudante 4	Em uma praça que seja bem arrumada.
Estudante 5	Na biblioteca.
Estudante 6	Eu gostaria de ler no museu.
Estudante 7	Na praça.
Estudante 8	No meu tempo eu leio mais sobre o meu trabalho que é sobre o que mais falamos.
Estudante 9	Em uma biblioteca pública.
Estudante 10	Em casa de forma digital.
Professor(a) 1	Em um lugar bem confortável, como no rio dentro de um barco ou em uma praia bem distante, ouvindo o canto dos pássaros.
Professor(a) 2	Nas praças da cidade na qual moro, e até mesmo sentado em um meio fio da rua.
Professor(a) 3	Em livrarias com espaços independentes de promoção à leitura.
Pesquisador(a) 1	Gostaria de ler em casa, ambiente mais confortável.
Pesquisador(a) 2	Em ambiente bem ventilado e sem barulho

e) Onde você consegue o material que gosta de ler?	
Estudante 1	Eu ganhei minha bíblia da minha mãe. E com ela que eu leio.
Estudante 2	Quando as pessoas da Igreja entregam o jornal na rua.
Estudante 3	No celular.
Estudante 4	Geralmente no celular.
Estudante 5	Nos livros.
Estudante 6	Eu consigo na biblioteca e também na escola.
Estudante 7	Na biblioteca da praça pública.
Estudante 8	Na biblioteca.
Estudante 9	Eu ganho ou pego na escola.
Estudante 10	Na escola e internet.
Professor(a) 1	Pela internet e na biblioteca da escola.
Professor(a) 2	Além da Escola Estadual Ana Amorim, nas bibliotecas públicas que à na cidade e até mesmo com parentes, amigos e colegas de trabalho.
Professor(a) 3	Na internet, em salão de livros, com amigos, nas bibliotecas escolares.
Pesquisador(a) 1	Geralmente compro, pois em Palmas não há grandes bibliotecas públicas.
Pesquisador(a) 2	Geralmente na internet, baixando em PDF ou comprando o livro impresso.

f) O que você não gosta de ler?	
Estudante 1	Livros, não gosto de ler.
Estudante 2	Eu não gosto de ler revista de atores de novela.
Estudante 3	Livros da escola.
Estudante 4	Notícias trágicas.
Estudante 5	Notícias ruins.
Estudante 6	Eu não gosto de ler histórias de maldade, porque é muito feio.
Estudante 7	Livros sobre o Pelé.
Estudante 8	Coisas que nos deixam tristes.
Estudante 9	Jornal ou livro com conteúdo político.
Estudante 10	Textos ou livros com ideologias nocivas e homofóbicas.
Professor(a) 1	Textos em linguagem jurídica.
Professor(a) 2	Livros voltado para o socialismo e de autores marxistas. Bem como daquilo que não tem fundamentos e que venham a fazer algum mal para o meu semelhante.
Professor(a) 3	Livros de terror, pois estão muito ligados à ficção especulativa transmitindo o sentimento de terror ou horror.
Pesquisador(a) 1	Não gosto de ler o gênero terror.
Pesquisador(a) 2	Livros teóricos que não tem haver com a minha formação.

g) Onde você não gosta de ler?	
Estudante 1	Em praça.
Estudante 2	Em praça pública.
Estudante 3	Na casa das pessoas.
Estudante 4	No supermercado.
Estudante 5	Na rua.
Estudante 6	Eu não gosto de ler em eventos, festas.
Estudante 7	Onde tem barulho.
Estudante 8	Onde não há segurança.
Estudante 9	No meio do povo ou em lugar muito movimentado.
Estudante 10	Em lugares movimentados.
Professor(a) 1	Quando estou em algum lugar com meus amigos.
Professor(a) 2	Nas ruas da cidade, pois a poluição sonora faz com que a minha leitura fique comprometida, vaga, vazia. E isso é algo que me deixa muito irritado, de começar a ler algo e chegar ao final e não entender nada.
Professor(a) 3	Principalmente no meu quarto.
Pesquisador(a) 1:	Gosto de ler em todos os lugares.
Pesquisador(a) 2:	Em lugar barulhento.

h) Onde você não encontra o material que gostaria de ler?	
Estudante 1	Sempre tem material para mim ler.
Estudante 2	Em casa porque eu não tenho livros.
Estudante 3	Na rua.
Estudante 4	No hospital.
Estudante 5	Quando eu viajo.
Estudante 6	Eu não encontro o material na rua largado.
Estudante 7	Na praça.
Estudante 8	Nós temos uma grande biblioteca que nós pode ler.
Estudante 9	Nenhum lugar, porque sempre pego na biblioteca da escola.
Estudante 10	Em bibliotecas públicas.
Professor(a) 1	Em casa.
Professor(a) 2	Nas bibliotecas públicas, escola, amigos, colegas do trabalho e também na internet quando encontro os que não acho na minha cidade na qual resido.
Professor(a) 3	Nunca procurei esse tipo de leitura.
Pesquisador(a) 1	Em algumas bibliotecas públicas.
Pesquisador(a) 2	Na biblioteca de minha escola.

i) Que espaço da cidade poderia ser um ponto coletivo para leitura?	
Estudante 1	A Praça Ecológica.
Estudante 2	Eu acho que seria na praça.
Estudante 3	Na praça.
Estudante 4	Na rodoviária seria uma boa.
Estudante 5	Na praça.
Estudante 6	No espaço, na biblioteca pública e também na escola.
Estudante 7	Minha casa.
Estudante 8	Nos espaços culturais.
Estudante 9	Nas praças ou bibliotecas públicas.
Estudante 10	A escola.
Professor(a) 1	Na biblioteca pública, mas acredito que o acervo está pouco.
Professor(a) 2	Seria a praça da igreja matriz. Pois além de ser um lugar tranquilo, calmo, fica próximo do verde, beira rio, fica de frente para o rio Tocantins, além de vários pássaros cantarem na praça, o vento proporciona mais ainda para que o local seja agradável para uma boa leitura.
Professor(a) 3	A praça ecológica e o Museu.
Pesquisador(a) 1	Praças públicas.
Pesquisador(a) 2	Acredito que a biblioteca municipal.

j) Você já leu em algum espaço público da cidade? Se sim, qual?	
Estudante 1	Sim, na praça.
Estudante 2	Não, porque nunca fui convidado.
Estudante 3	Sim, na lanchonete.
Estudante 4	Não.
Estudante 5	Sim, farmácia, hospital e escola.
Estudante 6	Eu já li na praça da igreja católica.
Estudante 7	Sim, na biblioteca pública.
Estudante 8	Sim, na praça.
Estudante 9	Não.
Estudante 10	Sim. Rodoviária.
Professor(a) 1	Sim, na biblioteca pública e no museu.
Professor(a) 2	Já tentei, mas como já foi dito anteriormente, a poluição sonora atrapalha muito, principalmente os carros de som.
Professor(a) 3	Sim. Na Praça Ecológica.
Pesquisador(a) 1	Em praças.
Pesquisador(a) 2	Não.

k) Onde você gostaria de estar na cidade para ler uma obra literária?	
Estudante 1	Em lugar nenhum, podia ser na minha casa é bem melhor. Porque aqui na cidade não tem muito lugar para ler.
Estudante 2	Na casa da minha mãe porque lá é um lugar calmo.
Estudante 3	Na praça Ali de Sena.
Estudante 4	A coisa está difícil.
Estudante 5	No museu.
Estudante 6	Eu gostaria na prefeitura.
Estudante 7	No museu.
Estudante 8	Em um lugar seguro.
Estudante 9	Na biblioteca da escola.
Estudante 10	Em lugares tranquilos, como praia ou beira-rio.
Professor(a) 1	Na praça Ecológica.
Professor(a) 2	Na praça Ecológica, que me chama muito a atenção, é a beira do rio Sono, ouvindo o barulho leve da água durante o seu trajeto.
Professor(a) 3	Se tivesse, seria em uma biblioteca pública com espaço destinado somente a leitura.
Pesquisador(a) 1	Em uma biblioteca pública.
Pesquisador(a) 2	Na biblioteca seria um lugar tranquilo.

l) Algum espaço da cidade incentiva seu desejo por leitura?	
Estudante 1	Na biblioteca pública da cidade.
Estudante 2	Não, porque não sou fã de leitura.
Estudante 3	Na praça Santo Afonso.
Estudante 4	Alguns.
Estudante 5	Sim, a escola.
Estudante 6	Meu desejo por leitura é na câmara de vereadores.
Estudante 7	O museu.
Estudante 8	As margens do rio Tocantins.
Estudante 9	Biblioteca pública.
Estudante 10	Beira-rio.
Professor(a) 1	Sim, ao entrar nas bibliotecas.
Professor(a) 2	Sim, o melhor mesmo para termos de leitura é a praça da igreja Matriz, pois é um lugar que se pode tanto ficar sentado, como deitado em um lençol sobre a grama verde.
Professor(a) 3	A Praça Ecológica.
Pesquisador(a) 1	Não.
Pesquisador(a) 2	Não.

APÊNDICE C – Perguntas da Entrevista Semiestruturada Aberta

1	Na EJA eu...
2	Na EJA eu leio...
3	Na minha casa eu leio...
4	Outro(s) lugar(es) em que eu costumo ler...
5	A leitura...
6	A literatura...
7	A importância da leitura...
8	Quando eu leio...
9	Quando eu não leio...
10	Minha maior dificuldade com leitura...
11	Minha maior facilidade com leitura...
12	Os livros que me interessam...
13	Os temas sobre os quais me interessam...
14	Já li e gostei...
15	Já li e não gostei...
16	Gostaria de ler...
17	Gostaria de não ter que ler...
18	Ler faz diferença...
19	Ler não faz diferença...
20	As pessoas de quem eu gosto leem...
21	As pessoas para quem eu gostaria de ler...
22	Sobre leitura...
23	Sobre literatura...
24	Sobre aula de literatura...
25	Sobre meus planos futuros em relação à literatura...

APÊNDICE D – Respostas da Entrevista Semiestruturada Aberta

1) Na EJA eu...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Eu estudo para aprender a minha função de trabalho.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Estudo português, matemática, e... filosofia.
Estudante 5	Eu estudo. Eu estudo aula de português, matemática, ensino religioso, disciplina e etc.
Estudante 6	Na EJA eu estudo, aprendo a ler, aprendo conhecimentos. É... eu quero terminar o meu Ensino Médio e se alguém perguntar pra mim, eu falar que fiz o Ensino Médio.
Estudante 7	Eu estudo, eu aprendo, eu leio livros, também esfrio mais a cabeça.
Estudante 8	Estudo... Estudo os jornais para saber as notícias.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Faço todas as atividades, extracurriculares também quando me pedem e tento o máximo possível ler as literaturas que me pedem, as vez corro atrás da literatura por mim mesmo pra ficar um pouco mais avançado em comparação a escola e também para me preparar para alguns concursos que irão acontecer.
Professor(a) 1	Costumo fazer leitura de vários textos, alguns literários, para que meus alunos tenham um embasamento melhor e assim eles possam também se sentirem incentivados para fazerem mais leituras.
Professor(a) 2	Na EJA eu ministro aula de língua portuguesa e suas respectivas literaturas também, língua inglesa e procuro incentivar ao máximo meus alunos, também, a terem o hábito da leitura, pois esse é um dos meios que faz com que nos desprendamos a língua e adquirimos entendimento, compreensão e sanamos até mesmo as dificuldades independente de qual seja a disciplina e uma maneira também da pessoa viajar no mundo literário.
Professor(a) 3	Trabalho de acordo a realidade do aluno, é... tentando deixar o mais transparente possível o conteúdo para eles e de acordo as suas

	necessidades pessoais, pois muitos estão aqui somente para concluir o Ensino Médio.
Pesquisador(a) 1	Gosto de conversar com os colegas.
Pesquisador(a) 2	Fico encantada com o esforço de jovens e adultos em aprender.

2) Na EJA eu leio...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Bastante... livros.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Leio... uai. Pouco né. Matemática, português, história, geografia, é isso.
Estudante 5	História, português, geografia, emprego e trabalhos e etc. que é muitas disciplinas. Leio textos, livros.
Estudante 6	Eu leio. Eu leio tudo, porque o que tem é bom pra mim. Porque eu estou aprendendo mais e é um conhecimento melhor que eu tenho.
Estudante 7	Livros, as tarefas, papéis que eles (professores) entrega, que escrevem no quadro.
Estudante 8	Literatura né. Gosto das aulas das professoras e pretendo formar.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Na EJA eu leio de vez em quando é... as atividades que me dão, as leituras que a própria EJA me fornece e também acabo lendo alguns livros, nesse caso eu li no máximo uns dois livros na biblioteca desde que eu comecei.
Professor(a) 1	Eu costumo ler materiais para as aulas e também alguns livros que tenham fundamento para que eu possa estar ministrando as minhas aulas bem melhor.
Professor(a) 2	Leio textos literários baixados da internet nos momentos que estou de folga, fora da sala de aula e outras vezes eu procuro ir à biblioteca que é o lugar mais tranquilo e por o fluxo de aluno ser menor propõe-se uma reflexão e um entendimento do que eu estou lendo.
Professor(a) 3	Algumas obras literárias e faço uma comparação paralela a essas obras junto com eles, vendo qual contexto literário eles têm maior facilidade de adaptação.
Pesquisador(a) 1	Os textos dos livros didáticos.
Pesquisador(a) 2	Livros paradidáticos e literários.

3) Na minha casa eu leio...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Muito pouco. Mais só mensagem de celular.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Eu costumo lê... como é que eu falo meu Deus?! Aqueles textos que passam no Kwai, as vezes os status das outras pessoas, mensagens do WhatsApp, a bíblia também. Agora também estou lendo a apostila do curso que eu fiz.
Estudante 5	Na minha eu leio muito, principalmente matemática e outros tipos de leitura. Bíblia, livros.
Estudante 6	Eu leio na minha casa quando eu chego do trabalho. Muitas vezes eu não tenho tempo e aqui acolá eu pego a bíblia e olho algum texto no celular no WhatsApp e só.
Estudante 7	Manual da Autoescola, livros lá em vez em quando, quando eu tenho tempo, é mensagem de celular, manual de alguma coisa, manual de equipamentos, de relógio, mexo com isso, de máquinas, de acessórios.
Estudante 8	Algumas revistas, jornais, gibis.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Na minha casa eu gosto de ler um pouco de Mangá e às vezes eu leio um pouco de... não literatura, mas uma mini histórias, curtíssimas, umas coisas mais aprofundadas e de vez em quando fico interessado em ler alguns artigos científicos.
Professor(a) 1	Eu costumo ler muitos textos motivacionais, gosto de ler a bíblia e outros textos também que vou encontrando pelo dia a dia que sei que irá me proporcionar mais um entendimento, um conhecimento melhor sobre as coisas que irão acontecendo no nosso dia a dia.
Professor(a) 2	Eu leio a bíblia, livros religiosos, alguns livros literários que possuo, alguns comprados na internet, pois não os encontrei nas bibliotecas públicas e leio sempre que eu posso, principalmente em casa nos meus momentos de folga.
Professor(a) 3	Bastantes obras literárias.

Pesquisador(a) 1	Romances.
Pesquisador(a) 2	Notícias, romances, ficção.

4) Outro(s) lugar(es) em que eu costumo ler...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	No meu serviço, lá na APAE.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Geralmente quando eu vou no hospital eu gosto de ler, assim vários lugares, as vezes tem uma revista, aí eu leio.
Estudante 5	Tudo que vejo, na rua, no hospital, nos mercados. Tudo que tem nome eu leio.
Estudante 6	Eu costumo ler na minha hora do almoço no meu trabalho. Tipo eu termino de almoçar, fico dentro da cabine do caminhão no meu horário de almoço. Tem vez que eu tiro uma hora, tem vez que eu tiro meia hora. Aí pra me distrair mais um pouco eu pego o celular e leio um texto de bíblia, mensagens que o pessoal posta. E é isso aí.
Estudante 7	Quando eu vou viajar na casa da minha mãe, na casa da minha vó, só.
Estudante 8	Revistas, jornais, gibis.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Eu gosto de ler é... na maioria das vezes na internet, de forma digital e eu acho mais tempo de ler na internet do que de forma física, mas fora isso, só leio na internet, na minha casa e quando estou na escola também.
Professor(a) 1	Eu costumo ler várias vezes, sem ser em casa, no outro ambiente de trabalho (SEMEC), as vezes quando faço alguma viagem costumo ler alguns livros e a leitura é... onde a gente vai passando a gente vai lendo as coisas que estão ao nosso redor e que sabemos que irá nos fortalecer.
Professor(a) 2	Isso aqui é uma pergunta muito interessante, porque um lugar que eu gosto muito é na Praça Pública, principalmente as mais afastadas, como a Praça da Igreja Matriz, lugar onde os carros de som não incomodam muito e não há tanta poluição sonora.
Professor(a) 3	Como na minha cidade há poucos espaços para leitura, as vezes eu leio na Praça Ecológica.

Pesquisador(a) 1	Recepções, ambientes de espera.
Pesquisador(a) 2	Não tem.

5) A leitura...	
Estudante 1:	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2:	A leitura é um incentivo de buscar aprender mais, bastante coisas. É conhecimento.
Estudante 3:	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4:	Pra mim assim, quanto mais eu leio mais eu aprendo né?!
Estudante 5:	A leitura pra mim é... Agora me deu um branco, mas a leitura pra mim é o ensino, a convivência para a gente, preparar a gente para o futuro, né? Para o mundo, preparar também para o mercado de serviço e outras coisas que...
Estudante 6:	A leitura pra mim é tudo, porque muitas vezes eu não tenho conhecimento de uma coisa, eu abro o celular, eu vejo uma história bonita. Já abre a minha memória que muitas vezes eu não tinha aquele conhecimento. Aí com aquele texto bonito, uma mensagem, eu reconheço que muitas vezes eu estou errado. Não tinha conhecimento assim com a leitura.
Estudante 7:	Leitura pra mim é, a gente ler aprende mais, até melhora no diálogo. A gente conversa melhor no diálogo da gente, as palavras que falava errado a gente conserta lendo.
Estudante 8:	Sempre no serviço e em casa, quando tem tempo.
Estudante 9:	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10:	A leitura é uma ação que todo mundo deveria realizar no dia a dia, todo mundo depende disso e acaba sendo algo viável para a nossa sociedade. Se todo mundo soubesse ler e interpretar todo tipo de texto, muito das ações que estão acontecendo hoje seriam evitados.
Professor(a) 1:	A leitura nos transforma, porque através da leitura nós podemos ter uma visão melhor de tudo que nos rodeia e podendo também estar auxiliando as outras pessoas a serem leitores para adquirirem conhecimentos. Porque cada vez que você ler o seu potencial de conhecimento aumenta. É isso que nós almejamos tanto para nós professores quanto para os nossos alunos.

Professor(a) 2:	A leitura é algo que faz parte da minha vida, apesar de ter sido muito difícil, pois eu era uma pessoa que não gostava nem um pingão de lê, eu admito isso pra qualquer um. É de muitos tempos pra cá eu já comecei a gostar mais, me interessar mais, pois é algo que realmente passou a fazer mais parte da minha vida, apesar de ser um professor da área de língua portuguesa, leitura, eu tive e tenho sempre que ter esse hábito para poder incentivar outras pessoas também, dá o exemplo. É algo muito importante na vida de uma pessoa.
Professor(a) 3:	Me favorece o meu conhecimento, meu crescimento pessoal e coletivo.
Pesquisador(a) 1:	Me faz bem e traz conhecimento.
Pesquisador(a) 2:	É uma oportunidade de se conhecer, conhecer outros lugares, aperfeiçoar o vocabulário, desenvolver habilidades de escrita, argumentação e senso crítico.

6) A literatura...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	A literatura pra mim é se você se decifrar alguma imagem, algum desenho pra mim já é uma literatura.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Agora literatura... Acho que é a mesma coisa da leitura né. (Risos)
Estudante 5	A literatura é aprendiz pra mim, um aprendiz. Conhecimento também e outras coisas.
Estudante 6	A literatura... eu... A literatura que eu penso, como é que diz?! Muitas vezes eu pego um livro e eu acho uma palestra uma mensagem bonita, eu marco ele. Muitas vezes eu não leio tudo naquele momento, mas 2 dias, 3 dias depois, eu vou lá e leio as mensagens.
Estudante 7	A literatura pra mim ensina muitas coisas. Não tenho muito o que falar não.
Estudante 8	A literatura?! Todas, né.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	A literatura em questão é uma parte fundamental da nossa história também. Porque a partir da literatura a gente consegue ver algumas coisas que aconteceram no passado que podem acontecer de novo no futuro.
Professor(a) 1	
	Tenho um pouco de dificuldade para ler os livros literários, porque são... Hoje a gente não encontra muito livros que estejam familiarizados vamos dizer. Eu falo por mim no nosso dia a dia, mas a literatura, hoje eu já vejo de outra forma porque eu comecei a trabalhar a literatura com os meus alunos e eu vejo que é através desses livros de literatura que eles também podem aumentar o conhecimento e desenvolver mais a parte de leitura de conhecimento das coisas que já aconteceram e pressupondo que irá acontecer.
Professor(a) 2	
	A literatura, desde o tempo de acadêmico, faculdade, foi difícil, teve vários livros, assim, que eu tive que ler duas, três vezes para realmente compreender e entender. Vou citar até um aqui que é: O livro A

	Bagaceira. Esse eu confesso que foi um dos livros que eu mais tive dificuldade, a começar pela introdução, mais foi algo muito bom, ler as obras literárias dos autores brasileiros, foi o que me deixou mais atraído pela leitura, apesar de não ter gostado muito. Por isso, que hoje eu sou uma pessoa que realmente tem o hábito da leitura.
Professor(a) 3	É a grande paixão da minha vida, de acordo a minha formação e também a minha Monografia foi baseada em um dos maiores escritores brasileiro, que eu tenho assim como um ídolo, que foi Graciliano Ramos com a obra Vidas Secas.
Pesquisador(a) 1	Ajuda a entender o mundo, as pessoas.
Pesquisador(a) 2	Nos permite a comunicação conosco e com os outros.

7) A importância da leitura...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	A importância da leitura é desenvolver mais a aprendizagem.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	A literatura pra mim é... que eu vou aprimorar mais a minha leitura e com aquilo que eu vou lendo da literatura eu vou aprendendo mais as coisas.
Estudante 5	É conhecimento, ter o conhecimento das coisas, ter o aprendizado das coisas também.
Estudante 6	A leitura pra mim é eu chegar em lugar, porque muitas vezes eu chego numa placa, numa loja. Eu leio primeiro antes de entrar no ambiente e pra saber o que está escrito na fachada e pra mim me orientar mais um pouco.
Estudante 7	A importância da leitura é que a gente pode aprender mais lendo, né? Que sem ler a gente não é nada. Até no dia a dia a gente lê qualquer coisa que se passa, até um caminhão ou camiseta com nome a gente lê todo dia. E se não fosse a leitura a gente não é o que é hoje.
Estudante 8	A literatura é entendimento, ler para você entender as coisas. Ser mais informado na literatura.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	A leitura, como eu tinha dito anteriormente, pode evitar muitas coisas acontecerem, como o que está acontecendo hoje, que reintegro de novo. Bom, com base na leitura a gente podia tá... fazendo diversas ações, o povo mesmo deveria estar... em vez de realizando ações que são mitos né, coisas que a gente crer. Isso não é errado é de uma cultura, mas a gente podia abolir certas coisas que poderiam melhorar a nossa vivência.
Professor(a) 1	A leitura a importância dela é altíssima né, porque através da leitura nós conhecemos outros horizontes, o nosso leque de conhecimento aumenta a cada vez que a gente lê até mesmo uma palavra. Porque a

	leitura é o que nos fortalece hoje como seres para que a gente possa sempre estar buscando o melhor.
Professor(a) 2	A leitura como já disse anteriormente e acrescentando um pouco mais, é algo que faz com que nós nos desprendemos, não apenas distrair da vida, do corre corre diário, mas é algo assim que faz com que... nós leva a refletir. Uma coisa que eu sugeri muito para alguns alunos meus que pedem sugestão de livros foi à leitura do livro O Monge e o Executivo, um livro que realmente trás um aprendizado, não só pra quem já leu, mas algo que realmente tem a ver com o nosso cotidiano mesmo.
Professor(a) 3	É tudo, a leitura é tudo, quem lê viaja, enriquece o seu conhecimento, seu vocabulário. Quem lê compartilha.
Pesquisador(a) 1	Ajuda a desenvolver a imaginação, proporciona conhecimento, desenvolve o senso crítico.
Pesquisador(a) 2	Nos torna sujeitos críticos, capazes de nos posicionar diante das diversas situações.

8) Quando eu leio...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Acho que depende do que você tá lendo. Você se emociona.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Eu acho bom, assim principalmente quando você ler assim.... a gente não da nada por aquele livro e tem uma coisa interessante ali, que a gente gosta. Como quando fala de amor, uma coisa assim, boa notícia. Eu gosto!
Estudante 5	Quando eu leio sinto assim uma vontade de ir mais além, de ter mais conhecimento. Ter mais... como é que fala? É querer ter um futuro melhor, né? E passar para os meus filhos também. De leitura.
Estudante 6	Fico pensativo. Porque muitas vezes, é tipo eu tô lendo aqui, aí boto meu sentido naquela árvore ali e vou pensar que eu tô aqui, tô lá naquela árvore. Muitas vezes meu pensar está aqui e lá. E foco no outro lugar que muitas vezes que a gente vê coisa errada e lá naquela leitura a gente vê coisas boas, ensinando as pessoas. É assim.
Estudante 7	Quando eu leio eu me sinto que entrei naquilo que eu tô lendo. Quando é algo assim bem engraçado e começa a entrar no meio da história, ficar de boa.
Estudante 8	Desenvolvimento sobre a leitura.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Quando eu leio, eu me sinto bem legal, sem dizer que algumas vezes é... tem umas literaturas, umas coisas que eu leio que são bem complexas de lê, mas fora isso eu acho magnífico.
Professor(a) 1	Quando eu leio me fortaleço, eu me sinto inspirada em... através dessa leitura mostrar aos meus alunos o quanto a leitura é importante na nossa vida e quanto mais a gente lê coisas que nos fortalecem, a vontade de ler aumenta.
Professor(a) 2	Quando eu leio, eu fico assim, como é que eu posso assim dizer, eu fico assim voando, realmente introduzido dentro da leitura, me colocando no lugar dos personagens da obra que está sendo lida, é algo

	fantástico, principalmente quando é um livro que você realmente gosta. Hoje em dia dificilmente agora tem um livro que eu não gosto de ler, já li várias obras literárias, todos que aparecem assim e fico bem interagido com as situações que os autores colocam nas escritas dos livros e faz com que a gente viaje mesmo na leitura.
Professor(a) 3	Viajo bastante e me sinto realizado.
Pesquisador(a) 1	Sinto que interajo melhor com o outro.
Pesquisador(a) 2	Me sinto mais capacitada para escrever, opinar e argumentar.

9) Quando eu não leio...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Quando eu não leio o que é que eu sinto? Quase nada, porque se você não ler, você não vai se emocionar com nada, você não se preocupa com nada. Não vai adquirir nenhum conhecimento novo.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Eu não aprendo nada, não sei nada, só olhando ali não vou saber de nada. Não sei, é estranho. Se for parar pra pensar direitinho é estranho.
Estudante 5	Eu sinto que eu estou com dúvida. Quando não estou lendo eu não sinto muita coisa não, porque o tempo que eu não estou lendo, eu acho que estou perdendo o conhecimento das coisas.
Estudante 6	Quando eu não leio, é porque muitas vezes eu estou cansado do trabalho e por isso fico aborrecido por não está conseguindo ler.
Estudante 7	Eu me sinto normal.
Estudante 8	É mais um atraso.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Ah! Quando eu não leio, eu estou... indiretamente eu estou ligado a leitura, porque... Quando eu não leio, na maioria das vezes eu estou fazendo alguma atividade, alguma coisa para me manter ocupado, mas acaba que indiretamente temos que utilizar da leitura, de alguma forma a gente precisa ler alguma coisa para se manter. Mesmo que a gente não esteja lendo alguma coisa que pode completar a nossa vida ou acrescentar conhecimento, mas a gente acaba lendo alguma coisa que... para a gente utilizar o que está a nossa volta.
Professor(a) 1	Quando a gente não lê é... é muito difícil, porque nós não temos o entendimento que nós temos quando a gente lê, o entendimento de tudo.
Professor(a) 2	Quando eu não leio, passo muito tempo sem lê devido o tempo as vezes, sinto falta, sinto muita falta da leitura e sempre quando sobra tempo eu leio um pouco e ultimamente como está tendo muito serviço,

	demoro para concluir a leitura de uma obra literária. E como começa e demora recomeçar novamente fica uma coisa vaga e é preciso sempre retornar ao início para que você compreender o final, isso me causa ansiedade, começar a leitura de um livro e demorar a finalizar.
Professor(a) 3	Me sinto triste, infeliz e com pouco conhecimento.
Pesquisador(a) 1	Acho que estou perdendo algo.
Pesquisador(a) 2	Me sinto despreparada intelectualmente.

10) Minha maior dificuldade com a leitura...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Maior dificuldade? Minha maior dificuldade são as palavras complexas, textos grandes.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Minha maior dificuldade, assim é umas palavras muito grande, estranha. Um exemplo, tipo, eu embanano as palavras na verdade.
Estudante 5	Minha maior dificuldade? Eu acho que é interpretar textos, tenho bastante dificuldade ao ler textos.
Estudante 6	Minha maior dificuldade é porque tipo assim, eu parei de estudar. Comecei estudar e não tive muito tempo de estudar. O trabalho e o estudo, aí eu larguei. Com 16, 17 anos que eu voltei a estudar, aí todo mundo rapaz vai estudar. Aí eu fico tipo assim, com vergonha, né? A pessoa vem perguntar minha escolaridade e eu tenho até vergonha de falar que é o Ensino Fundamental. Aí por isso também eu quero terminar o Ensino Médio.
Estudante 7	É parar na vírgula, no ponto final.
Estudante 8	É muitas vezes entender um texto, você ler e não conseguir entender.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Minha maior dificuldade com leitura é a parte de algumas palavras, algumas expressões, coisas de épocas que não utilizadas no dia a dia e acaba que temos que pesquisar o significado, isso acaba enrolando mais uma coisa que a gente deveria estar mais frequente.
Professor(a) 1	Hoje a maior dificuldade com a leitura que eu acredito, que eu tenho é... o tempo que é curto, mas assim entre uma coisa e outra a gente tá sempre fazendo essa leitura para que venha modificar o nosso pensamento sobre determinados assuntos.
Professor(a) 2	A minha maior dificuldade com a leitura é normalmente quando tem uns livros assim que a linguagem dele, torna-se um pouco complexa, tem umas linguagens complexas que as vezes temos que utilizar o dicionário para que aja entendimento do que realmente eu estou lendo

	e infelizmente há alguns livros que possuem uma linguagem muito complexa e acabo tendo que fazer uso do dicionário para poder compreender o que está sendo lido.
Professor(a) 3	Encontrar um artigo, devido a localização que eu me encontro hoje, bastante precária.
Pesquisador(a) 1	No momento é a concentração.
Pesquisador(a) 2	Anotar e organizar o que leio.

11) Minha maior facilidade com leitura...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Na leitura só. Gosto de ler gibi. Textos em quadrinhos.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Eu acho que quando eu leio rápido. Não. Eu gosto de lê alto, mas quando está só eu.
Estudante 5	Minha maior facilidade? Minha maior facilidade acho que é quando o professor está escrevendo e eu estou escrevendo junto. Eu gosto de lê história e ciências porque é um conhecimento. E aula de redação também é muito boa porque a gente aprende a interpretar, pois não adianta só lê e não saber interpretar tem que saber justificar o que nós estamos lendo.
Estudante 6	Quando eu leio atenciosamente com espaços pra mim pensar o que eu tô lendo para eu poder, é guardar na mente para eu poder, se alguém me perguntar eu explicar.
Estudante 7	Não tenho muita dificuldade pra leitura não. Tenho facilidade para ler história em quadrinhos, história (matéria).
Estudante 8	Minha facilidade é o Português, né.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Minha maior facilidade com leitura nesse caso é a própria leitura, eu tenho facilidade no ler, mas eu... tenho facilidade em ler e interpretar, eu consigo ler e interpretar de forma um pouco fácil, não é uma coisa tão avançada, uma leitura dinâmica. Mas eu consigo ir, com um pouquinho.
Professor(a) 1	
	A maior facilidade com a leitura é quando a gente encontra algo que é o que você está querendo naquele momento que vai lhe ajudar na sua vida, eu acredito que esse aí é o meu ponto mais forte na leitura.
Professor(a) 2	
	A minha maior facilidade com a leitura é o hábito mesmo, apesar de já ter adquirido o hábito de leitura, acaba que fica...muito interessante seguir, acaba que influência de uma forma.

Professor(a) 3	A literatura. A literatura brasileira, principalmente o Pré-Modernismo e o Modernismo.
Pesquisador(a) 1	É gostar de muitos gêneros.
Pesquisador(a) 2	Agilidade na leitura devido a capacidade de interpretação.

12) Os livros que me interessam...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Os livros de português. Livros com uma linguagem mais simples.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	É... tem muito livro assim. Eu gosto... Como é que eu falo... eu gosto de historinhas em quadrinhos.
Estudante 5	Pra mim é história, ciências, tem aquele que eu li de agrônomo também, biologia.
Estudante 6	É... história do pessoal mais velho, a convivência deles, as dificuldades. Os causos.
Estudante 7	Quadrinhos da Marvel, Gibi.
Estudante 8	História, todos os tipos de histórias.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Os livros que me interessam na maioria das vezes são livros de autoconhecimento, de conhecimento na maioria das vezes, uma que complete, alguma coisa que eu não saiba. Por isso que na maioria das vezes é difícil de ler.
Professor(a) 1	Os livros que mais me interessam são livros de... sobre liderança, de autoestima, a bíblia, são esses livros assim que me chamam mais atenção.
Professor(a) 2:	Os livros que me interessam são aqueles que realmente vão me trazer conhecimentos, aqueles que são construtivos, aqueles que não são construtivos, que eu que não vai dá em nada, que tem uma linguagem marxista, aqueles lá não me interessam não.
Professor(a) 3	Todas as obras de José de Alencar, Vidas Secas de Graciliano Ramos e O Quinze de Rachel de Queiroz, que eu faço um paralelo muito grande no fator “seca”, que é o elemento chave das duas obras.
Pesquisador(a) 1	Me interesse por muitos gêneros: romance, biografia, poesia.
Pesquisador(a) 2	São livros que contêm narrativas.

13) Os temas sobre os quais me interesse...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Gosto de livros de ação.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Realmente a gente gosta de lê mais coisas boas, coisas positivas.
Estudante 5	Eu não sei nem responder. Pra mim é mais aquele romance, exóticos, aqueles que tenham um final feliz, mas é difícil encontrar um que termine assim.
Estudante 6	É sobre a natureza, tipo assim, muitas vezes tem uma nascente bonita, chega alguém e vai desmatar na ribanceira dela e jogar lixo dentro d'água. O que eu acho muito feio. Sobre como preservar o meio ambiente.
Estudante 7	Ficção, ação, aventura, terror.
Estudante 8	Romance, comédia.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Os temas que mais me interessam são conhecimentos do mundo, conhecimentos sobre áreas que eu mesmo já adoro, coisas que eu abordo, leituras sobre o funcionamento do mundo, a organização do mundo, coisas que influenciam no mundo, no dia a dia.
Professor(a) 1	Os temas que eu me interesse são sobre mudanças na vida, sobre liderança, é... sobre vários assuntos, mas o que mais chama a atenção são esses aí.
Professor(a) 2	Religiosos.
Professor(a) 3	O social, principalmente o social.
Pesquisador(a) 1	Atualidades, romance, ficção científica.
Pesquisador(a) 2	São motivação, romances e causas sociais.

14) Já li e gostei...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Eu li muito pouco, mas gostava dos gibis da Turma da Mônica.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Eu estou lerda, mas eu gosto de ler alguma coisa que ensina, dessas coisas boas mesmo.
Estudante 5	Eu acho que a aula de história. Eu gosto muito da aula de história pra ter assim um conhecimento. Gosto também de ler a bíblia para ter um entendimento assim... me sinto bem quando leio ela. Eu gosto de lê bastante ela.
Estudante 6	Rapaz eu... de tudo que eu leio, eu acho engraçado, eu gosto. Gosto de comédia. Eu sorrio muito, minha mulher fica até falando assim: _ O quê que você tá olhando? O quê que tá acontecendo aí? Eu respondo que é só umas comédias. Um derruba o outro aqui, levanta, corre, espanta. É assim. Que seu gosto.
Estudante 7	Senhor dos Anéis.
Estudante 8	Sobre a história do Brasil, do Estado.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Já li e gostei de Policarpo Quaresma, como menciona sobre o próprio Policarpo, eu gostei muito de Quarto de Despejo, eu gostei. Tiveram outros que agora não lembro o nome, tem um monte de literatura que eu já li desde quando vim pra cá.
Professor(a) 1	Já li vários livros, mas eu gosto mesmo de livros de autoestima.
Professor(a) 2	Um livro que já li e gostei, até citei ele anteriormente, foi O Monge e o Executivo, aquele ali foi uma história de vida, foi algo que me fez pensar até mesmo na minha própria vida. Funcionou comigo porque eu me coloquei no lugar do autor, me passei por ele e algumas coisas dele, tinha haver com a minha pessoa, então teve um aprendizado muito grande para eu.
Professor(a) 3	Vou repetir novamente, Vidas Secas, O Quinze e também tenho uma

	grande paixão por Dom Casmurro de Machado de Assis.
Pesquisador(a) 1	Literatura de cordel.
Pesquisador(a) 2	Vários livros de literatura.

15) Já li e não gostei...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	É sempre notícia ruim que sai no jornal que você lê.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Tem uns livros, eu não sei como é o nome desses livros que só falam coisa assim de terror. Tipo tem essas histórias do tempo da escravidão, é uma coisa assim que aconteceu, que já passou, mas existe ainda hoje. Tá aí uma coisa que eu não gosto. A gente não gosta de ver essas coisas.
Estudante 5	Acho que uma notícia que a pessoa pegar e mandar uma cartinha falando que a pessoa faleceu ou a pessoa tá doente, é isso aí.
Estudante 6	Eu não tenho lembrança. Porque tipo assim o que eu não leio... o que eu não gosto é ver piada de mau gosto. Eu não gosto.
Estudante 7	Acho que receita de bolo (risos).
Estudante 8	Poesia.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Eu li e não gostei. O quê que eu li que não gostei?! Agora essa é difícil, porque tem muita coisa que eu li e não é que eu gostei, é que não gostei de aprofundar muito, mas eu acabei lendo tudo, eu interpretei, eu entendi. Não que eu não gostei, eu só não avançaria mais do que o necessário. Foi um livro de Filosofia, o qual possuía uma linguagem diferente da do dia a dia.
Professor(a) 1	O que eu já li e não gostei, eu nem posso dizer assim que eu li todo e não gostei, porque quando chega no meio da leitura se não me interessa eu já paro de lê.
Professor(a) 2	O que eu já li e não gostei? Teve dois. O primeiro foi um que eu tive muita dificuldade que foi A Bagaceira, outro aqui me fugiu da mente, eu nem estou lembrando direito qual foi ele, mas se não me engano foi Dom Casmurro, não gostei muito dele não.
Professor(a) 3	A mão e a Luva.

Pesquisador(a) 1	O gênero suspense e terror.
Pesquisador(a) 2	Eu não li nenhum livro que não tenha gostado.

16) Gostaria de ler...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Quê que eu gostaria de ler? Um livro dum escritor, sobre um romance.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Tem tanta coisa boa pra ler e tudo é uma coisa assim... sem explicação porque ao mesmo tempo que tem muita coisa boa pra gente ler, tem muita coisa ruim também que tudo vai no bolo. Eu vi passando na televisão de um livro, mas eu esqueci o nome do livro. Tem um livro que é daquele filme, como é que fala? Que eu nunca nem assisti esse filme, que fala parece sobre esse negócio de sexo, essas coisa assim. Cinquenta tons de cinza, eu queria lê aquele livro. Eu vi esses dias parece que na televisão lá em casa mesmo, nós tava cassando um filme e eu vi.
Estudante 5	Eu acho que é tudo, queria ter vontade de ler tudo, ter conhecimento de tudo. Um pouquinho de cada. Acho que não faz mal não.
Estudante 6	O que eu gostaria de ler, que eu quero aprender mais é sobre política. Porque hoje em dia as coisas mais é política. Eu estudar mais com atenção sobre política pra poder a gente saber mais dos ministérios da política.
Estudante 7	Adrenalina 2.
Estudante 8	Sobre Ciências.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Gostaria de ler coisas da área agrária, área que mexe com plantas, que mexe com a estrutura do solo. Eu acho magnífico isso, essa estrutura.
Professor(a) 1	A eu gostaria de ler, hoje eu posso dizer que eu gostaria de ler um mangá pra eu realmente saber o que tem dentro daquelas histórias.
Professor(a) 2	Gostaria de ler e tenho curiosidade para ler, é o livro de Maquiavel, vejo falar muito e tenho curiosidade de ler ele, não li até hoje, mas ainda vou fazer o possível para mim ler ele.

Professor(a) 3	Til, porque vejo muitos colegas meus comentando e eu nunca fiz essa leitura.
Pesquisador(a) 1	Jornais diariamente.
Pesquisador(a) 2	Só gostaria de ter mais tempo para ler, mas não há um livro ou uma categoria especial.

17) Gostaria de não ter que ler...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	O quê que eu não gostaria de ler? Livros de terror, não gosto nem de assisti, valei de ler.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Essas coisa que fala sobre morte, tem muito né? Jornal, tragédias, essas coisas aí.
Estudante 5	De não ter que ler, meu Deus do céu! Eu acho que eu não ter que ler? Tipo uma carta de despedida, eu não quero. Jamais.
Estudante 6	Esse não leria... Muitas vezes uma tragédia muito ruim e que muitas vezes a pessoa tem a pressão baixa, né. E é fraca não gosta de ver sangue. Não é bom à gente ler muitas vezes alto pra pessoa que tá do lado, que muitas vezes ele da um passamento só daquela conversa e eu vou mostrar uma imagem. Pode doer a cabeça.
Estudante 7	Vixe! Aí complica. Eu gosto de lê tudo, aí lasca.
Estudante 8	O que eu mais queria era aprender Redação.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Gostaria de não ter que ler algumas teorias de Filosofia e também algumas coisas sem fundamento, tipo tem vários escritores que escrevem vários livros sem fundamento nenhum. Claro tem alguns deles que são históricos que a gente utiliza para entender como foi o pensamento daquela pessoa, como foi que ela atingiu aquele tipo de foco no passado, têm alguns que são meio sem fundamento, sem entendimento nenhum, simplesmente servem para criar ideologia.
Professor(a) 1	Notícias desagradáveis, mas como na nossa vida nem tudo nos agrada, temos que ler para a gente fazer uma reflexão e tentar mudar os nossos pensamentos sobre aquele determinado assunto.
Professor(a) 2	O Dom Casmurro de Machado de Assis, gostaria de não ter que ler novamente, não.
Professor(a) 3	Em específico, assim não tem nenhuma obra que eu não gostaria de ler,

	porque acredito que se a uma escrituração, há uma importância no contexto no qual está inserido, mas em especial não tem nenhum livro que eu diga: Ah, não tenho vontade de ler.
Pesquisador(a) 1	Não encontrei algo que não gostaria.
Pesquisador(a) 2	Notícias ruins.

18) Ler faz diferença...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Faz, faz muita diferença. Quem lê sempre aprende mais, fica atualizado no mundo de hoje.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Faz e faz muito. Quanto mais a gente lê, mais aprende né? E tem isso, muitas vezes começa a ler um livro achando bom, né? Mas ali no meio já tem esse negócio de tragédia, que judiou da mulher ou do homem, coisa assim.
Estudante 5	Bastante. Ler faz toda diferença. Ter conhecimento, né? Ter entendimento e também assim, faz toda a diferença pra pessoa se preparar para ter um futuro melhor. Faz toda a diferença.
Estudante 6	Porque se você não ler, você não sabe o que tá acontecendo no mundo, na sua infância. E você sabendo ler. Você ler uma notícia de um jornal, de alguma empresa, de algum local, o que aconteceu, o que vai acontecer. É isso aí.
Estudante 7	Faz! Porque a gente aprende mais, a gente pensa uma coisa hoje, quando for lê já é outra coisa, se inspira naquilo e muda. Faz diferença sim.
Estudante 8	Um pouco né, um pouco.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Leitura faz uma diferença gigantesca no nosso dia a dia.
Professor(a) 1	
	A leitura faz muita diferença, um leitor verdadeiro aquele que consegue ler e interpretar, ele tem as ideias diferentes. Eles são pessoas são capazes de transformar outras pessoas.
Professor(a) 2	
	Faz muita diferença, é... eu falo isso porque na minha trajetória de acadêmico e até mesmo no ingressar na educação, fez com eu desembaraçasse muito a língua e conhecimentos. Até mesmo nas disciplinas de matemática, essas disciplinas que contém cálculos, ajuda até mesmo nessa disciplina. Porque ao mesmo tempo em que você lê e compreende o que está se pedindo, o que está se lendo, acaba, diminui

	aquela dificuldade e isso acaba que proporciona um entendimento em tudo.
Professor(a) 3	Bastante, como falei anteriormente, enriquece bastante.
Pesquisador(a) 1	Sim, ler faz toda a diferença na hora de conversar, escrever.
Pesquisador(a) 2	Em todos os âmbitos de nossa vida (pessoal, profissional, social)

19) Ler não faz diferença...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Faz muita diferença.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Faz a diferença sim, ensina muito a gente, muita coisa. Depois que eu comecei a estudar, eu aprendi muita coisa.
Estudante 5	Ler não faz diferença? Faz, bastante. Porque se você não lê, você não vai ter entendimento de nada. Pois como que você vai se empregar no mercado sem saber ao menos do “O”? Que você está fazendo ali, o que você tem que digitar, né? Faz toda a diferença a pessoa saber ler, sem a leitura nós não somos nada, não somos ninguém não. Pra mim o meu pensamento é esse.
Estudante 6	Ler faz diferença! Isso aí não tem sentido. Se você não ler, você não tem capacidade de chegar em lugar nenhum. É tipo assim, se você não ler, você vai num lugar. Hoje em dia se você não sabe ler. Eu tenho um irmão que falou “Eu não vou estudar não” e hoje tá sentindo falta porque não sabe nem fazer o nome dele. Aí ele não escreve uma mensagem, ele só manda áudio, meu irmão mais velho, porque não quis estudar. Meu pai pagou ainda pra nós estudar, mas ele queria era jogar bola, essas coisas assim. É complicado pra ele.
Estudante 7	Faz!
Estudante 8	Faz e muita. Você aprender né. Ler.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	A não leitura tem uma consequência fatal. Que lê está propício a dominar, a movimentar, a plastificar, moldar o mundo pra ele da forma que quiser. Agora quem não lê fica sujeito a essas pessoas, isso a gente pode vê no dia a dia nos jornais, como tem pessoas que não tem o costume, o hábito de leitura, não tem conhecimento sobre o mundo atual e tudo mais, acaba ficando sujeito do jornal. O jornal pode inventar, desmentir diversas leituras do dia a dia.

Professor(a) 1	Ler faz muita diferença, a leitura só não faz realmente a diferença quando você não interpreta o que você leu, mas a partir do momento que você se interessa e você consegue interpretar, aí você acredita que a leitura faz a diferença e é um potencial que você tem na sua vida.
Professor(a) 2	Faz toda a diferença, uma das maiores diferenças é o modo e o jeito de conversar em público, principalmente.
Professor(a) 3	Faz muita diferença, de conhecimento pessoal e coletivo.
Pesquisador(a) 1	Quem lê sempre adquire alguma benesse.
Pesquisador(a) 2	Para pessoas que se acomodaram diante das diversas circunstâncias da vida.

20) As pessoas de quem eu gosto leem...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Agora ficou difícil. Minha esposa lê mais a bíblia.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	A bíblia.
Estudante 5	Ai meu Deus! Minhas filhas que amo demais, elas leem tudo, principalmente na escola, em casa, matemática. A mesma coisa que eu faço. Acho que tudo que eu faço elas fazem também, principalmente matemática, elas leem bastante.
Estudante 6	Rapaz é... Minha esposa gosta de ler a bíblia do Testemunho de Jeová, minha menina gosta de ler coisas da catequese e mistura tudo. Quando nós vamos dormir, nós ler primeiro, ela (esposa) ler uma mensagem, minha menina vai aprender o Pai Nosso, Ave-Maria, Santa Maria.
Estudante 7	Eu não sei te dizer. Eu tenho muita gente que lê, mas sei dizer. Jornal, a bíblia, só isso que eu sei.
Estudante 8	Hoje mais é jornais, né, que o povo lê.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	A pessoa que eu gosto ela lê, a menino ela lê mais do que eu. Ela lê muita literatura e Mangá.
Professor(a) 1	Nem todas as pessoas que eu gosto, gostam de ler, devido também a forma que as pessoas são criadas, elas também desenvolvem esse, esse não gostar de lê, porque o ambiente também favorece a pessoa gostar ou não gostar.
Professor(a) 2	As pessoas de quem eu gosto leem de tudo, de tudo mesmo. É eu lembro que tinha uma colega de faculdade que, nós perdemos até o contato, mas ele tinha o hábito de ler de três a quatro livros por mês, o tempo dela era corrido, mas ela gostava tanto de ler que cumpria a meta de 3 a 4 livros por mês.
Professor(a) 3	Pouco, meu ciclo de amigos, pessoal, assim do dia a dia, sem ser meus colegas de trabalho. Meu ciclo de amigos não gostam da leitura, não tem prazer pela leitura, falam que é chato, não leva a nada, perda de

	tempo. Infelizmente tem essa visão ainda.
Pesquisador(a) 1	Com certa regularidade.
Pesquisador(a) 2	Literatura infantil, literatura infanto-juvenil, literatura brasileira, livros de autoajuda, livros de ficção científica.

21) As pessoas para quem eu gostaria de ler...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Para os meus filhos.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Os meus filhos, meus amigos, meu marido como ele lê pra mim. Ele lê pra mim a bíblia e às vezes eu não dou atenção, mas ele lê uma bíblia. Respeite!
Estudante 5	Eu acho que era pra todo mundo. Eu sou meio empolgada, acho que é porque eu gostaria demonstrar que eu sei que sou entendida da palavra. Eu lia pra todo mundo assim.
Estudante 6	Eu gostaria de ler para a minha esposa mesmo, minha filha que mora no Maranhão que é muito malcriada. E é bom a gente ler para explicar o que aconteceu na vida de outras pessoas. Uma maneira de nos aproximar.
Estudante 7	Minha mãe.
Estudante 8	Meus filhos, professores.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Eu gostaria de ler pra minha namorada. Pra ela eu acho legal fazer uma leitura, ela lê mais do que eu.
Professor(a) 1	Eu adoro ler para os meus alunos, para a minha família também e pra mim, eu gosto de ler para ficar informada sobre as coisas que acontecem ou que ainda irão acontecer fazer essa previsão.
Professor(a) 2	É... meu pai. Meu pai é falecido e foi uma coisa que ele me ensinou, me incentivou muito a estudar, dos filhos eu fui o único que ingressei e concluí a faculdade e isso o deixou muito feliz, pois ele sempre quis ter um filho que estudasse e se formasse. Então, eu gostaria de ler pra ele.
Professor(a) 3	Principalmente para os meus amigos, para abrir os horizontes deles.
Pesquisador(a) 1	Meus alunos.
Pesquisador(a) 2	Sempre leio para minha filha, mas gostaria de ter mais tempo para isso.

22) Sobre leitura...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Sobre a leitura... Vou responder quase repetindo a outra. Leitura é um jeito de se, é... de se capacitar perante a sociedade, buscar novos conhecimentos.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	A leitura pra mim em si é tudo, porque é com a leitura que a gente vai aprendendo muita coisa. A leitura é tudo.
Estudante 5	A leitura eu acho importante na vida de todos nós, né? A leitura é uma coisa que nós temos que ter para poder ter uma leitura melhor, poder ter mais um conhecimento também. É uma coisa que nós tem que ter no nosso dia a dia.
Estudante 6	Sobre leitura... A leitura pra gente é uma oportunidade que a gente tem de a gente aprender e passar pra outras pessoas que não tem e continuar a vida ajudando o próximo.
Estudante 7	Considero a leitura inspiradora, que a gente lê e se inspira e muitas vezes faz aquilo que a gente lê. É isso.
Estudante 8	Tudo, maior preciosidade pra gente.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Sobre leitura... essa é difícil... a leitura pra mim é uma forma de entender o mundo, de compreender as massas, compreender o que acontece no atual, as formas como as coisas se encontram, as tecnologias que a gente tem, como viver no mundo. Construir novas teses, ideologias, novas... tipo uma utopia, mas que funciona que prevalece.
Professor(a) 1	A leitura é uma ferramenta que nós temos como educadores que fortalece o nosso conhecimento e transforma vidas. Porque através da leitura as pessoas se tornam seres intelectuais, seres pensantes que irão deixar de ser alienados e tendo suas próprias ideias.
Professor(a) 2	Sobre a leitura é... eu digo assim que é uma indicação, é uma indicação, é um conselho que eu digo para todos que a leitura é muito

	importante, todos saberem sobre a leitura, adquirir o hábito e colocar em prática, não basta só falar assim: Eu li determinado texto, algo que nós chama a atenção, se não botar em prática. Não adianta, eu digo e oriento a todos.
Professor(a) 3	Acredito que seja a transformação do mundo.
Pesquisador(a) 1	A leitura estimula a busca pelo conhecimento. Deve ser incentivada por pais, professores e pelo Estado com oferta de livros e a criação de mais espaços de leitura.
Pesquisador(a) 2	É algo que nos modifica intelectualmente e faz bem para a nossa saúde.

23) Sobre literatura...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Como fiquei muitos anos afastado (da escola) pra pegar a literatura assim, fica meio difícil. Tô começando agora e a aula é muito curta, aí fica difícil. Quando a professora começa explicar a aula termina. A literatura tem muitas coisas difícil, como a linguagem.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Pra mim essa literatura... Não sei não.
Estudante 5	Literatura pra mim? Literatura pra mim é o conhecimento. Conhecimento das coisas, do futuro, de tudo. Literatura pra mim, acho que é uma coisa que nós tem que usar todo dia, no dia a dia, né? Tanto em casa, quanto na escola. Literatura pra mim é conhecimento também.
Estudante 6	A literatura... é... o que eu pudesse fazer, tipo ajudar em alguma coisa, eu fazia, mas como a gente não tem muita oportunidade não tem como ajudar ninguém.
Estudante 7	Acho a literatura boa, a gente aprende, quando aprende ensina outras pessoas também.
Estudante 8	Tudo na vida da gente, né?
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Sobre a literatura em questão, eu gosto mais da literatura nacional não vou mentir cada literatura menciona sobre o seu cotidiano, do seu país da forma que ele é, seu passado e até mesmo o presente. Pra mim a literatura faz parte da história de um país e a história de um povo.
Professor(a) 1	A literatura é um foco também importante na vida dos alunos e nas nossas vidas também como professores. Apesar de que hoje são poucos alunos que leem, mas a gente tendo esse cuidado de estar mostrando o lado positivo. A literatura também faz a diferença, os livros literários.
Professor(a) 2	Sobre a literatura... eu confesso que... é ... foi uma. Sobre literatura, foi uma coisa assim, eu não sei como que eu posso dizer, uma palavra-chave. Sim, uma coisa diferenciada, isso. Por que uma coisa

	diferenciada? Porque eu, sempre quando alguém me fala sobre literatura, eu me lembro de uma professora de literatura da faculdade, a professora Silvana Rossato, a facilidade que ela tinha, o dom que ela tinha de ensinar, de explicar sobre os autores da época, era tão nítido, tão assim claro que prendia realmente a nossa atenção. E eu comecei até esse gosto pela literatura e direto ela sempre me indicava livros também. Leia esse livro aqui porque é bom, depois que finalizar esse aí, leia esse outro aqui. Orientava dava dicas, então assim sobre a literatura é tudo de bom, principalmente quando você lia determinando livro e na TV passava umas séries sobre esses autores, autores da nossa literatura.
Professor(a) 3	É o berço de toda civilização.
Pesquisador(a) 1	Ela ajuda as pessoas a se conhecerem melhor, a conhecerem outros lugares, traz experiências de outras pessoas, situações cotidianas que aproximam os seres humanos.
Pesquisador(a) 2	Permite a nossa expressão através de palavras.

24) Sobre aula de literatura...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Meio complicado a literatura, né?! A dinâmica da professora é boa, mas como eu falei o tempo é curto, só 25 minutos. Igual eu tava falando para a minha esposa, eu tava querendo largar por conta disso, quando você começa querer entender acaba a aula.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Nós estamos aprendendo aos poucos, mais nós estamos aprendendo. Já temos uma visão mais ou menos. Às vezes ali no momento a gente não sabe, mas depois é que vai captar, né? Com a temática.
Estudante 5	A aula de literatura pra mim é a mesma coisa que eu falo. É conhecimento, leitura, ter conhecimento. Eu acho que um aprendizado pra vida, pra gente. Que a gente tem que levar pra sempre, né? Pra mim é isso.
Estudante 6	É... explica mais as coisas, a gente aprende e se alguém perguntar a gente tem uma noção mais um pouco de que é essa aula. A gente abre a mente mais um pouco e o que eu tenho que dizer é que todos os professores que dão aula aqui, eu acho bom demais. Eles explicam bem as coisas, pra gente aprender.
Estudante 7	Acho boa.
Estudante 8	É importante pra nós.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	A aula de literatura aqui na EJA é muito boa, boa de mais. A professora nos incentiva a irmos a biblioteca selecionarmos o livro que a gente pode ler ou ela mesmo trás alguns textos para a gente interpretar, quando a gente não está na aula de literatura, a gente estava na de produção de texto, então a gente acaba casando um com o outro.
Professor(a) 1	Aula de literatura posso dizer que... não é forte para os nossos alunos EJA que estudam aqui, porque eles até agora a gente pode ver que eles ainda não desenvolveram o lado da leitura, o lado do gostar, do querer.

	Só que a partir de agora, eu acredito que os nossos alunos, principalmente os da 1ª série EJA, eles terão uma nova mentalidade do que é a leitura. Como eles devem fazer pra ler e qual a importância da leitura na vida deles.
Professor(a) 2	Ah! Eu sinceramente assim, as aula de literatura assim, eu gostava quando eu assistia a aula que a professora ensinava na faculdade. Aqui no nosso dia a dia aqui, uma hora por outra dou uma escapulida aqui, falo um pouco sobre literatura, literatura portuguesa, nas aulas de língua inglesa falo um pouco sobre os autores da língua inglesa. Então assim, sempre procuro informar, levar a informação que eu adquiri ao longo dos tempos para o meu alunado, para fazer com que eles também estejam interagidos sobre os diversos autores da nossa literatura.
Professor(a) 3	Eu sinto falta, porque as escolas hoje no seus moldes tradicionais retiraram da sua grade curricular a disciplina de Literatura. Porque anos atrás eu ministrava aula só de literatura, era tão prazeroso e enriquecedor, infelizmente hoje ela está fora do contexto, é só uma parte da língua portuguesa. Pouquíssimas aulas.
Pesquisador(a) 1	Sempre gostei muito.
Pesquisador(a) 2	Enriquece o nosso conhecimento e permite conhecer os diversos movimentos literários.

25) Sobre meus planos futuros em relação à literatura...	
Estudante 1	Não compareceu a entrevista.
Estudante 2	Igual agora que eu comecei a estudar, é ler mais livros, né? E querer aprender mais pra ajudar meus filhos.
Estudante 3	Não compareceu a entrevista.
Estudante 4	Quero ler mais, até porque estou pensando em fazer o ENEM no ano que vem.
Estudante 5	Gostaria de ter mais conhecimento, muito, bastante. Vários tipos de livros eu tinha vontade de lê, né só lê não, tinha que lê e interpretar eles. Todos os tipos de livros que eu queria ter mais oportunidades de ler, que eu não tenho muito, mas vai chegar lá. Eu gosto muito de plantação, mas eu tinha vontade de ler era aquele de direito penal, mas um dia nós chega lá.
Estudante 6	Eu pretendo ter menos serviço e pra mim ter tempo de ler outras coisas diferentes. Pra muitas vezes a gente passar pra alguém, se alguém perguntar, é essas coisas assim. Ficar mais de boa mais a família. Agradeço muito eu ter chegado até aqui, por isso eu só falhei (aula) só um dia só.
Estudante 7	Meus planos é me aprofundar mais, aprender mais.
Estudante 8	Estudar mais e ter mais conhecimento, né. Ler mais livros.
Estudante 9	Não compareceu a entrevista.
Estudante 10	Daqui pra frente é só lê mais, já começa por aí, mas assim dependendo da forma que for daqui pra frente, é... ou eu vou ler mais literatura ou eu vou mais pra parte dos artigos de criação e interpretação de novos conceitos de tecnologias, ciências e tudo mais. Mas assim a literatura não pode faltar, pois a gente vai acabar precisando disso uma hora ou outra, não tem como desviar.
Professor(a) 1	Os meus planos futuros é em primeiro lugar mostrar a importância da literatura para os meus alunos, para que eles possam se fortalecer cada vez mais. Sendo capazes de entender um livro literário, porque nem todas às vezes eles conseguem entender a linguagem, mas com o

	passar dos dias eu acredito que isso irá se transformando. E essa transformação acontece quando eles sentem, são inspirados a fazerem isso aí.
Professor(a) 2	Olha um dos meus planos que eu queria muito, era ministrar aulas sobre a nossa literatura, porque é algo fantástico. Principalmente uma vez eu tirei a dúvida de um aluno que me fez uma determinada pergunta que não tinha nada a ver com o conteúdo que eu estava explicando, sobre alguns autores que se retiravam e se juntavam entre si nas cavernas. Por que alguns autores morriam de tuberculose? Aí como eu já estava interagido, eu falava o porque deles contraído a tuberculose, que eles se reuniam em cavernas úmidas, se embriagavam, bebiam, debatiam. Então assim, é... era uma coisa fantástica, através da curiosidade deles, eu começava a indicar leituras e observava se os livros que eles liam traria conhecimentos. Não dizendo que o livro lido não fosse importante, mas eu indicava outro. Por que eu indicava outro? Porque eu sabia que através daquele livro que eu estava indicando, abriria a mente dele ou dela.
Professor(a) 3	Aposentar e ler o maior número de livros que eu puder, pois não quero deixar o tempo vencer o meu desejo pela literatura.
Pesquisador(a) 1	Quero ler mais livros, relacionados com as escolas literárias.
Pesquisador(a) 2	Me aperfeiçoar cada vez mais através de cursos ou especializações.